



**GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR - SECITECE
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL**

DIONES BEZERRA DE SOUZA

**MULTIMODALIDADE EM CHARGES: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICO-
DISCURSIVA**

CRATO - CE

2024

DIONES BEZERRA DE SOUZA

MULTIMODALIDADE EM CHARGES: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICO-DISCURSIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri – URCA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem e Cultura

Linha de pesquisa: Língua, Discurso e Identidades

Orientadora: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Souza, Diones Bezerra de

S729m Multimodalidade em charges: uma abordagem semiótico-discursiva /
Diones Bezerra de Souza. Crato-CE, 2024.

143p. il.

Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional
do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Maria Margarete Fernandes de Sousa

1.Semiótica Social, 2.Multimodalidade , 3.Discurso , 4.Charge; I.Título.

CDD: 410

FOLHA DE APROVAÇÃO

MULTIMODALIDADE EM CHARGES: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICO-DISCURSIVA

DIONES BEZERRA DE SOUZA

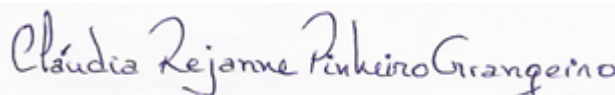
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (PPGL/URCA) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Linguagem e Cultura, linha de pesquisa Língua, Discurso e Identidade.

Aprovada em: 02/04/2024, pela banca constituída pelos membros:

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa
Universidade Federal do Ceará
Orientadora e presidente da banca



Profa. Dra. Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro
Universidade Regional do Cariri
Membro interno



Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais
Universidade Federal de Campina Grande
Membro externo



Profa. Dra. Flávia Cristina Candido de Oliveira
Universidade Estadual Vale do Acaraú
Membro externo



A Deus, dono da ciência; Senhor poderoso e temível.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de amor, reconhecimento e humildade. É um dos sentimentos mais nobres e precisa ser praticado entre os seres humanos. Reconhecer a participação e contribuição de alguém em sua vida pessoal, profissional e intelectual alimenta o espírito afetivo que em nós faz morada.

Por isso, a princípio, agradeço:

A Deus, porque ele é bom e nos ensinou a, em tudo, dar graças em Jesus Cristo (1 Tessalonicenses 5:18).

Esses agradecimentos se estendem também:

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (PPGL/URCA), especificamente, aos docentes que constituem à linha de pesquisa Língua, Discurso e Identidades, que muito contribuíram para a minha compreensão das teorias linguísticas, dos fenômenos textuais, discursivos, sociais e identitários da linguagem.

À CAPES, pelo fomento à pesquisa.

Aos componentes da banca de qualificação, Profa. Dra. Maria Cilânia de Sousa Caldas e à Profa. Dra. Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro, pelo tempo dispensado à leitura desta pesquisa, o que contribuiu para uma construção mais objetiva do arcabouço teórico da Semiótica Social, da abordagem multimodal e Gramática do *Design Visual*.

À Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais, por ter aceitado o convite de participar da banca de defesa, pelas contribuições sugeridas e pelo incentivo desde o período na graduação na UFCG, que adiantou minha chegada ao mestrado.

À Escola Municipal em Tempo Integral Filgueiras Lima, e à Universidade Federal do Ceará (UFC), oportunizando-me espaço para a realização do Estágio de Docência exigido pelo PPGL.

À turma de mestrado 2022.2, pelas trocas de conhecimentos, experiências e trabalhos desenvolvidos juntos.

Enfim, a todos que colaboraram para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À orientadora

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa

Neste espaço, expresso os meus mais sinceros agradecimentos à Margarete por ter aceitado o meu projeto, o que me deu acesso ao PPGL/URCA, e pelas relevantes discussões, de forma leve e prazerosa, que tivemos no decorrer dessa trajetória, bem como o tempo dedicado à orientação desta pesquisa, que foi muito bem orientada e desenvolvida com maestria.

Muitos acreditam em sorte, mas eu acredito na providência divina. Por isso, sou grato a Deus por ter me concedido uma orientadora atenciosa, cuidadosa e carinhosa, visto que sempre Margarete estava atenta às minhas dúvidas, inquietações, aos meus anseios de pesquisar, de divulgar minhas pesquisas e, sobretudo, de produzir esta dissertação com zelo científico para que ela possa servir de apoio para outros pesquisadores que pesquisam nessa área.

Como definir uma pessoa que orienta a outra? Orientar, para mim, é um ato de dedicação e quando nos dedicamos a algo é porque amamos o que fazemos, sendo assim, orientar é, também, um ato de amor. Amor pela profissão, educação e ciência brasileira. É querer ver o outro ascender profissional e intelectualmente. Aqui, afirmo, quem tiver o privilégio de ser orientado/a por Margarete não terá apenas uma orientadora, mas uma mãe-orientadora da pesquisa, porque além dela se preocupar no sentido de instruir o orientando a desenvolver o percurso teórico, metodológico e analítico da pesquisa de qualidade, ela também está atenta ao nosso bem-estar.

Eis uma qualidade que poucos possuem na academia! Sabemos e não podemos deixar de dizer que há profissionais que só cumprem as obrigações do Programa e pouco se importam se você está bem ou não. Por isso, diante de uma sociedade de concorrências, de disputas por poder e fama, e aqui se inclui também a falta de tempo para o outro, a carência de empatia e, principalmente, de amor, porque ele está esfriando nos corações dos seres humanos, se preocupar com o outro, declaro, é uma virtude que precisa sempre ser cultivada.

De fato, quem orienta um trabalho exige do orientando atenção às leituras, à escrita, aos dados e resultados da pesquisa, dentre outros quesitos que comportam um trabalho, mas quando um orientador requer isso de nós é porque ele quer o nosso bem. Isso também é um gesto singelo de amor. Mesmo diante das exigências que a pesquisa nos apresenta, é salutar ter alguém que aponte caminhos para seguirmos, que acredite em nosso potencial, que seja presente, atenciosa, e, reitero, que seja humana. E aqui afirmo: Margarete é!

Por esse motivo, não me canso de agradecê-la por todas as reuniões, pelas sugestões dadas, pelos textos compartilhados que foram essenciais para o desenvolvimento teórico-metodológica desta pesquisa. Além disso, agradeço pela amizade, e, particularmente, por acreditar em mim. Foi uma experiência magnífica ser seu orientando.

Concluo estas simples, mas sinceras palavras, dizendo:

Muito obrigado, Margarete!

“Definimos multimodalidade como o uso de diversos modos semióticos no design de um produto ou evento semiótico, juntamente com o modo particular segundo o qual esses modos são combinados [...]” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 20, tradução nossa¹).

¹ “We define multimodality as the use of several semiotic modes in the design of a semiotic product or event, together with the particular way in which these modes are combined [...]” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 20).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as matrizes verbal e visual, representadas no *design* (conteúdo) dos textos, para a construção dos discursos nas charges sobre o meio ambiente. Para isso, analisamos como os recursos multissemióticos, os modos de linguagem e os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido se combinam, se orquestram e se integram para a construção dos significados desses textos, bem como entendermos como esses discursos de alerta para a prevenção do meio ambiente, presentes nas charges, são importantes no que condiz à conscientização das pessoas. Como base teórica, esta dissertação respalda-se, principalmente, na teoria da Semiótica Social com Hodge e Kress (1988), van Leeuwen (2005), na Abordagem Multimodal e Gramática do *Design* Visual com Kress e van Leeuwen (2001, 2006), Kress (2003, 2010), na teoria Semiótico-Discursiva com Peirce (2005) e Santaella (2005) e nos efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido com Ducrot (1987a). Este trabalho situa-se na linha de pesquisa Língua, Discurso e Identidades e trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo-reflexivo e de natureza qualitativa. A análise dos dados ocorreu da seguinte forma: das 20 charges de autoria do Lute Cartunista que escolhemos para compor o *corpus* deste estudo, selecionamos nove, datadas dos anos 2021, 2022, 2023, que atendiam aos nossos objetivos. Posteriormente, analisamos os recursos multissemióticos, como cores, imagens, tipografias; os modos de linguagem, como expressões faciais, movimentos, gestos; e os efeitos de sentidos posto, pressuposto e subentendido, assim como a construção argumentativa das combinações semióticas desses textos. Os resultados da análise mostram as potencialidades crítico-reflexivas dessas charges, que representam a situação do meio ambiente no Brasil, cujas publicações na mídia social, no caso, a rede social *Instagram* do chargista, são realizações materiais desses discursos que criticam, ironizam e denunciam os problemas ambientais no país. Essas implicações nos permitem concluir que os discursos nas charges constroem-se de modo crítico, irônico, interativo e ideológico pelo uso das linguagens verbal e não verbal, contudo, a construção do discurso se faz, predominantemente, nessas charges, pelo discurso multissemiótico visual.

Palavras-chave: Semiótica Social; Multimodalidade; Discurso; Charge.

ABSTRACT

This research aims to investigate the verbal and visual matrices, represented in the *design* (content) of the texts, for the construction of discourses in cartoons about the environment. To this end, we analyze how multisemiotic resources, modes of language and the effects of posited, presupposed and implied meaning combine, orchestrate and integrate themselves to construct the meanings of these texts, as well as understanding how these warning speeches for prevention of the environment present in the cartoons are important in terms of raising people's awareness. As a theoretical basis, this dissertation is mainly based on the theory of Social Semiotics by Hodge and Kress (1988), van Leeuwen (2005), the Multimodal Approach and Visual *Design* Grammar by Kress and van Leeuwen (2001, 2006), Kress (2003, 2010), in the SemioticDiscursive theory by Peirce (2005) and Santaella (2005) and in the effects of posited, presupposed and implied meaning by Ducrot (1987a). This work is located in the Language, Discourse and Identities research line and it is a descriptive-reflexive and qualitative research. Data analysis occurred as follows: of the 20 cartoons authored by Lute Cartunista (Fight Cartoonist) that we chose to compose the corpus of this study, we selected nine, dated from the years 2021, 2022 and 2023 that met our objectives, subsequently, we analyzed the multisemiotic resources, such as colors, images, typography; the modes of language, such as facial expressions, movements, gestures; and the effects of posited, presupposed and implied meanings, as well as the argumentative construction of the semiotic combinations of all these texts. The results of the analysis show the critical-reflective potential of these cartoons, which represent the situation of the environment in Brazil, whose publications on social media, in this case, the cartoonist's social network Instagram are material realizations of these speeches that criticize, ironize and denounce environmental issues in the country. These implications allow us to conclude that the discourses in the cartoons are constructed in a critical, ironic, interactive and ideological way through the use of verbal and non-verbal languages, however, the construction of that discourse is carried out, predominantly, in these cartoons, through a visual multisemiotic discourse.

Keywords: Social Semiotics; Multimodality; Speech; Cartoons.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Procedimento de busca por teses e dissertações - CAPES	20
Figura 2 - Processo de ação bidirecional	68
Figura 3 - Estrutura transacional	69
Figura 4 - Estrutura não transacional	69
Figura 6 - Reação não transacional	71
Figura 7 - Processo verbal	71
Figura 8 - Processo mental	72
Figura 9 - Taxionomia implícita	73
Figura 10 - Taxionomia explícita	73
Figura 11 - Processo analítico parte/todo	74
Figura 12 - Processo simbólico	75
Figura 13 - Contato direto	77
Figura 14 - Contato indireto	78
Figura 15 - <i>Close-up</i>	78
Figura 16 - <i>Close médio</i>	79
Figura 17 - <i>Close longo</i>	79
Figura 18 - Ângulo frontal	80
Figura 19 - Distanciamento oblíquo	80
Figura 20 - Ângulo alto	81
Figura 21 - Ângulo baixo	81
Figura 22 - Ângulo simétrico	81
Figura 23 - Gol	83
Figura 24 - Valor da informação	85
Figura 25 - Posição central	86
Figura 26 - Saliência	88
Figura 27 - Framing	89
Figura 28 - Aves pantaneiras	110
Figura 29 - Alto índice de calor	112
Figura 30 - Incêndios na Amazônia	113
Figura 31 - Garimpo na Amazônia	115
Figura 32 - Rios da Amazônia	117
Figura 33 - Queimadas na Amazônia	118
Figura 34 - Demarcações em terras indígenas	120
Figura 35 - SOS Yanomami	122
Figura 36 - Queda no desmatamento	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As três matrizes da linguagem e suas modalidades	42
Quadro 2 - As metafunções e seus desdobramentos	60
Quadro 3 - Metafunções de O'Toole (1994) e Kress e van Leeuwen (2006[1996]) ..	63
Quadro 4 - Síntese da Gramática do <i>Design Visual</i>	89
Quadro 5 - Codificação de dados do <i>Corpus</i>	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	- Análise Crítica do Discurso
BDTD	- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFP	- Centro de Formação de Professores
CONAMA	- Conselho Nacional do Meio Ambiente
FUNAI	- Fundação Nacional dos Povos Indígenas
GDV	- Gramática do <i>Design</i> Visual
GSF	- Gramática Sistêmico-Funcional
INPE	- Instituto de Pesquisas Espaciais
LSF	- Linguística Sistêmico-Funcional
PIBID	- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGL	- Programa de Pós-Graduação em Letras
PUC-SP	- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
<i>ScieLo</i>	- <i>Scientific Library Online</i>
UFMG	- Universidade Federal de Campina Grande
URCA	- Universidade Regional do Cariri
UFC	- Universidade Federal do Ceará
UFRJ	- Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Estado da arte	20
1.2 Objeto, objetivos, perguntas de pesquisa e organização da dissertação	24
2 SEMIÓTICA SOCIAL E MULTIMODALIDADE	27
2.1 Semiótica Social	27
2.2 Teoria Semiótico-Discursiva	35
2.3 Teoria das matrizes da linguagem e pensamento	39
2.3.1 Matriz sonora	43
2.3.2 Matriz visual	44
2.3.3 Matriz verbal	46
2.4 Multimodalidade	48
2.5 As metafunções da linguagem segundo Halliday	58
3 A SINTAXE VISUAL	64
3.1 Metafunção representacional	67
3.2 Metafunção interativa	76
3.3 Metafunção composicional	83
3.4 Análise de discursos multimodais	91
3.5 Os efeitos de sentido na perspectiva ducrotiana	96
4 TRAJETO METODOLÓGICO	100
4.1 Gênero charge no contexto metodológico	100
4.2 Caracterização da pesquisa e método de investigação	102
4.3 Delimitação do universo e da amostra	105
4.4 Procedimentos para coleta de dados	107
4.5 Procedimentos de análise de dados	108
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS CHARGES	110
5.1 Os recursos multissemióticos	110
5.2 Os modos da linguagem	115
5.3 Os efeitos de sentido	120
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	129
ANEXOS	141

1 INTRODUÇÃO

A comunicação humana ocorre tanto na modalidade verbal como na não verbal. O nosso discurso está articulado a um gênero, seja ele primário ou secundário. Segundo Bakhtin (1979[2003]), os gêneros primários são aqueles que usamos em nossas práticas interativas mais simples, privadas, cotidianas, comumente, mas não necessariamente, na modalidade oral do discurso. Tais exemplos desses gêneros são as contínuas conversas de *WhatsApp* com nossos familiares e amigos, cumprimentos que fazemos às pessoas na rua, comentários que deixamos em *posts* do *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *Threads* etc. Em contrapartida, os gêneros secundários são mais complexos e possuem finalidades públicas de vários tipos, em vastas esferas ou campos de atividade humana de comunicação. Atas, requerimentos, artigos científicos, romances, ensaios acadêmicos são exemplos de alguns deles.

O texto, conforme considera Marcuschi (2002, p. 5), “é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”², e o discurso, na perspectiva de Bakhtin (2003), é aquilo que o texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva as quais estão inseridos contexto, história, historicidade e ideologia. Para Marcuschi (2002), os gêneros são fenômenos históricos e estão vinculados às comunidades de práticas sociais, culturais e domínios discursivos específicos. Eles “[...] não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano” (Marcuschi, 2002, p. 30). Logo, estes se convencionam, entrecruzam e hibridizam, além disso possuem múltiplas e similitudes configurações, contribuindo, portanto, para a mediação da prática discursiva.

Os recursos multissemióticos empregados em textos impressos e digitais, que se associam às mais distintas formas de representações híbridas da linguagem, são utilizados na construção de mensagens com o propósito de construir e divulgar os discursos. Essas mensagens são arquitetadas por palavras, imagens, cores, marcas tipográficas, gestos, padrões de entoações, olhares, entre outras formas. A esse respeito, a multimodalidade são traços constitutivos dos gêneros, que se mesclam

² Marcuschi (2002) utiliza a terminologia “gênero textual” e não “gênero discursivo”. Salientamos que, assim como os autores de inspiração bakhtiniana usam o termo “gênero de discurso/discursivos”, os de inspiração pecheutiana e foucaultiana utilizam também, mas, nesta pesquisa, primamos pela terminologia utilizada por Marcuschi.

para a produção dos sentidos, logo, os textos que circulam nesse mundo globalizado, norteados, sobretudo, pela tecnologia, são dinâmicos, fluídos, holísticos e plásticos, isso porque eles dialogam com outras interfaces semióticas.

Nesse sentido, pensar acerca da concepção de texto no mundo hodierno nos faz atentar para os inúmeros modos de significação que parte dele, das vastas linguagens responsáveis por sua materialização que ocorre verbo-voco-visualmente. A todo momento vivenciamos situações comunicativas multimodalizadas, falamos, escrevemos, expressamos sentidos através do nosso corpo, isso são diferentes modos semióticos, são distintas formas de significar, de produzir sentidos.

No que diz respeito às discussões sobre a linguagem, Santaella (2005) pontua que ela é múltipla e proliferativa. Segundo a autora, um dos universos onde a linguagem se dissemina é o midiático como meio de hibridização dos processos sógnicos, interessando-se em “[...] compreender como os signos se formam e como as linguagens e os meios se combinam e se misturam” (Santaella, 2005, p. 28). Como disse a autora, as linguagens se combinam, se hibridizam, se mesclam de acordo com as três matrizes da linguagem e pensamento tais como: a matriz verbal, a visual e a sonora. É por meio delas que se configuram as modalidades e submodalidades dos textos que se entrecruzam, dialogam entre si formulando sentidos.

Afirmações como as de Santaella, despertaram curiosidade, interesse e, principalmente, desejo de conhecer melhor o trabalho com a linguagem nos textos multissemióticos, em particular, as charges, as quais vêm me intrigando há bastante tempo.

Nesse sentido, destaco como primeira motivação para o desenvolvimento desta pesquisa, as aulas ministradas pela Professora Doutora Fátima Maria Elias Ramos, nas disciplinas Texto e Discurso e Leitura e Produção de Gêneros I e II, no primeiro, segundo e terceiro semestre da graduação em Letras Língua Portuguesa, no Centro de Formação de Professores – CFP – na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – *Campus* Cajazeiras – Paraíba, onde cursei estas disciplinas.

As teorias estudadas e discutidas em Texto e Discurso, a conhecer: as concepções de leitura, texto e discurso, leitura e produção de sentido, os princípios de construção textual de sentido, entre outras, bem como os conteúdos compartilhados nas disciplinas de Leitura e Produção de Gêneros I e II, a saber: textualidade e gêneros textuais referências para o ensino de línguas, os gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos, as abordagens sócio-discursivas dos gêneros, os

gêneros multimodais e os multiletramentos foram significativas para impulsionar anseio por este tema.

A segunda motivação que me levou a pesquisar sobre esta temática foi a minha participação no programa de monitorias da instituição supracitada, no qual atuei como monitor das disciplinas mencionadas anteriormente. Como essas disciplinas são ofertadas no início do período, muitos alunos, por estarem saindo da Educação Básica e adentrando uma instituição de ensino superior, sentem dificuldades de apreender o conteúdo, sobretudo no que diz respeito à análise dos recursos, modos e combinações semióticas em textos verbais e não verbais.

Conforme a posição ideológica de alguns alunos no período da monitoria, no Ensino Médio, analisam-se gêneros tais como charges, anúncios publicitários, tiras, *memes*, porém de forma superficial, atentando-se apenas para seus elementos linguísticos e gramaticais e não explorando os postos, pressupostos e subentendidos destes, que são do âmbito do discurso; além disso, muitos discentes que optam pelo curso de Letras chegam à Universidade sem saber, ao menos, o que são textos multimodais. Essa lacuna no ensino é, particularmente, importante, pois me identifiquei com as necessidades desses alunos. Embora esta pesquisa não tenha como foco principal a discussão de práticas de ensino, ela poderá contribuir com informações teórico-metodológicas sobre esse assunto.

A terceira motivação que contribuiu para a construção deste estudo foi a minha atuação, no período de 2021 a 2022, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – da UFCG – coordenado pela Professora Doutora Rose Maria Leite de Oliveira, e supervisionado pela Professora Mestra Thalita Amaro. Este programa concede ao graduando adentrar no contexto da escola, principalmente na sala de aula do Ensino Básico, onde ministrei aulas supervisionadas de Língua Portuguesa em uma turma do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Moisés Coelho - EEEFM Dom Moisés Coelho – no município de Cajazeiras, Paraíba.

Por meio dessas aulas, com a aquiescência da supervisora, inserimos na metodologia de ensino a proposta de trabalhar com os discentes a multimodalidade no gênero charge e em outros gêneros, no que tange à análise dos recursos multissemióticos, dos modos de linguagem e dos efeitos de sentido, pois o objetivo era instigar os discentes a irem além do código linguístico, do que está posto no texto em termos da linguagem verbal. Após a conclusão do Programa, essa proposta foi

aprimorada nas aulas de regência do Estágio III e IV, na mesma escola mencionada, porém em outro nível de ensino, o médio. Essa atividade me despertou para a perspectiva em se discutir teórica e metodologicamente os modos de construção nos textos do gênero charge, tema tão caro aos alunos e professores em geral.

A produção de um artigo intitulado “Reflexões sobre o trabalho com os gêneros multimodais: perspectiva dos multiletramentos”, orientado pela Professora Mestre Adriana Moreira de Souza Correa, no período da graduação, constitui-se em uma quarta e importante motivação que também impulsionou-me a dissertar sobre este tema. Nesse trabalho, tivemos como objetivo argumentar sobre o uso de textos multimodais para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio mediante uma prática pedagógica que evidenciasse os multiletramentos.

Nesse artigo, utilizamos a Semiótica Social (Hodge; Kress, 1989), tanto para discutirmos sobre a abordagem multimodal e Gramática do *Design* Visual (Kress; van Leeuwen, 2001, 2006), como para analisarmos uma charge e outros gêneros multimodais. Para esses linguistas, as multissemioses presentes nos textos contribuem para a comunicação social, logo, esse evento semiótico, no qual há a presença de linguagem verbal e não verbal, da norma padrão e não padrão, articula-se como uma ação multimodalizada para a produção de sentidos (Corrêa; Souza; Silva, 2023).

Diante do exposto, percebi que, desde 2012, período que cursei o 9º ano do Ensino Fundamental a 2015, término do Ensino Médio, até o momento presente, ainda perduram lacunas no ensino de Língua Portuguesa, no que diz respeito ao uso de textos multimodais que contribuam para impulsionar e incluir os discentes em diversas práticas discursivas, visto que alguns docentes, em plena era globalizada e multiletrada, ainda primam por um ensino norteado pela gramática normativa. Percebi, também, que mesmo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (Brasil, 2018), orientando a utilização de textos que forneçam o desenvolvimento de práticas de letramentos em diversas esferas da comunicação humana, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, ainda há alguns professores que se detêm no ensino de normas.

No momento atual, essas lacunas ainda persistem. Durante a regência dos estágios supervisionados e da minha participação no PIBID, conforme já supracitado, notei que a utilização de textos multimodais nas aulas é contínua até porque eles estão presentes nos livros didáticos, contudo, no que concerne à análise desses tex-

tos, dentre eles a charge, o direcionamento principal é para a análise linguística dos discursos, ou seja, analisa-se somente o dito verbalmente, desprezando, portanto, os recursos, modos, combinações semióticas, assim como o contexto de uso e produção desse gênero. Tudo isso corroborou significativamente para o surgimento desta pesquisa, pois, mesmo que ela não traga metodologias aplicadas ao ensino de Língua Portuguesa, trazemos, consoante já exposto, reflexões teórico-metodológicas que contribuirão para o melhoramento desse ensino.

Para a construção desta pesquisa, no que tange ao estudo da multimodalidade discursiva, respaldamo-nos nas contribuições de Kress e van Leeuwen (2001, 2006). Para esses autores, a comunicação sempre foi multimodal. Os textos sempre possuem mais de um modo semiótico em sua configuração, nos quais os aspectos visuais possuem relevância na construção dos sentidos dos textos. Para a análise do *corpus*, fundamentamo-nos na abordagem multimodal e Gramática do *Design Visual*, de Kress e van Leeuwen (2001, 2006), que sugere uma leitura que aborde a disposição dos elementos que compõem a imagem com vista à construção de um todo significativo; Santaella (2005), que trata das matrizes verbal e visual; Ducrot (1987a), que analisa os efeitos de sentido e a construção argumentativa em textos diversos, dentre outros autores que nos apoiamos para reforçar as discussões. Ademais, nesta pesquisa, discutimos sobre charge, que é um gênero de teor humorístico e que abre espaço para a discussão de várias temáticas, com expressiva atenção ao discurso. No caso desta pesquisa, do discurso de alerta e prevenção ao meio ambiente.

Em relação à aderência do tema de estudo, a saber, “Multimodalidade em charges: uma abordagem semiótico-discursiva”, ao projeto “Pesquisas linguísticas em gêneros: concepções teóricas e metodológicas”, da Professora Doutora Maria Margarete Fernandes de Sousa, minha orientadora, salientamos a sua pertinência, visto que estes investigam os aspectos linguísticos, os seus fenômenos multimodais e seus mecanismos de produção de sentidos em vastos campos discursivos.

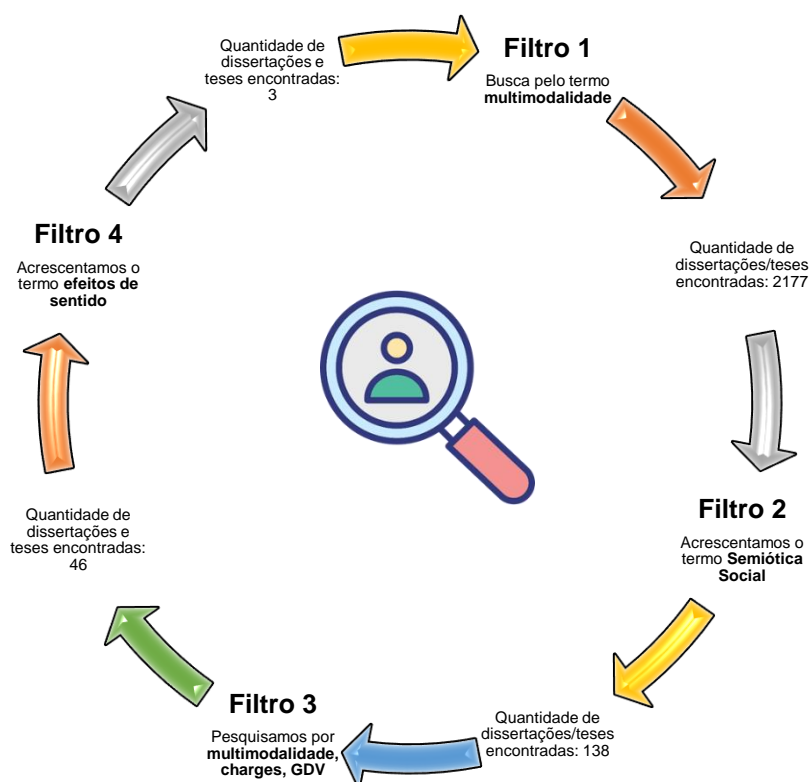
Quanto às contribuições deste trabalho para à linha de pesquisa escolhida, Língua, Discurso e Identidades, e à área de concentração, Linguagem e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (PPGL/URCA), a análise de gêneros multimodais como práticas comunicativas que se materializam em textos, em particular, as charges, nos permitiu observar seus mecanismos sócio-histórico-ideológicos de constituição dos sentidos em práticas

discursivas diversas.

1.1 Estado da arte

Em nossas leituras, consultamos o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES³ e selecionamos filtros disponíveis na plataforma, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 - Procedimento de busca por teses e dissertações - CAPES



Fonte: elaboração própria (2024).

Como sumarizado na Figura 1, percebemos uma quantidade considerável de produções acadêmicas acerca da abordagem multimodal. É importante destacar que, mesmo aplicando filtros, a plataforma selecionou tanto pesquisas que tratam da Semiótica Social quanto da abordagem multimodal, que têm vasta gama de possibilidades e desdobramentos. Como ilustrado acima, ao pesquisarmos sobre multimodalidade, charges e Gramática do *Design Visual*, doravante GDV, encontramos

³ Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

46 pesquisas.

No entanto, ao acrescentarmos o termo “efeitos de sentido”, encontramos somente 3 pesquisas. Desses resultados que obtivemos, analisamos os títulos e observamos que, mesmo abordando multimodalidade, charge, GDV, as análises dos *corpora* decorriam os pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso - ACD, logo, estes trabalhos não exploravam os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido decorrente dos enunciados dos personagens e nem dos recursos multissemióticos e modos da linguagem que são essenciais para a construção dos significados dos textos e da comunicação.

Neste contexto de estado da arte, das 46 pesquisas que discorrem sobre multimodalidade, charges e GDV, selecionamos algumas que se aproximam desta. Dentre elas, destacamos Balbino (2018), Souza (2020), Santos (2013), Gualberto (2016), Silveira (2019), Casagrande (2021) e Tiburtino (2022). Além disso, para ampliar e reforçar nossas pesquisas, decidimos consultar revistas e livros da área de Letras, a fim de encontrarmos trabalhos que dialogassem com este, sendo assim, encontramos alguns, dentre os quais frisamos Silva e Rodrigues (2022) e Farhat e Gonçalves (2022), e os livros de Almeida (2017), Ribeiro (2021) e Santos e Gualberto (2023). Dessa forma, percebemos que essas pesquisas contribuíram de forma significativa, no que tange à concatenação de ideias e desenvolvimento desta pesquisa.

A dissertação de Balbino (2018), fundamentada, principalmente, na multimodalidade e na GDV, abordagens que pertencem à Semiótica Social, propõe-se analisar a manifestação do significado representacional, interativo e composicional nas charges. Neste estudo, o autor utilizou as categorias analíticas de cada metafunção da GDV para analisá-las, tais como: o processo narrativo, a distância social e o valor informacional.

A dissertação de Souza (2020) discorre sobre a leitura de charges no contexto escolar e sua utilização frequente em exames e vestibulares nacionais, contudo, segundo a autora, os manuais didáticos não apontam uma metalinguagem específica para essa leitura. Então, diante dessa lacuna, essa pesquisa contribuiu com os estudos linguísticos acerca da multimodalidade, além disso, esse estudo verificou como a composição multimodal, de acordo com a GDV, pode contribuir para o ensino da leitura de textos multimodais na escola.

A tese de Santos (2013) discute sobre a Semiótica Social, a Gramática Sis-

têmico-Funcional e Multimodalidade: Gramática do *Design* Visual, tendo como objetivo identificar a inter-relação da linguagem escrita com a linguagem visual dos significados ideacionais e interativos. No intuito de ampliar as pesquisas em Semiótica Social aplicadas aos textos multimodais para compreender a construção dos significados, a autora trabalhou com reportagens de mídia impressa.

A tese de Silveira (2019) tem como função propor parâmetros sistemáticos para a elaboração de audiodescrição de charges e cartuns, amparada na Semiótica Social e em seus principais desdobramentos, a abordagem multimodal e a GDV de Kress e van Leeuwen (2006). A análise descritivo-reflexiva do *corpus* sucedeu com foco nos princípios das metafunções representacional, internacional e composicional.

A tese de Gualberto (2016) verifica como a multimodalidade se constitui em dois livros de língua portuguesa. Para isso, a pesquisadora utilizou a teoria da Semiótica Social e a abordagem multimodal como âncora em suas análises, visto que ela analisa os modos e os recursos semióticos dos sentidos dos livros didáticos, a fim de refletir os conceitos de texto e de leitura a partir de perspectiva multimodal.

A tese de Casagrande (2021) tem como objetivo analisar charges multimodais, observando a função persuasiva do humor e da ironia mediante o enfoque da metáfora e da metonímia, ancorada na Linguística Sistemico-Funcional. Conforme a autora, as charges realizam a persuasão via união entre humor e ironia, assim como por meio do *frame* metonímico e das escolhas lexicais feitas pelo autor do texto, o que permite ao leitor interagir com esse texto e recuperar a metáfora conceptual, que é escopo da persuasão.

A tese de Tiburtino (2022), na perspectiva da multimodalidade, investiga os modos e recursos multissemióticos em livros didáticos do Ensino Médio desde a década de 1980. A autora propõe averiguar as mudanças propiciadas pela implantação de textos autênticos em vários gêneros discursivos, bem como analisar a conexão entre os modos de linguagem, a construção de sentidos e contribuições no processo de ensino-aprendizagem de inglês.

O artigo de Silva e Rodrigues (2022) discorre sobre as potencialidades de cores, texturas e tipografias nas atividades de leitura, por meio de estratégias que contribuem para a viabilização da aprendizagem dos alunos quanto aos aspectos multimodais dos textos trabalhados na escola. Ainda, demonstram como os recursos multimodais empregados nos mais diversos gêneros textuais são indispensáveis no

processo de construção de sentidos dos textos pelo leitor. Para a realização de tal pesquisa, as pesquisadoras se ampararam nos pressupostos teóricos da Semiótica Social e na abordagem multimodal.

O artigo de Farhat e Gonçalves-Segundo (2022) delinea noções e procedimentos para a análise de textos multimodais. Esses autores fornecem uma proposta teórico-metodológica que consente ao pesquisador um maior empenho com uma organização clara e replicável do procedimento analítico. Além disso, indicam quatro passos iniciais para a análise de textos multimodais, a saber: observar, selecionar, decompor e investigar.

O livro organizado por Almeida (2017) traz tendências teóricas, metodológicas e analíticas da verbovisualidade. A autora apresenta novas perspectivas em análise visual, ou seja, disserta como texto e imagem podem ser analisados em diferentes formas textuais por meio dos contextos em que são produzidos.

Seguindo também as contribuições da GDV, o livro de Ribeiro (2021) discorre sobre multimodalidade, textos e tecnologias. Ancorada nos estudos de Kress e van Leeuwen (2001, 2006), Kress (2003, 2010) entre outros estudiosos, essa autora concorda que todo texto é multimodal, conforme sustenta a Semiótica Social (Hodge; Kress, 1988). Nesse livro, Ribeiro reuniu textos que apresentam reflexões e exercícios sobre multimodalidade e letramentos e, ainda, dedicou um capítulo para discutir sobre multimodalidade e produção de sentidos em charges sobre o programa Mais médicos.

Ainda, nesse panorama, destacamos o livro “Semiótica Social e Multimodalidade: um tributo a Gunther Kress”, organizado por Santos e Gualberto (2023). Esse livro reúne um conjunto de pesquisas desenvolvidas por pesquisadores no Brasil que trabalham com as teorias desse semioticista social. Além disso, é uma obra que possibilita aos leitores conhecerem o universo da Semiótica Social e da Multimodalidade.

Em face das pesquisas mencionadas sobre a multimodalidade em gêneros chárgicos, percebemos que todos mantêm um diálogo com este trabalho, entretanto, a diferença é que, nesta pesquisa, investigamos as matrizes verbal e visual, representadas no *design* dos textos, para a composição dos discursos nas charges de temática ambiental, ou seja, analisamos como os recursos multissemióticos e os modos da linguagem se integram, se combinam, se orquestram no *design* visual para a construção da comunicação, e também averiguamos como os efeitos de sentido

posto, pressuposto e subentendido do discurso verbal e não verbal contribuem para a construção argumentativa das charges, bem como da realidade social que tratam esses textos, o que torna essa pesquisa relevante e oportuna.

Diante do exposto, as pesquisas que mencionamos aqui são inéditas, não obstante, como já abordado, não identificamos nenhuma que investigue o que estamos propondo nesta, por isso, consideramos pertinente analisar esses recursos multissemióticos nas charges, posto que eles contribuem para a construção do discurso e, especialmente, do discurso de alerta contra a devastação ambiental. Nessa pesquisa, atentamo-nos também aos efeitos de sentidos desses textos, tanto aos postos como aos pressupostos e subentendidos, que são construídos tanto pelo produtor como pelos interlocutores ao entrarem em contato com textos desse tipo. Assim, este trabalho proporcionará o crescimento dos estudos da linguagem, do texto, do discurso em suas vastas configurações.

1.2 Objeto, objetivos, perguntas de pesquisa e organização da dissertação

O objeto de estudo desta proposta de pesquisa são as matrizes verbal e visual, representadas no *design* (conteúdo) dos textos, para a construção dos discursos nas charges sobre o meio ambiente. Buscamos, portanto, analisar os recursos, modos e combinações semióticas nesses textos, a fim de entendermos como esses discursos de alerta para a prevenção do meio ambiente são importantes no que condiz à conscientização das pessoas.

Partindo do objeto de pesquisa já mencionado, propomos a seguinte questão central: de que maneira as matrizes verbal e não verbal, que englobam os recursos e os modos semióticos, bem como os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido e a construção argumentativa, representados no *design* (conteúdo) dos textos, constroem os discursos de alerta e de prevenção nas charges sobre o meio ambiente?

A partir dessa problematização, desenvolvemos nossas questões secundárias:

- a) Como os recursos multissemióticos, tais como: cores, imagens, tipografia, articulam-se para a construção dos discursos nas charges sobre o meio ambiente?
- b) De que maneira os modos multissemióticos, tais como: gestos, expressão

facial, movimentos, arquitetura imbricam-se na construção do discurso de alerta e de prevenção nas charges sobre o meio ambiente?

- c) De que forma ocorrem os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido e a construção argumentativa das combinações multissemióticas na construção do discurso de alerta e de prevenção nas charges sobre o meio ambiente?

Diante dessas questões, acreditamos que as matrizes verbal e visual, representadas no *design* (conteúdo) dos textos, bem como os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido e a construção argumentativa combinam-se para a construção dos discursos de alerta e de prevenção nas charges sobre o meio ambiente.

Além disso, os recursos multissemióticos, tais como: cores, imagens, tipografia, são responsáveis pela construção dos discursos de alerta e de prevenção nas charges, assim como a combinação dos modos de linguagem, tais como: gestos, fala, expressão facial, movimentos, arquitetura, que são condições essenciais para a construção desses discursos, bem como os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido e as combinações multissemióticas atinentes aos recursos e modos de articulação da linguagem, que promovem a construção argumentativa dos discursos de alerta e de prevenção nessas charges.

Para comprovar ou refutar esses pressupostos levantados, o objetivo geral dessa pesquisa é investigar as matrizes verbal e visual, representadas no *design* (conteúdo) dos textos, para a construção dos discursos nas charges sobre o meio ambiente. E como ações específicas para atingir a meta geral, elaboramos os seguintes objetivos:

- a) Analisar os recursos multissemióticos, tais como: cores, imagens, tipografia, na construção do discurso de charges sobre o meio ambiente;
- b) Verificar os modos de linguagem, tais como: gestos, falas, expressão facial, movimentos, arquitetura, na construção do discurso de alerta e de prevenção nas charges sobre o meio ambiente;
- c) Averiguar os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido e a construção argumentativa das combinações semióticas na construção do discurso de alerta e de prevenção nas charges sobre o meio ambiente.

Esta pesquisa respalda-se, principalmente, nos estudos da Semiótica Social (Hodge; Kress, 1988; van Leeuwen, 2005), e nos seus principais desdobramentos: abordagem multimodal e Gramática do *Design* Visual de Kress e van Leeuwen (2001, 2006); Kress (2003, 2010), e da teoria Semiótico-Discursiva com Peirce (2005) e Santaella (1995, 1996, 1996[1983], 2002, 2005) e dos efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido com Ducrot (1987a).

Esta dissertação está organizada em seis capítulos. O primeiro capítulo, **Introdução**, apresenta o tema da pesquisa, as motivações, a justificativa, o estado da arte, o objeto de estudo, os objetivos, as perguntas de pesquisa e a organização do texto. O segundo capítulo, **Semiótica Social e Multimodalidade**, aborda as principais contribuições que embasam as análises realizadas nesta pesquisa, dentre elas, a Semiótica Social, a Teoria Semiótico-Discursiva, a Teoria das Matrizes da Linguagem e os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido, em seguida, ainda neste capítulo, discorreremos sobre a Multimodalidade e as Metafunções da linguagem de Halliday.

O terceiro capítulo, **A Sintaxe Visual**, trata das metafunções representacional, interativa e composicional da GDV, assim como as escalas de análise de um texto multimodal. O quarto capítulo, **Trajetó Metodológico**, discute acerca da charge no contexto metodológico, a caracterização da pesquisa e método de investigação, a delimitação do universo e da amostra, os procedimentos para coleta e seleção de dados e os procedimentos de análise de dados.

O quinto capítulo, **Análise e discussão das charges**, analisa os recursos multissemióticos e verifica os modos da linguagem, que se combinam e se orquestram formulando sentidos, ainda, averigua os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido, que contribuem para a construção argumentativa presente nesses textos. O sexto capítulo, **Considerações finais**, traz reflexões sobre o percurso da pesquisa, a sua relevância para a comunidade científica e as lacunas que encontramos no seu desenvolvimento.

2 SEMIÓTICA SOCIAL E MULTIMODALIDADE

Neste capítulo, discutimos acerca das principais vertentes teóricas que investigam o processo de interpretação e produção de sentidos em textos multimodais adotada para esta pesquisa. A princípio, discorreremos sobre a Semiótica Social que procura estudar o fenômeno semiótico, a dimensão social e os eventos comunicativos na sociedade, subseqüentemente, argumentamos sobre a teoria Semiótico-Discursiva, a fim de entender os processos sígnicos que permeiam nossas práticas sociais e como esses signos se materializam na tessitura textual. Adentramos na teoria das três matrizes da linguagem e pensamento, a verbal, a visual e a sonora, fundamentada nas categorias universais da fenomenologia peirciana e na classificação dos signos em uma perspectiva semiótica, abordamos acerca dos efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido e, a partir disso, tratamos da Multimodalidade, que são os diferentes modos semióticos que se imbricam e comunicam. Ademais, neste ensejo, destacamos outras teorias que reforçam essa discussão.

2.1 Semiótica Social

A princípio, antes de aprofundarmos as discussões acerca da Semiótica Social, achamos pertinente discorrer sobre as três escolas que se dedicaram aos estudos em Linguística, nos últimos setenta anos, na Europa, a fim de estudar os modos não verbais da comunicação. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), a primeira Escola foi a de Praga. Esta, nos anos de 1930 e início de 1940, desenvolveu seus estudos no campo artístico, com os pressupostos de Jakobson, Honzl, entre outros estudiosos, imbuído da Linguística estudada pelos Formalistas Russos.

A primeira referência à semiótica como um ramo da filosofia apareceu em 1690, na obra *Concerning Human understanding*, de John Locke. Posteriormente, com Charles Sanders Peirce (1839-1914) acerca das taxonomias do signo. Nessa perspectiva, Jakobson (1968), leitor dos postulados desses filósofos, enfoca nos princípios subjacentes à estrutura de todos os signos, bem como a sua pluralidade de sentidos emergidos por eles. Outrossim, o linguista concebe a linguagem como um sistema semiótico, e atesta que é necessário incluir outras estruturas semióticas

aos signos, a saber, a arquitetura, a moda, a culinária, entre outras coisas (Kress; van Leeuwen, 2006).

A segunda Escola foi a de Paris, que no período de 1960 a 1970, ampliou as concepções de Ferdinand de Saussure (1857-1913), que defendeu a linguagem como um fenômeno psicossocial constituído de língua (*langue*) e fala (*parole*), para os estudos em semiótica e significação no cinema, com Metz (1973), música, com Nattiez (1997) e moda e fotografia, com Barthes (2005, 2009). Os conceitos desenvolvidos por essa escola discorreram que significante, significado, signos arbitrário e motivado, eixo paradigmático e sintagmático são até hoje assuntos lecionados em cursos sobre linguagem e comunicação, o que conhecemos como a semiologia, uma ciência que estuda os sistemas de significação desenvolvidos pela sociedade (Santos; Pimenta, 2014).

Nesse percurso, a terceira Escola, chamada de Semiótica Social (ou Sociossemiótica) conforme as autoras, teve início na Austrália, em 1980. Ela marca o início dos estudos acerca de sua aplicação aos textos multimodais ao ponderar que todos os modos semióticos estão sobrepostos ao modo verbal, segundo pontuou Halliday (1994), cuja ótica está centrada nas funções da linguagem. Essa escola marca uma nova fase de estudos, haja vista que compreende a ideia de significado como um processo, seguindo as influências dos estudos pós-estruturalistas.

Diante disso, os estudos sociossemióticos, atrelados aos estudos pós-estruturalistas, tem como base inspiradora as teorias sistêmicas funcionais de Halliday (1985), as quais têm seu foco nas funções sociais da linguagem. Essa teoria aborda o significado enquanto escolha, através da qual a linguagem, ou qualquer outro sistema semiótico, é explicado como redes de opções que se interconectam.

Ainda que os estudos analíticos de Halliday sejam os modos verbais (orais e escritos), suas teorias podem ser direcionadas em outros modos semióticos, visto que o próprio autor considerava a linguística como um tipo de semiótica (Halliday; Hasan, 1989). É mediante esses aportes teóricos que Hodge e Kress (1988) dão início à Semiótica Social que, em seguida, motivou Kress e van Leeuwen (2006[1996]) a elaborarem uma metodologia para análise de imagens, a GDV. A Semiótica Social não estuda somente o texto linguisticamente realizado, mas também os modos de representação contidos nos textos (Kress; Leite-Garcia; van

Leeuwen, 2000). Essa ciência não se atenta apenas à fala e à escrita, ela analisa ainda os gestos, as formatações textuais, as tipografias, o *design* dos textos, enfim, tudo que possa representar uma expressão da comunicação que ocorra em um evento social.

Desse modo, a Semiótica Social é uma ciência que investiga práticas humanas, ou seja, as ações do homem como sujeito plurisemiótico no mundo, o seu fazer significar a partir de sua atuação social na sociedade, sua cultura e ideologia específica (Bezemer; Kress, 2008, 2010, 2015, 2017). Enquanto abordagem científica independente, ela passou a ser desenvolvida em meados do século XX, precisamente nos idos de 1970. Restrita ao conceito de Semiótica, a Semiótica Social se destinou, primeiro, a estudar os signos adjuntos ao mundo social e, posteriormente, as modalidades desses signos, isto é, como esses recursos semióticos, à medida que se agregassem, operassem sentidos (Cunha, 2017).

À luz da concepção da autora, o seu enfoque, portanto, é interdisciplinar, visto que essa ciência se interrelaciona com outras áreas do conhecimento científico como a Sociologia, Antropologia etc., objetivando analisar os fatos da significação textual-discursiva. Além disso, permite versar a ideia de significado como uma construção social que está afetada pelos distintos contextos comunicativos.

De acordo com Hodge e Kress (1988), a semiótica tem como objetivo basilar estudar a semiose e seus processos e efeitos de construção de sentidos e circulação de significados em todas as modalidades usadas no contexto da comunicação. Esta abrange os significados socialmente arquitetados à luz de formas semióticas, discursos verbais, não verbais, sincréticos, ou seja, as trocas de mensagens, usadas por todas as pessoas desde a gênese à modernidade.

Para Chandler (2007), o ser humano vive em um mundo de signos, logo, não há como entendermos uma coisa que não seja através dos signos e códigos, posto que eles se configuram, se interconectam com outros signos, se retextualizam e produzem sentidos. Consoante o autor, a semiótica envolve muito mais do que o estudo dos signos, pois, para ele, em um sentido semiótico, signos tomam forma de palavras, são imagens, gestos, sons e objetos.

Dessa forma, a semiótica, enquanto teoria da significação, propõe analisar os mecanismos que orquestram e engendram sentidos (semioses), dado que qualquer

ato de linguagem implica uma semiose. Para Kress (2003, p. 41, tradução nossa⁴), a semiótica “é a ciência do signo, uma fusão de forma e significante, sentido e significado. A Semiótica fornece categorias que se aplicam à representação e comunicação em todos os modos igualmente”. Nesse sentido, ela não está atrelada somente a comunicação verbal, mas valoriza outros modos de linguagem que contribuem para a produção de sentidos.

Cabe aqui destacarmos o que Gualberto e Kress (2019) discutiram acerca da diferença entre Semiótica tradicional, atrelada ao conceito saussuriano, e Semiótica Social. Enquanto na primeira os signos são apenas uma impressão psíquica de um som, sendo, porquanto, arbitrários (algo que o falante apenas repete), na segunda, os signos são motivados e são sempre novos, nunca “usados”. Ao contrário das outras áreas de estudos da semiótica, “[...] a gênese dos signos se encontra nas ações sociais. Na semiose – a produção ativa de signos nas (inter)ações sociais – os signos são produzidos, ao invés de utilizados” (Kress, 2010, p. 54, tradução nossa⁵).

Sobre a noção de signo, Hodge e Kress (1988) criticam o posicionamento de Saussure, Freud, Peirce, Chomsky, Voloshinov e o círculo bakhtiniano, discordando de alguns conceitos e concordando com outros. Os signos, na Semiótica Social, surgem mediante os interesses do produtor, que, por sua vez, resultam de seus conhecimentos sociais. Sobre isso, Gualberto, Brito e Pimenta (2021, p. 13) retomam ao afirmarem que

cada vez que um signo é produzido, ele tem características únicas relativas ao tempo e à sua materialização, tornando-o inédito, contradizendo a ideia estruturalista de que os signos estão prontos e nós escolhemos aqueles que queremos utilizar em determinado momento.

O objetivo da Semiótica Social é o estudo da comunicação humana e sua produção de sentido nos mais variados graus, pois cada ação humana implica não só um sentido, mas vários e estes são ideológicos. Por isso, a noção de signo

⁴ “*Semiotics by contrast is the science of the sign, a fusion of form/signifier and meaning /signified. Semiotics promises to provide categories which applies to representation and communication in all modes equally*” (Kress, 2003, p. 41).

⁵ “*The genesis of signs lies in social actions. In semiosis – the active making of signs in social (inter)actions – signs are made rather than used*” (Kress, 2010, p.54).

motivado⁶ é marca inicial e principal da Semiótica Social (Hodge; Kress, 1988), que é explicado em outros trabalhos como Kress (1978, 1993, 2010, 2015), por exemplo.

O signo, para Kress (1993, p. 172, tradução nossa⁷),

[...] não é produto de uma associação arbitrária de um significante e de um significado, não seja do ponto de vista do produtor ou de uma consideração das características do objeto. Do ponto de vista do produtor, ele representa seu 'interesse' particular no objeto, um interesse que é em si um reflexo de seu lugar no mundo, fisicamente, cognitivamente, socialmente, culturalmente, conceitualmente.

Nesse ensejo, Gualberto, Brito e Pimenta (2021) e Gualberto e Pimenta (2021), em comunhão com os apontamentos teóricos de Hodge e Kress (1988) e Kress (1993, 2010), discorrem que a palavra-chave para a criação de um signo é o interesse. O indivíduo é um agente social, localizado em uma rede de relações sociais, logo, ele “é movido por um interesse específico que o leva a criar um signo (combinação de forma e significado) o qual, naquele momento, seria a melhor representação de algo que ele deseja expressar” (Gualberto; Brito; Pimenta, 2021, p. 13). Ou seja, no ato de produção de um signo, o indivíduo escolhe e cria formas de representação (modos semióticos) que são importantes para o que ele deseja.

A Semiótica Social está atrelada ao processo de produção e recepção do signo (Santos; Pimenta, 2014; Gualberto; Pimenta, 2019). Partindo desse pressuposto, o foco da Semiótica Social é a “forma como as pessoas usam os recursos semióticos para produzirem artefatos comunicativos e eventos para interpretá-los – que é uma forma de produção semiótica – no contexto de situações sociais e práticas específicas” (van Leeuwen, 2005, p. 11).

É importante destacar que o termo “recurso”, utilizado pela Semiótica Social, pertence à LSF⁸, em substituição a noção de “código” da Semiótica tradicional. Para van Leeuwen, recursos semióticos são

⁶ A esse respeito, ler também Santos e Gualberto (2023).

⁷ “[...] is not the product of an arbitrary association of a signifier and a signified, either from the point of view of the producer, or from a consideration of characteristics of the object. From the point of view of the producer it represents his particular 'interest' in the object, an interest which is itself a reflection of his place in the world, physically, cognitively, socially, culturally, conceptually” (Kress, 1993, p. 172).

⁸ Halliday e Matthiessen (2014, p. 23) definiram a língua como um “recurso para produzir significados, e os significados residem em padrões sistêmicos de escolhas”. Tradução de: “resource to produce meanings, and meanings reside in systemic patterns of choice” (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 23). Consultar também Souza, Santos e Mendes (2021) e Pinheiro (2024).

[...] ações, materiais e artefatos que usamos para propósitos comunicativos, mesmo que fisiologicamente – por exemplo, com nosso aparato vocal, os músculos que usamos nas expressões faciais e gestos – ou tecnologicamente – por exemplo, caneta e tinta, ou computador hardware e software – em conjunto com as maneiras pelas quais esses recursos podem ser organizados (van Leeuwen, 2005, p. 285, tradução nossa⁹).

Mediante as informações dissertadas pelo autor, tais artefatos sociocomunicativos nos consentem perceber que o signo, ao se articular com outros signos, em uma situação comunicativa, produz sentidos. De acordo com esses pressupostos, Landowsky (2014) argumenta que o sentido insurge não apenas do oral e do escrito, mas das relações (ideológicas) do sujeito com o contexto, seja ele social ou corriqueiro. Por isso que a Semiótica Social surge dessa necessidade de se revigorarem os fatos de significação, entrelaçada ao contexto como objetos sociais (as atividades a serem executadas) que são compartilhadas e corroboram para a abstração de sentidos. Esses objetos, as atividades discursivas, são flexíveis, dinâmicos e possuem valores.

Essa noção de sentido foi um assunto estudado pela Semiótica Discursiva, tendo como precursor Algirdas Julien Greimas (1966[1973]) em sua obra *Semântica Estrutural*, bem como pela Análise do Discurso de linha francesa, a partir dos estudos de Pêcheux (1988[1975]), em sua obra *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Segundo Greimas (1975, p. 12-13), “o homem vive num mundo significante”, logo, o sentido não se coloca, pois já é colocado em virtude de se impor como uma evidência. É da mesma forma um texto, ou seja, ele é composto por um conjunto de signos que se associam formando o discurso¹⁰. O seu sentido não está exposto e nem se constrói sozinho porque é preciso a interação entre autor e leitor para que este seja formado. Já Pêcheux (1988) concebe a perspectiva do sujeito e do sentido da linguagem mediante a noção de exterioridade, não como algo

⁹ “*Semiotic resources are the actions, materials and artifacts we use for communicative purposes, whether produced physiologically - for example, with our vocal apparatus, the muscles we use to make facial expressions and gestures - or technologically - for example, with pen and ink, or computer hardware and software - together with the ways in which these resources can be organized*” (van Leeuwen, 2005, p. 285).

¹⁰ “O discurso, é preciso deixar claro, nenhuma das correntes que dele tratam consideram-no apenas como uma teia de signos. É isso também, mas as condições de produção, o interdiscurso, os silêncios e os silenciamentos, as relações de poder aí inseridos precisam ser considerados. O discurso não pode ser reduzido, pois, a uma agregação de teia de signos” (Souza; França; Grangeiro, 2023, p. 194).

fora do texto, mas na forma como os sentidos se organizam conjuntamente no texto e em sua discursividade.

Salientamos, a partir das ideias concatenadas por Cunha (2017), que a Semiótica Social, a princípio, rejeitada, passou a ser reconhecida através de sua discussão ampla acerca dos sentidos que, intermediados aos recursos da semiótica, não estão dependentes à precedência das estruturas sociais. Diante disso, ela se deslocou para outra área de estudos, a Análise Crítica do Discurso (ACD).

Com novos paradigmas, a Semiótica Social se destinou a trabalhar os seus princípios semióticos, a saber: “1) a noção de escolha do sistema de linguagem; 2) as configurações de significado a partir do contexto e 3) as funções semióticas da linguagem” (Santos; Pimenta, 2014, p. 8) segundo a Linguística Sistêmico-Funcional, doravante, LSF. Consoante Kress, Leite-Gracia e van Leeuwen (2000), a noção de escolha do sistema de linguagem é relevante em virtude da própria produção de um signo, pois quem o produz já teve a motivação de outro signo e, portanto, já idealizou uma função para este no mundo, o que leva também a uma relação motivada pelo significante e significado a ele atribuído.

Os princípios semióticos amplos, a conhecer, escolha, contexto e função, foram organizados por Halliday (1994[1978]¹¹). Esse autor tematizou a linguagem a partir de uma visão da Semiótica Social, delineada pela LSF. Segundo Santos e Pimenta (2014, p. 300), o norte dessa discussão repousa na concepção de que “a linguagem é um tipo de comportamento social, ou seja, ela tem uma ‘função’ que é construída a partir das interações humanas e está organizada em ‘sistemas’ contextualmente sensíveis”. Assim, entendemos que o uso da linguagem está permeado de significados potenciais, anexos às situações específicas de trocas de informações e influenciados pela organização social e cultural.

Ante ao exposto, é necessário compreendermos também, consoante os processos semióticos, a noção de mensagem, ato semiótico e texto. A mensagem tem direcionalidade, pois quem produziu partiu de um propósito, uma necessidade de comunicar uma coisa, então, ela tem uma origem (foi pensada), uma meta (informar) e um contexto (Hodge; Kress, 1988). A mensagem é orientada pelo processo semiótico, que é um “processo social no qual o significado é estruturado e trocado” (Santos; Pimenta, 2014, p. 300). Há também outro plano, o mimético, em

¹¹ A primeira edição da obra é 1978, mas estamos usando a de 1994.

que a mensagem funciona como representação. “O significado deriva da função representativa ou mimética que a mensagem desempenha e do processo social no qual ela decorre” (Santos; Pimenta, 2014, p. 300).

A semiose não pode ser definida apenas como um processo de acumulação de significados, pois no ato da troca de uma mensagem há um movimento de ir e vir semelhante a uma tessitura, no qual o texto e o discurso estão sendo construídos (Hodge; Kress, 1988). Nessa perspectiva, os autores conceituam o texto como um ato comunicativo socialmente atribuído e com formatação multimodal. Isso significa dizer que, para a Semiótica Social, há dois níveis particularmente importantes: a representação e a comunicação.

O nível da representação é a etapa da produção. Esse nível é complexo e envolve aspectos históricos, culturais e sociais. Diante disso, a representação é

[...] um processo no qual o produtor de um signo, seja adulto ou criança, tenta fazer a representação de algum objeto ou entidade seja ele físico ou semiótico, e no qual o seu interesse naquele objeto no ponto de fazer a representação é complexo e acontece conectado com a história cultural, social e psicológica do produtor do signo e focalizado pelo contexto específico no qual o signo é produzido (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 06, tradução nossa¹²).

Em comunhão com as palavras dos autores, vemos que a escolha da representação de um objeto (físico ou semiótico) é pautado por uma representação dele próprio num respectivo contexto. Para que haja essa representação, é preciso se atentar aos aspectos culturais, sociais e psicológicos do signo. Sendo assim, o objeto de representação não pode ser o objeto propriamente, mas como um aspecto do que é representado.

O outro nível é o da comunicação. Segundo Kress e van Leeuwen (2001, p. 20, tradução nossa¹³), a comunicação é “um processo no qual um produto ou evento semiótico é ao mesmo tempo articulado ou produzido e interpretado ou usado”. Nesse âmbito, a articulação e a interpretação se interconectam, pois ela depende da

¹² “[...] a process in which the producer of a sign, whether adult or child, attempts to represent some object or entity, whether physical or semiotic, and in which his interest in that object at the point of making representation is complex and it is connected to the cultural, social and psychological history of the sign producer and focused on the specific context in which the sign is produced” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 06).

¹³ “a process in which a semiotic product or event is at once articulated or produced and interpreted or used” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 20).

“comunidade interpretativa”, nesse caso, convém ao interpretante ter o conhecimento semiótico para entender o que foi proferido por outrem.

Kress e van Leeuwen “estenderam os princípios desenvolvidos na linguagem para o visual e outros sistemas semióticos ou modos, adaptando o trabalho para esses modos e abrindo, assim, as portas para a multimodalidade” (Paes, 2020, p. 35). Ainda segundo a autora, na obra *Reading Images*, os autores fizeram uma análise do texto visual, com o propósito de identificar seus recursos semióticos (tons de voz, palavra, cor, fisionomia, gestos) a abstração de significados por meio da configuração desses recursos, no intuito de comunicar visualmente ideologias e discursos. Esses estudiosos da linguagem explicam que diferentes versões da Semiótica Social emergiram desde a publicação de Michael Halliday, em 1978, *Language as Social Semiotic*.

2.2 Teoria Semiótico-Discursiva

A Semiótica é a ciência geral dos signos, os quais se materializam em linguagens. Conforme Santaella (1996[1983], p. 9), “a Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”.

A semiótica tem por objeto o texto, visto que, de acordo com Barros (2005, p.7), compete à semiótica “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. A teoria semiótica nos consente penetrar no próprio movimento interno das mensagens, isto é, na forma como elas são ocasionadas, nos modos e recursos nelas utilizados. Além disso, segundo Rodrigues (2005, p. 4),

[...] permite-nos também captar seus vetores de referencialidade não apenas a um contexto estendido, pois em todo processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz.

Em relação à problemática do signo, ressaltamos as considerações da Semiolgia, de Ferdinand de Saussure, e da Semiótica, de Charles Sanders Peirce. Em Saussure (2006[1916]), compreendemos que o signo linguístico é misto, pois ele possui dois elementos constitutivos: o significante e o significado. O significante é o

material do signo (a representação sonora de uma palavra), o significado é o conceito que se tem da palavra (o pensamento, a representação mental). Quando ambos se ajustam, um signo é formado e, ao se unir a outros signos, um sistema é configurado. Já em Peirce (2005), o signo é triádico, porque se constitui mediante um *significante/representamen*, um *objeto/referente*, e um *significado/interpretante* (Peirce, 2005).

O *significante/representamen* é o primeiro correlato do signo porque não se confunde com o signo da relação de representação. O signo representa um objeto e tem a capacidade de gerar um interpretante. O *objeto/referente* comporta dois tipos de signos: o objeto imediato e o objeto dinâmico. O objeto imediato é aquele que está no interior do signo, logo, determina o real ou a realidade, e o objeto dinâmico é exterior ao signo, logo, apreendido pela percepção e representado em signos. E o *significado/interpretante* é o receptor do signo, ou melhor, é o suporte de um signo ou aquilo que funciona como signo.

No que diz respeito ao conceito de signo, Saussure (2006) não leva em consideração o elemento “interpretante” adotado por Peirce. Consoante Araújo (2004, p. 34), nos estudos saussureanos, “não é obrigatoriamente pela relação referencial que o signo tem a capacidade de realizar semiose, isto é, significar algo para alguém”. Nesse sentido, a perspectiva peirciana é aceitável quando se trata dessa relação de signo/realidade, pois a significação/semiose decorre da relação signo-objeto-interpretante.

Vale frisar que a ideia de signo, configurado em linguagem verbal e não verbal, foi estudada, a princípio, pelo filósofo Santo Agostinho, que o distinguiu em natural e convencional. Para o teólogo, os naturais são aqueles que já compreendemos o que significam, ou seja, os que pelo sinal já entendemos o que deve estar ocorrendo, como o sinal de fumaça que está internalizado em nossa mente dizendo que, quando há fumaça, existe fogo por perto, logo, corresponde a uma causa natural. Os signos convencionais estão relacionados com a intencionalidade, em virtude de serem seres que manifestam nossos pensamentos e sentimentos, por exemplo, a comunicação humana, na compreensão do autor, se dá não apenas verbalmente, mas através das sensações e percepções como os gestos, o olhar, o paladar, bem como do olfato (Agostinho, 2002).

Na filosofia de Peirce (2005), todos os fenômenos assimilados pela mente humana são comprimidos a três categorias lógicas: primeiridade (mônada), secundi-

dade (relação diádica) e terceiridade (relação triádica) que são elementos formais, filamentos mais gerais, abstratos e universais de todo o universo. A primeiridade ou mônoda está aliada às ideias de acaso, logo não é análogo a nenhum outro fenômeno. Este é do âmbito da potencialidade, qualidade, originalidade. A secundidade ou díade está ligado às ideias de força, ação-reação, conflito, existência, portanto, se contrapõe ao primeiro. Já a terceiridade ou tríade, é quando um primeiro se relaciona com um segundo, gerando um terceiro. Este está unido às ideias de generalidade, continuidade, crescimento, representação (Santaella, 1995).

Ainda, nessa perspectiva, Peirce (2005) dividiu os signos em tricotomias. A primeira tricotomia trata o signo em si mesmo como uma mera qualidade signíca. Conforme o semioticista, um signo pode ser nominado de *Quali-signo* (qualidade, possibilidade, sentimento), *Sin-signo* (realidade, atualidade, sensação, singularidade) e *Legi-signo* (lei, ideia, lógica). A segunda tricotomia diz respeito às relações do signo com seu objeto, isto é, o fato deste ter um caráter em si mesmo. Nessa tricotomia, o signo é titulado em ícone, índice e símbolo. O ícone se refere ao objeto, existe sem a necessidade direta. O índice se refere ao objeto através de uma relação com a existência, e o símbolo se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, ou seja, ele existe através de uma regra convencional ou não. E a terceira tricotomia aborda a ligação que o signo possui com seu interpretante, assim, este está articulado em *Rema* (signo de possibilidade), *Dicente* (signo de existência real) e *Argumento* (signo de lei e juízo).

Por conseguinte, Araújo (2004) reforça que o ícone é um signo que possui semelhança com o que está sendo apresentado, por exemplo, imagens, desenhos, fotografias, logo, são signos visuais. Já o índice não representa a coisa, mas podemos identificá-lo mediante suas características como os gestos, a entonação das palavras, os olhares, facilitando, portanto, a comunicação, e o símbolo é um signo genuíno que depende de outro signo, um interpretante, para ser compreendido. A esse respeito, com relação ao universo extralinguístico/semiótico, um exemplo bastante recorrente é a imagem da pomba branca, que é associada à paz, o símbolo do Espírito Santo, que, culturalmente, as pessoas o conceberam, ou melhor, o convencionalizaram, contudo, não há indícios de que essas representações sejam reais.

Essas categorias signícas, concatenadas por Peirce (2005), contribuí também para a análise dos dados desta pesquisa, visto que o seu objeto de estudo é a charge e nela analisamos os recursos multissemióticos (cores, imagens, tipografias etc.),

verificamos os modos de linguagem (gestos, olhar, fala, arquitetura etc.) e averiguamos os efeitos de sentidos e a construção argumentativa das combinações semióticas em charges de cunho ambiental. Esses elementos de análise, na teoria peirceana, são os aspectos icônicos (imagens, desenhos, fotografias), simbólicos (emblemas, figuras, objetos abstratos) e indicial (os gestos, entonações das palavras, olhares etc.).

A partir das contribuições desses autores sobre a teoria semiótica do texto e considerando que esta pesquisa analisa os recursos multissemióticos, verifica os modos de linguagem e averigua os efeitos de sentidos presentes em charges, é preciso entendermos como os signos se articulam no texto para fazer sentido e, particularmente, perceber no plano de expressão as escolhas feitas pelos participantes do discurso com o objetivo de atingir suas pretensões comunicativas.

Devido ao avanço cibernético, a linguagem visual faz-se presente em nossas práticas discursivas. Os textos escritos concederam lugar aos textos que apresentam mais de um modo semiótico em sua composição, o que proporcionou efeitos significativos em suas características e configuração. “Não somente os meios, mas também as mensagens se alteraram, podendo, aos poucos, passar a combinar múltiplas linguagens que não somente a oral e a escrita, mas também imagens estáticas e em movimento, músicas e sons variados” (Rojo; Moura, 2019, p. 19). Isso revela a natureza dinâmica da comunicação na sociedade, na qual utilizamos várias modalidades de significar o mundo.

Assim sendo, uma definição de texto seria:

Um tecer junto, um objeto fabricado que é formado por fios tecidos juntos – fios construídos de modos semióticos. Esses modos podem ser entendidos como formas sistemáticas e convencionais de comunicação. Um texto pode ser formado por vários modos semióticos (palavras e imagens, por exemplo) e, portanto, podemos chegar à noção de multimodalidade. Com o advento de materiais computadorizados, multimídia e interacional, esta forma de conceituar a semiótica se torna cada vez mais pertinente (Kress, 1995, p. 7, tradução nossa¹⁴).

Em comunhão com os argumentos do autor acerca da tessitura do texto, a

¹⁴ “A weave together, a manufactured object that is formed of threads woven together – threads constructed in semiotic ways. These modes can be understood as systematic and conventional forms of communication. A text can be formed by several semiotic modes (words and images, for example) and, therefore, we can arrive at the notion of multimodal. With the advent of computerized, multimedia and interational materials, this way of conceptualizing semiotic becomes increasingly pertinent” (Kress, 1995, p. 7).

multimodalidade oferece aos produtores e leitores de textos vários recursos que possibilitam a construção e publicização de trabalhos em âmbitos virtuais com mais excelência e dinamicidade. Então, consideramos importante lançar um novo olhar sobre esta paisagem semiótica¹⁵, no intuito de se estabelecer um novo ementário de pesquisa que robusteça os estudos semióticos no domínio da comunicação e da representação. Diante disso, consideramos importante conhecermos a teoria das matrizes da linguagem e pensamento, de Santaella (2005), posteriormente, as contribuições da multimodalidade, de Kress e van Leeuwen (2001, 2006), pois estas são relevantes no que concerne à essas reflexões.

2.3 Teoria das matrizes da linguagem e pensamento

O estudo das Matrizes da Linguagem e Pensamento, realizado por Santaella, se iniciou por meio de uma pesquisa sobre os problemas de leitura e redação dos alunos da PUC-SP, entre os idos de 1973 e 1975. Essa pesquisadora queria compreender como se estruturava a organização global dos textos, os problemas de coesão e de coerência das produções dos alunos desta instituição. A partir de suas investigações, Santaella (1996) concluiu que os textos se constituem por meio de três matrizes que norteavam a variabilidade da produção textual. Os resultados dessas pesquisas foram publicados na obra *Produção de Linguagem e Ideologia* (1996), no capítulo intitulado *Por uma Classificação da Linguagem Escrita*.

Fundamentada nas categorias fenomenológicas de Peirce (2005), Santaella (2005) dividiu as matrizes da linguagem e pensamento em três categorias: a sonora, a visual e a verbal. Essa divisão decorre do fato de a autora relacionar de forma indissociável a linguagem e o pensamento. Para a autora, “qualquer coisa que esteja à mente, seja ela de uma natureza similar a frases verbais, a imagens, a diagramas de relações de quaisquer espécies, a reações ou a sentimentos, isso deve ser con-

¹⁵ Termo presente na GDV, de Kress e van Leeuwen (2006). Para esses autores, “uma paisagem (um campo, um bosque, um aglomerado de árvores, uma casa, um conjunto de edifícios) só faz sentido no contexto de todo o seu ambiente e da história do seu desenvolvimento [...]. Da mesma forma, características e modos particulares de comunicação devem ser vistos na história de seu desenvolvimento e no ambiente de todos os outros modos de comunicação que os cercam” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 19). Tradução de: “*a landscape (a field, a forest, a cluster of trees, a house, a group of buildings) only makes sense in the context of its entire environment and the history of its development [...]. Likewise, particular characteristics and modes of communication must be seen in the history of their development and in the environment of all other modes of communication that surround them*” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 19). Consultar também Tiburtino (2022), que discorre sobre as diversas linguagens e modos da paisagem semiótica contemporânea.

siderado como pensamento” (Santaella, 2005, p. 55).

Santaella se apropria da noção de signo ampliada por Peirce e assegura que não existe apenas a relação triádica genuína, mas também os quase-signos e os signos degenerados, que podem significar alguma coisa para um intérprete em uma determinada ocasião. Os signos aliam-se ao pensamento sendo, porquanto, imprevisíveis para que este ocorra. Segundo Ponte e Niemeyer (2016, p. 4), a linguagem não é independente da semiose, posto que “a linguagem, porém, diferentemente do pensamento que habita apenas o mundo interior, manifesta-se, exteriorizando-se e materializando-se nas criações humanas”.

Vale ressaltar que Santaella (2005) escolheu o termo matriz por compreendê-lo como lugar onde se gera ou se cria, visto que esta aspirava classificar as linguagens e pensamentos originais onde as demais linguagens se originam. Ponte e Niemeyer (2016, p. 4), afirmam que

assim como as categorias de Peirce buscavam dar conta de explicar a multiplicidade dos fenômenos, as matrizes objetivam explicar a origem das múltiplas linguagens existentes, denominadas como híbridas, por serem uma mescla de três matrizes primordiais.

As matrizes verbal, visual e sonora, baseiam-se na percepção humana. A primeira decorre da faculdade de verbalização do próprio ser humano, a segunda, da visão, e a terceira, da audição. Santaella (2005) afirma que apenas a visão e a audição, como sentidos da argúcia humana, podem criar linguagens, variavelmente do tato, do paladar e do olfato. Para ser apreendida como linguagem, ela deve ter as seguintes características: organização hierárquica e sistematicidade (precisa conter legi-signos); metalinguagem (precisa ser autorreferente) e recursividade (precisa ser passível de registro, ainda que somente da memória). Esta última característica mostra que somente podemos lembrar, revivenciando a sensação, do sonoro e do visual (Santaella, 2005).

As três matrizes da linguagem e pensamento estão associadas às categorias fenomenológicas de Peirce. A sonora, por exemplo, por ser qualidade pura e ter originalidade e potencialidade, realiza a primeiridade. A visual, por haver uma presentificação, uma singularidade existente e uma ação-reação, realiza a secundidade. A verbal, por ter generalidade, continuidade amparada e convencionalidade, realiza a terceiridade.

Abreu e Monteiro (2010) acrescentam que, mesmo a matriz sonora estando para a primeiridade, isso não a impede de se expandir para os domínios da secundidade e da terceiridade, pois elas são reintrojadas no cerne dessa matriz. O mesmo pode acontecer com a matriz visual e verbal, visto que esta se estende para o domínio icônico e simbólico, enquanto aquela apresenta no seu interior correspondências com os caracteres icônicos e indiciais. Um exemplo disso é o caso dos adjetivos e dos discursos descritivos, proeminentemente icônicos, é o caso dos pronomes como “este”, “aquele” que mantêm relações existenciais com seus objetos.

A semiótica peirceana tem uma concepção abstrata de signo, que pode ser aplicada a qualquer forma pela qual ele representa, seja verbal, visual, sonoro, olfativa, gustativa ou tátil. Santaella (2005) sugere que compreendamos cada uma dessas matrizes a partir de suas especificidades próprias, ou seja, torna-se insuficiente tentar compreendê-las seguindo os atributos de outra.

Diferentemente de algumas linhas de pensamento que concebem a linguagem verbal como referência para as outras, Santaella estabelece o que é específico de cada matriz. Na sonora, o eixo é a sintaxe, que é a combinação dos elementos a fim de formar unidades mais complexas; na visual, o eixo é a forma, que é o aspecto exterior dos corpos materiais; e, na verbal, o eixo é o discurso, que é a organização das sequências discursivas. Conforme o exposto, entendemos que a forma incorpora a sintaxe, e o discurso presume a forma e a sintaxe.

Sobre esses eixos, Santaella (2005, p. 79) assim nos esclarece:

A sintaxe, o princípio estruturador mais primordial para o funcionamento de qualquer linguagem, alicerça a forma, assim como ambas, sintaxe e forma, alicerçam o discurso, o que significa que a forma engloba a sintaxe e o discurso engloba a forma e a sintaxe. A lógica da matriz sonora, sob a dominância da sintaxe, é a mais primordial, estando na base das outras matrizes. A lógica da matriz visual, englobando a sintaxe e sob dominância da forma, está na base da matriz verbal cuja lógica discursiva se constitui pela incorporação da sintaxe e da forma.

As três matrizes se referem à modalidade de linguagem e pensamento. O pensamento verbal se realiza em sintaxes que o aproximam do pensamento sonoro e visual. Este, entretanto, “pode se resolver em quase-formas que o colocam nas proximidades do pensamento sonoro ou em convenções tomadas de empréstimo ao pensamento verbal” (Santaella, 2005, p. 373). Semelhantemente, o pensamento so-

norro pode se desempenhar em formas plásticas e absorver princípios que são mais adjuntos da discursividade. Para a pesquisadora, as matrizes verbal, visual e sonora não são excludentes, pois elas comportam-se como “vasos intercomunicantes, num intercâmbio permanente de recursos e em transmutações incessantes” (Santaella, 2005, p. 373).

Em cada uma dessas matrizes, perdura um tipo de signo, pelo fato de estarem interconectadas às tricotomias peirceanas (primeiridade, secundidade e terciaridade). A matriz sonora tem dominância do quali-signo icônico remático, a matriz visual, do sin-signo indicial discente, e a matriz verbal, do leli-signo simbólico argumental. Santaella (2005) explica a diversidade das linguagens e divide cada matriz em três subgrupos. Cada numeração se refere a uma categoria fenomenológica. O Quadro 1 abaixo condensa essas informações.

Quadro 1 - As três matrizes da linguagem e suas modalidades

1. Matriz sonora 1.1 Sintaxes do acaso 1.1.1 Puro jogo do acaso 1.1.2 Acaso como busca 1.1.3 Modelizações do acaso		
1.2 Sintaxe dos corpos sonoros 1.2.1 Heurística dos corpos 1.2.2 Dinâmica das gestualidades 1.2.3 Som e abstrações	2. Matriz visual 2.1 Formas não representativas 2.1.1 Talidade 2.1.1 Marca do gesto 2.1.3 Invariância	
1.3 Sintaxes convencionais 1.3.1 Ritmo 1.3.2 Melodia 1.3.3 Harmonia	2.2 Formas figurativas 2.2.1 <i>Sui generis</i> 2.2.2 Conexão dinâmica 2.2.3 Codificação	3. Matriz verbal 3.1 Descrição 3.1.1 Qualidade 3.1.2 Indicial 3.1.3 Conceitual
	2.2 Formas representativas 2.3.1 Semelhança 2.3.2 Cifra 2.3.3 Sistema	3.2 Narração 3.2.1 Espacial 3.2.2 Sucessiva 3.2.3 Causal
		3.3 Dissertação 3.3.1 Conjectural 3.3.2 Relacional 3.3.3 Argumentativa

Fonte: Santaella (2005, p. 372).

De acordo com o Quadro 1, podemos verificar que cada nuance é explicada por uma categoria dentro de outra categoria. Na matriz visual, por exemplo, podemos constatar que a diferença das formas não representativas, as abstratas, para as

demais é que as não representativas estão no nível da primeiridade, as figurativas, na secundidade, e as representativas, na terceiridade. No entanto, todas constam dentro de uma matriz com dominância da secundidade, e, dessa forma, todas configuram-se como imagens. Este mesmo esquema está presente na divisão das matrizes sonora e visual. Santaella ainda subdivide cada uma dessas subdivisões em outras três partes, que se subdividem ainda em três partes.

2.3.1 Matriz sonora

De acordo com Santaella (2005), a matriz sonora abarca todo e qualquer tipo de som. Seu eixo principal é a sintaxe, pois combina sons, alturas, harmonia, ritmos para formar elementos mais complexos. Em concordância com a autora, Ponte e Niemeyer (2016, p. 7) reiteram que essa matriz “apresenta dominância do qualisigno icônico remático, nível da primeiridade, por tratar do próprio representâmen em si e por apresentar atributos como fugacidade, evanescência e indeterminação”. Na tricotomia da representação do representâmen com seu objeto, o ícone se distingue pelo destaque no primeiro elemento lógico da tríade com baixa referencialidade ao objeto. Assim é o som, ou seja, possui aspecto claro de qualidade pura, bem como sabor, cheiro, textura etc.

Santaella (2005) assegura que, onde houver sintaxe, há matriz sonora. Há nove modos de ouvir, distribuídos em três grandes categorias: Sintaxes do acaso, Sintaxe dos corpos sonoros e Sintaxes convencionais. A primeira, **Sintaxes do acaso** (1.1), evocam a primeiridade da primeiridade. Nesta, o destaque está na espontaneidade e na indeterminação da composição.

No momento em que a linguagem musical rompe as molduras dos sistemas pré-estabelecidos de leis e regras que prescrevem o ato de compor, essa linguagem fica mais flagrantemente exposta às irrupções do acaso. Isso se acentua sobremaneira a partir do alargamento desmesurado dos materiais sonoros, resultante do advento de tecnologias sonoras, especialmente da síntese numérica que, permitindo a produção de efeitos sonoros de todas as ordens, transformou a composição musical em atos de escolhas numa miríade de possíveis (Santaella, 2005, p. 121).

Em sintonia com Ponte e Niemeyer (2016), as irrupções do acaso, mencionadas por Santaella (2005), acontecem de forma livre, inesperada e sem nenhuma determinação. Pode, ainda, ser diligenciado quando se fazem experimentos estéticos-

musicais, de modo que, propositadamente, o acaso aconteça. As autoras também apontaram que o campo adjunto à primeiridade na sonoridade pode ser trabalhado com o desenvolvimento tecnológico do século XX, que permitiu a gravação de sons e, também, a libertação da escrita musical convencional que, nesse contexto, era um meio de captura, registro e reprodução da fugacidade dos sons.

A segunda, **Sintaxe dos corpos** (1.2), evoca a secundidade. De acordo com Santaella (2005), as demarcações da notação musical conduziram a uma concepção de música como um sistema composto por um exíguo número de elementos. Ponte e Niemeyer (2016, p. 8) reforçam que “as alturas e durações dos sons, por exemplo, participavam da escrita, enquanto o timbre não era representado, restringindo os sons aos instrumentos musicais já conhecidos”.

A terceira, **Sintaxes convencionais** (1.3), se introduzem no âmbito da terciaridade da primeiridade. Esta, segundo Santaella (2005), se manifesta nos diversos sistemas musicais produzidos pelo homem, sem restringir a subdivisões, tal qual as duas primeiras que estão atreladas à cultura ocidental. Ponte e Niemeyer (2016, p. 9) acrescentam que “seus componentes fundamentais são o ritmo (combinações das variações de durações e acentos), a melodia (organização vertical das alturas ou combinação simultânea de notas)”.

Ainda que não utilizaremos as contribuições da categoria sonora na análise das charges, pelo fato de não haver presença de som nesses textos, resolvemos elencá-la aqui para situar o leitor quanto à sua relevância, no que condiz à apreciação de músicas, de vídeos, de anúncios publicitários, propagandas veiculadas na televisão, na rede social *Instagram*, no *YouTube* e em outros meios de comunicação, bem como seguir a sequência das matrizes, conforme o Quadro1, concatenadas por Santaella (2005).

2.3.2 Matriz visual

A segunda matriz da linguagem e pensamento é a matriz visual. Explica-nos Santaella (2005) que a representação visual é estudada mediante a estruturação de formas visuais como linguagem. Para a semioticista, onde há forma, há a matriz visual. Essa matriz abrange as configurações visuais fixas, ou seja, as imagens que não possuem tempo próprio, pois o tempo se instaura na matriz sonora, enquanto o espaço, na matriz visual. Sendo assim, as imagens em movimento seriam uma lin-

guagem híbrida, alinhando o visual e o sonoro. Além disso, a autora também afirma que as esculturas pertencem a essa matriz, no que condiz ao caráter eminentemente visual, não apelando para o sentido tátil. Já os objetos utilitários tridimensionais, que são aqueles em que é possível medir comprimento, largura e altura, tais como prismas, cilindros, cones, pirâmides, utilizados pelo homem, não entram nesse grupo.

Essa matriz, ligada à categoria da secundidade, é dividida entre formas não representativas, formas figurativas e formas representativas, se desdobrando em outras nove subdivisões. A primeira, **Formas não representativas** (2.1), corresponde às imagens que têm fragilidade referencial, as abstratas, já que estas necessitam de referências que estejam associadas a algum objeto exterior. Ponte e Niemeyer (2016, p. 10) complementam que elas “se aproximam das características da primariedade nas formas visuais fixas, destacando a qualidade em si mesma: cores tons, formas, dimensões, contornos, brilhos, texturas etc”.

A segunda, **Formas figurativas** (2.2), está na dominância da matriz visual (sin-signo indicial dicente) por serem secundidade da secundidade. Aqui se incluem as imagens que somente fazem menção ao objeto. A título de exemplo, Ponte e Niemeyer (2016) destacam que as pinturas e esculturas mais realistas (índices degenerados); as que têm uma conexão existencial com ele, como a fotografia, a radiologia ou a holografia e imagens que estão codificadas, como as pinturas renascentistas.

A terceira, **Formas representativas**, também chamadas de simbólicas, evocam a terceiridade. Nesta, o foco de dominância desloca-se para a relação signo-interpretante, ou seja, “funcionam como signo porque serão assim interpretadas, pois referem-se ao objeto que denotam em virtude de uma lei ou hábito ou convenção que operam no sentido de fazer com que essas formas sejam interpretadas como se referindo àquele objeto” (Santaella, 2005, p. 248). Alguns exemplos são os símbolos musicais, matemáticos, químicos etc.

Na categoria visual, analisamos os elementos não verbais associados ao meio ambiente como árvores cortadas, água poluída, queimadas, adição de agrotóxicos nas plantas, lixo, fumaça etc., bem como a presença de participantes como homens, morte; os personificados como peixes, pássaros, animais etc. Além disso, averiguamos cores, texturas, brilho, expressões faciais dos participantes, movimentos, ícones, símbolos etc.

2.3.3 Matriz verbal

Santaella (2005) afirma que onde há discurso, há a matriz verbal. A autora classifica o verbal como referente ao domínio do legi-signo simbólico argumental. “O discurso verbal [...] está sempre dirigido para os efeitos interpretativos que é capaz de produzir em processos comunicativos” (Santaella, 2005, p. 117). Essa matriz, que está no âmbito da terceiridade, divide-se em **Descrição**, **Narração** e **Dissertação**. Santaella considerou essas três categorias como os grandes princípios organizadores do discurso.

A primeira subdivisão da matriz verbal é a **Descrição** (3.1). Esta descreve as qualidades de coisas, de objetos, de lugares, de pessoas etc., portanto, se enquadra na primeiridade da terceiridade. A **Narração** (3.2), que é a segunda subdivisão, está para a secundidade da terceiridade por traduzir ações, eventos, conflitos entre atores principais, rivais, figurantes que se desenrolam e impulsionam a história. E a **Dissertação** (3.3), caracteriza-se pela terceiridade por apresentar argumentos que cheguem a premissas de conclusão. Esta última subdivisão encontra-se no âmbito do intelecto, das abstrações racionais. Ponte e Niemeyer (2016, p. 12) reiteram que “como todo discurso nasce do raciocínio, podemos concluir que os três tipos de inferência propostos por Peirce — abdução, indução e dedução — acham-se no cerne do discurso dissertativo”.

Como já mencionamos, de acordo com Santaella (2005), a Descrição, Narração e Dissertação são os três grandes princípios organizadores da sequencialidade discursiva. Essa representação, conforme defende a autora, só acontece em função do potencial representativo da linguagem verbal. A matriz verbal evidencia os princípios de organização sequencial que constituem a base do discurso verbal, contudo, é preciso entender que os princípios que organizam a sequencialidade discursiva estão conexos às capacidades de representação de símbolos que constituem a linguagem verbal. É por essa razão que a autora classifica essa matriz como a terceira, devido a sua natureza simbólica e representativa que compõe a categoria da terceiridade. A terceiridade é a categoria da representação em signos, racionalização e cognição, desse modo, entendemos que a matriz verbal e suas modalidades representam linguisticamente o universo da experiência, além disso, é capaz de espelhar o desenvolvimento cognitivo na linguagem verbal.

No que se refere à perspectiva representativa, simbólica e convencional dos signos da matriz verbal, Santaella (2005, p. 286) destaca que,

[...] como sistema de símbolos, a função representativa lhe é precípua. Há três situações representativas básicas que se constituem em princípios de organização seqüencial do discurso verbal: o descrever, o narrar e o dissertar. O discurso é assim interpretável em função de uma organização lingüística que lhe é específica e que depende daquilo que está nele representado.

Para essa autora, há três universos representativos básicos que correspondem à descrição, à narração e à dissertação, a conhecer: o universo das qualidades, o universo dos fatos e o universo das ideias. Esses universos constituem as características básicas das modalidades da matriz verbal.

Sobre esses universos representativos básicos, Correia (2009, p. 160) nos chama a atenção para o fato de que “a atividade discursiva em três matrizes básicas não constitui um reducionismo das formas e atividades pragmáticas da linguagem verbal”. Como já referido, as matrizes da linguagem são inspiradas nas categorias fenomenológicas de Peirce (2005), logo, isso nos permite compreender a constituição, especificidade e singularidade dos atos de fala, pois essas categorias se desenvolvem de forma crescente, ou seja, da primeiridade à terceiridade, mas são recursivas, de forma que o terceiro carrega elementos da segunda e da primeira categoria, enquanto a segunda carrega elementos da primeira. Diante disso, Santaella não reduz a atividade lingüística a meras categorias formais, mas assegura que essas categorias alicerçam todas as possíveis variações e heterogeneidades discursivas.

Vale ressaltar que Santaella (2005) restringe as modalidades do discurso verbal à linguagem escrita, posto que a descrição e a dissertação se situam mais na linguagem escrita do que na oral. Para essa autora,

[...] isso se explica porque a linguagem oral se caracteriza como código híbrido, tecido no entrecruzamento de várias linguagens (o ritmo, pausas, modulações e entonação da voz características da música: a gestualidade do corpo e do rosto como contrapontos e complementos não verbais ao verbal etc.). Assim como código híbrido, a oralidade só pode ser perfeitamente descrita nos cruzamentos que nela se estabelecem entre as três grandes matrizes: sonora, visual e verbal (Santaella, 2005, p. 288).

As modalidades e submodalidades desenvolvidas por Santaella (2005), conforme o Quadro 1 (p. 41, item 3), evidenciam que, internamente, nas três grandes matrizes que organizam a sequencialidade discursiva, encontram-se características que comprovam as singularidades do funcionamento das leis simbólicas da representação verbal. Como explicita Santaella (2005, p. 289),

[...] foi por ter essa limitação em vista que minha proposta de classificação não se deteve na primeira tríade, descrição, narração e dissertação, mas expandiu-se em submodalidades capazes de exibir em todos os seus desdobramentos a mesma coerência lógica. Isso só foi possível devido à vestimenta da semiótica peirceana que nos apresenta uma fundamentação fenomenológica e epistemológica inédita. Desse modo, a aplicação recursiva das categorias no interior de cada uma das grandes modalidades nos dá nove submodalidades seguintes.

Diante do exposto, assim como nas demais categorias, na verbal, nos atentamos ao discurso, às falas das personagens, às entonações, ao silêncio, ao contexto de produção, assim como aos efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido que emergem dessas configurações.

2.4 Multimodalidade

Em *Reading images*¹⁶, Kress e van Leeuwen (2006[1996]) postularam que a palavra *modalidade* se originou na linguística e se refere ao valor de verdade ou credibilidade de mensagens linguisticamente proferidas, pensadas, encenadas e disseminadas no mundo. A modalidade configura-se mediante marcadores que são usados para expressar o grau de competência de enunciados oriundos em determinados contextos, formais e informais, e para isso utiliza-se de diferentes nuances, matizes da mesma cor, atribuindo à mensagem uma tonalidade ora maior, ora menor, numa gradação crescente ou decrescente, ao se aproximar ou se distanciar do valor de verdade dessa mesma informação.

Em *Multimodal discourse – The modes and media of contemporary communication*, Kress e van Leeuwen (2001) fazem um paralelo entre

¹⁶ “Em 1990, Kress lança com van Leeuwen, a obra *Reading images*, que, posteriormente, ganhou novas edições publicadas pela editora Routledge (1996, 2006, 2021). Nesse livro, encontramos um inventário analítico para se pensar o visual, a partir da Abordagem Multimodal da Semiótica Social” (Santos; Gualberto, 2023, p. 21). Salientamos que, nesta pesquisa, adotamos a segunda edição datada de 2006.

monomodalidade e multimodalidade. Segundo os autores, a monomodalidade é uma linguagem em si mesma, ou seja, esta atenta-se apenas a um evento semiótico, logo, ela não se preocupa com outras linguagens no discurso. A título de exemplo, podemos citar a linguagem musical em seus diferentes estilos tais como: religioso, sertanejo, romântico, pop, *funk* etc., porém, a monomodalidade se atentará apenas à análise de um desses estilos musicais, do mesmo modo a linguagem artística e a literária, cada um dentro dos seus limites. No entanto, devido ao crescimento tecnológico, o campo do discurso monomodal enfraqueceu cedendo, portanto, espaço para o cibernético, visto que estamos situados em um mundo hipermediático, o que permitiu, doravante, a multimodalidade ganhar relevância e autonomia. Nesse sentido, não se concebe, hoje, falar de textos monomodais; os textos são sempre multimodais.

Em termos históricos, a multimodalidade foi empregada, inicialmente, no contexto medicinal¹⁷ em que os psicólogos a utilizaram com o objetivo de estudar as disparidades perceptivas dos pacientes, quando eles tinham o contato com imagens coloridas que serviam de subsídio para mediar a avaliação psicológica. Vale salientar que, com o passar do tempo, esse termo se modificou e ganhou destaque em campos de estudo como a Linguística Textual e, depois, na Linguística Aplicada e na Análise do Discurso (van Leeuwen, 2011).

Salientamos que a multimodalidade presente nos textos não é um fenômeno novo (Kress; van Leeuwen, 2001), também não é uma teoria (Kress, 2015), na verdade, ela sempre foi um contributo das semioses sociais. No Brasil, por exemplo, o termo multimodalidade é relativamente atual, posto que começou a circular nos idos finais do século XX, por influência dos estudos de Kress e van Leeuwen (2006).

À luz da Semiótica Social, a multimodalidade é um dos traços constitutivos da comunicação social entre os sujeitos, porque esse evento semiótico compreende um sincretismo de linguagens, da norma padrão/não padrão, articulando-se, portanto, como uma ação multimodalizada para a produção de sentidos. Todavia, para que isso aconteça, é indispensável que todos os participantes do evento comunicativo articulem suas ideias, coloquem-nas em pauta, compartilhem seus conhecimentos, pois cada um deles têm experiências díspares e, conseqüentemente, esses saberes têm influência sobre as suas leituras (Kress; van Leeuwen, 2001).

¹⁷ Consultar Bezemer *et al.* (2011) e Bezemer e Kress (2014).

Nas palavras de Kress e van Leeuwen (2001, p. 20, tradução nossa¹⁸), a multimodalidade é

[...] o uso de diversos modos semióticos no design de um produto ou evento semiótico, juntamente com a forma particular como esses modos são combinados – eles podem, por exemplo, se reforçar (“dizer o mesmo de maneiras diferentes”), desempenhar papéis complementares ou ser ordenados hierarquicamente.

A ideia de que todo texto é multimodal está em Kress (1995) e Kress e van Leeuwen (1998), e podemos encontrar em várias outras referências desses autores ao longo de seus estudos. A língua sempre tem de ser realizada e acompanhada de outros modos semióticos, visto que “todos os aspectos da materialidade e todos os modos reunidos em um objeto/fenômeno/texto multimodal contribuem para o significado” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 28, tradução nossa¹⁹). Com ou sem imagens em sua composição, os textos sempre foram multimodais.

O campo da multimodalidade explora a produção de significados. Isso ocorre através dos múltiplos modos e meios possíveis de significação que estão disponíveis na sociedade. Entendemos, a partir da visão desses autores que, ainda que seja um texto que contenha apenas palavras (discurso verbal), nele haverá modalidades, pois, conforme a leitura desse texto, iremos perceber as marcas ideológicas de quem o produziu, as entonações no discurso, a tensão e leveza nas palavras, além das formas de apresentação: diagramação, formatação, tamanho da letra, cor, o que corrobora para a orquestração de sentidos e a produção de diferentes discursos.

Nesse panorama da orquestração de significados que brota da multimodalidade, faz-se necessário compreendermos o conceito de modos semióticos, visto que são

[...] recursos semióticos que permitem a realização simultânea de discursos e tipos de inter(ação). Os *designs* usam esses recursos, combinando modos semióticos e selecionando entre opções disponíveis de acordo com os interesses de uma situação de

¹⁸ “[...] *the use of several semiotic modes in the design of a semiotic product or event, together with the particular way in which these modes are combined – they can, for example, reinforce each other (“say the same thing in different ways”), play complementary roles [...] or be hierarchically ordered [...]*” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 20).

¹⁹ “*all aspects of materiality and all modes together in a multimodal object/phenomenon/text contribute to meaning*” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 28).

comunicação particular (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 21-22, tradução nossa²⁰).

Kress (2010, p. 79, tradução nossa²¹) acrescenta que esses “modos são recursos semióticos socialmente enquadrados e culturalmente dados para produzir significado.” *Imagem escrita, layout, música, gesto, fala, imagem em movimento, trilha sonora* e objetos em 3D são exemplos de modos usados na representação e comunicação²². Vale a pena ressaltar que “os *designers* usam esses recursos, combinando modos semióticos e selecionando entre opções disponíveis de acordo com os interesses de uma situação de comunicação particular” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 21-22, tradução nossa²³).

Para Tiburtino (2022), pensar em multimodalidade não é só se atentar aos modos que estão imbricados no texto, mas os motivos, limites e possibilidades que cada modalidade oportunizou na configuração textual. Para essa autora, ao escolher a abordagem multimodal, pode-se indagar, por exemplo:

Qual(is) impacto(s) que a escolha de determinado modo ou recurso reflete no texto? Quais possíveis identidades são projetadas por meio dessas escolhas? Qual efeito que a cor traz ao provável sentido que se deseja produzir? Como essa tipografia contribui na orquestração da mensagem? A que público o texto se direciona? Como os modos ali articulados indicam isso? (Tiburtino, 2022, p. 88).

Por meio dos questionamentos da autora, concordamos com Kress e van Leeuwen (2001) que, em estudos multimodais, a escolha dos modos é tecida “em relação aos propósitos do autor do texto, às expectativas do público e aos tipos de discursos a serem articulados” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 31, tradução nossa²⁴).

O prefixo “multi” de multimodalidade, na perspectiva de Kress (2000), concerne à variedade de modos disponíveis no campo da comunicação e suas potencialidades de significar. Assim, o objetivo da multimodalidade é, precisamente,

²⁰ “[...] *semiotic resources that allow the simultaneous realization of discourses and types of inter(action). Designs use these resources, combining semiotic modes and selecting from available options according to the interests of a particular communication situation*” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 28).

²¹ “*modes is a socially shaped and culturally given semiotic resource for making meaning. Image, writing, layout, music, gesture, speech, moving image, soundtrack and 3D objects are examples of modes used in representation and communication*” (Kress, 2010, p. 79).

²² Ver também Gualberto (2017), que discute sobre leituras multimodais à luz da Semiótica Social.

²³ “*Designers use these features by combining semiotic modes and selecting from available options according to the interests of a particular communication situation*” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 21-22).

²⁴ “*in relation to the purposes of the author of the text, the expectations of the public and the types of discourses to be articulated*” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 31).

“explorar diferentes potenciais para prover meios de expressar visões, posicionamentos, atitudes, fatos; e habilitar a produção do que é mais adequado para uma tarefa ou necessidade específica [...]” (Kress, 2015, p. 62, tradução nossa²⁵).

Reiteramos que a multimodalidade é uma abordagem de estudos que se interessa em investigar as formas de significação modernas, e para isso os modos semióticos são recursos importantes na construção da comunicação. Nesse viés, como esses textos possuem uma multiplicidade de culturas e iconicidades, Kress e van Leeuwen (2001) apontam três domínios nos quais os significados são organizados, se referenciando à LSF, a conhecer: o **design**, a **produção** e a **distribuição**.

O **design**²⁶ está vinculado tanto no conteúdo (onde o texto diz o que diz, o seu significado) como na expressão (a manifestação do conteúdo), pois, conforme Kress e van Leeuwen (2001, p. 05, tradução nossa²⁷), o *design* “é o lado conceitual da expressão e o lado expressivo da concepção”. Nesse sentido, no *design* usamos os recursos, modos e combinações semióticas, além disso, recorreremos às formas de expressão dos discursos no contexto de uma comunicação. Os discursos tomam forma por intermédio dos modos semióticos, ou melhor, os canais de comunicação que ligam texto, imagem e discurso, expressos no *design* e que tem o potencial de significados dos discursos.

A **produção** diz respeito à utilização de materiais no processo construtivo da comunicação. “É o trabalho físico seja por humanos ou máquinas, um trabalho físico de articular texto” (Santos; Pimenta, 2014, p. 10). É a organização da expressão articulada pelos objetos digitais, ou seja, o homem usa os seus conhecimentos tecnológicos e executa na produção do *design*. O meio de produção está intimamente associado com os diferentes canais sensoriais, porque “cada meio está caracterizado por uma configuração particular de qualidade material, e cada uma destas qualidades materiais está ligada por um conjunto particular de órgãos sensoriais” (Santos; Pimenta, 2014, p. 10).

²⁵ “*explore the different potentials for providing means of expressing views, positions, attitudes, facts; and to enable the production of what is best suited to a specific task or need [...]*” (Kress, 2015, p. 62).

²⁶ É importante salientar que o conceito de *design* foi cunhado pelo Grupo Nova Londres (1996), a fim de reconhecer o que Kress (2000) chamou de hibridização linguística da paisagem semiótica.

²⁷ “*it is the conceptual side of expression and the expressive side of conception*” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 05).

No tocante ao estrato da **distribuição**, ele é considerado como não semiótico, visto que está associado, em primeiro momento, às tecnologias que são usadas na preservação e transmissão de informações. Em segundo nível, a distribuição tem a função de transformar a comunicação porque ela pode criar novas representações e mudar o significado semiótico. “A partir desses estratos – discurso, *design*, produção e distribuição –, a multimodalidade tematiza a forma como o significado se organiza, como pode ser expresso por diferentes modos semióticos e quais semióticas produz” (Santos, Pimenta, 2014, p. 10).

Retomando as discussões acerca do *design* em textos multimodais, Kress e van Leeuwen (2001, p. 62, tradução nossa²⁸) afirmam:

Fazer *design* é ativo, agentivo, ainda muito regido por regras, restrições, práticas convencionalizadas de dois lados. Do lado dos recursos de *design*, os modos têm articulação cultural por meio da história de seu uso social, e tais articulações significam que os elementos dos modos, e as combinações em que eles aparecem, têm estabilidade (relativa). O *design* tem de atuar com e contra essa estabilidade.

Os autores consideram o *design* como parte da composição enunciativa. A configuração, concepção e elaboração de um texto requer planejamento. Nesse sentido, é preciso saber escolher os recursos para compor um texto de modo que eles contribuam para a emissão da mensagem. Em charges, por exemplo, o uso de cores quentes (ligadas ao fogo e ao sol), como o vermelho e o laranja, causam sensações de alerta, estímulo e ação. Do mesmo modo em ambientes onde vendem comidas, lanches, como restaurantes, padarias, em que o uso dessas cores, associadas ao *design*, estimulam as pessoas a quererem consumir os aperitivos. Para obterem esses resultados, o produtor precisa conhecer o público-alvo, o contexto onde o *design* será empregado e o veículo de disseminação da mensagem, caso seja compartilhada em algum ambiente digital.

As cores servem para denotar objetos, pessoas, lugares e ideias (Kress; van Leeuwen, 2002; van Leeuwen, 2011). A cor é um recurso semiótico e para estudá-la é preciso levar em consideração os seus aspectos materiais e tecnológicos, dentre

²⁸ “*Designing is active, agentive, still very much governed by rules, restrictions, and conventionalized practices on both sides. On the design resources side, modes have cultural articulation through the history of their social use, and such articulations mean that the elements of the modes, and the combinations in which they appear, have (relative) stability. Design has to work with and against this stability*” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 62).

os quais estão a matriz, a saturação, o material das tintas e os artefatos tecnológicos que consentem o uso de cores em textos digitais.

Sobre isso, Kress e van Leeuwen (2001, p. 47, tradução nossa²⁹) argumentam que “a tecnologia digital torna possível que uma pessoa administre os modos e implemente uma produção multimodal sozinha”. Como já pontuamos, para que isso ocorra, é necessário ter conhecimentos, saber operar programas, manusear ferramentas tecnológicas, mas, sobretudo, saber qual modo usar e para qual proposta.

Afirma van Leeuwen (2011) que as cores e seus significados estão interligados ao contexto de cada cultura. Ainda, van Leeuwen (2014, p. 398, tradução nossa³⁰) pontua que as cores “não aparecem por conta própria. Seus significados não podem ser separados dos objetos que elas colorem.” Por exemplo, o preto pode estar relacionado ao luto, ao medo e à tristeza em culturas ocidentais, em contrapartida, o branco, na crença japonesa, é a cor da morte e da doença.

Assim, para que a cor não fique aberta a qualquer interpretação e nem corresponda à situação comunicativa empregada em uma dada produção, é importante observar o contexto em que os sentidos e sentimentos estão inseridos e os discursos normativos que os circundam. A esse respeito, Yared (2011, p. 229) reforça que “dependendo da época, da cultura, do desenvolvimento econômico, a cor terá o seu significado construído socialmente. Portanto, as práticas sociais vão construindo o significado das cores”.

A cor, sozinha, nada diz; o que importa é como as pessoas a utilizam (van Leeuwen, 2011). Ou seja, como elas usam para construir a representação do mundo (função ideacional de Halliday 1994); como os sujeitos interatuam (função interpessoal) e como os atos de linguagem realizam práticas sociais específicas, como reportagens, palestras, jornais (Yared, 2011).

Ao se reportar à multimodalidade alusiva aos textos, Jewitt (2009) elucida que ela é uma abordagem interdisciplinar porque fornece aspectos conceituais e metodológicos acerca das modalidades gestuais, sonoras e visuais nos textos. A multimodalidade é uma abordagem interdisciplinar porque está presente em outros

²⁹ “digital technology makes it possible for one person to manage modes and implement multimodal production alone” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 47).

³⁰ “colours do not come on their own. Their meanings cannot be separated from the objects they are colours of” (van Leeuwen, 2014, p. 398).

campos de estudo, o medicinal é um deles como já citado nesta pesquisa. Ainda, ela é originada da Semiótica Social que compreende a comunicação e a representação para além da linguagem.

Falar de multimodalidade é abordar a relevante contribuição das tecnologias no processo de comunicação, pois através de ferramentas podemos construir textos, desestabilizá-los e refazê-los, além disso, aplicar neles modos tais como: imagens, cores, efeitos especiais, som etc. As tecnologias digitais são significativas na pesquisa multimodal, dado que, segundo Jewitt (2009), a comunicação humana sempre foi multimodal, porquanto, não é uma abordagem nova, visto que a multimodalidade já existia, todavia, com a globalização e o aumento significativo da mídia digital, ela ganhou mais espaço no mundo, principalmente no âmbito publicitário³¹.

A despeito das novas tecnologias, Kress e van Leeuwen (2001, p. 68, tradução nossa³²) asseguram:

As interfaces modernas de computador tentam fazer a percepção e a leitura mais físicas. A manipulação física de objetos (o *mouse*, o *joystick*, a caneta, a tela *touchscreen* etc.) reposicionam a visão. Ler textos fica mais parecido com usar coisas, e até potencialmente mais transformativo, sempre permitindo aos usuários não apenas ler, mas também reescrever, não apenas usar, mas também adaptar.

Kress e van Leeuwen (2001) contestam alguns linguistas por não terem considerado a expressividade do *design*, assim como “a noção do senso comum de que o significado reside na linguagem verbal ou que a linguagem é a maneira central de representar ou de comunicar e que todas as outras são ‘extralinguísticas’ ou ‘paralinguísticas’ nunca foi e não será defensável” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 68, tradução nossa³³). Ao se reportar às afirmações desses autores, Ribeiro (2021) postula que a tecnologia trouxe mudanças nas práticas de leitura e de sua radical aproximação com a escrita. Para essa autora, “a linguística ainda se preocupa muito

³¹ Sobre isso, sugerimos consultar o trabalho de Sousa (2017), que vem se dedicando aos estudos dos anúncios publicitários.

³² “Modern computer interfaces attempt to make perception and reading more physical. The physical manipulation of objects (*mouse*, *joystick*, *pen*, *touchscreen*, etc.) repositions vision. Reading texts becomes more like using things, and even potentially more transformative, always allowing users to not just read but also rewrite, not just use but also adapt” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 68).

³³ “the common sense notion that meaning resides in verbal language or that language is the central way of representing or communicating and that all others are ‘extralinguistic’ or ‘paralinguistic’ has never been and will not be defensible” (Kress; van Leeuwen, 2001, p. 68).

timidamente com questões que fujam ao escopo do estritamente verbal” (Ribeiro, 2021, p. 28).

Na abordagem multimodal, nem sempre a linguagem exerce o papel essencial na interação. Ainda que ela seja reconhecida como o modo mais significativo na comunicação, na perspectiva multimodal, a fala e a escrita são apenas uma parte do conjunto multimodal, pois cada modo, ao se ajustarem, tem um fundamento no ato da comunicação, reforçou Jewitt (2009).

Nessa mesma linha de pensamento, concordamos com Adami (2017), ao apontar que o modo verbal não é o protagonista nos textos, pois nos comunicamos, diariamente, por muitas formas. Para esse autor,

[...] criamos sentido com muito mais do que a linguagem. Podemos dar instruções com um gesto de mão, negar com um aceno de cabeça e mitigar o constrangimento com um sorriso; podemos mostrar um foco através do olhar, solidariedade com o toque e distância ao posicionar nosso corpo; podemos expressar nossa identidade (momentânea) por meio de peças de roupa ou de uma foto de perfil; podemos moldar afiliações de gênero através da cor e profissionalismo com o tipo de fonte; podemos comunicar ideias abstratas por meio de um diagrama e humor por meio de música ou um emoji (Adami, 2017, p. 4, tradução nossa³⁴).

Além do exposto, o autor também frisa que a escrita e a fala são recursos semióticos que nos dispomos na comunicação, no entanto, não utilizamos cada um deles isoladamente. A comunicação é multimodal porque agregamos esses recursos nos textos, nos eventos comunicativos sociais e corriqueiros que produzimos, realizamos e interpretamos.

Na ótica de Dionisio (2005, p. 160), os textos multimodais “são textos especialmente construídos que relevam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa”. Em face do exposto, a autora discorre acerca das ações sociais praticadas pelas pessoas e que elas são fenômenos multimodais, pois estamos a todo momento usando um gênero (oral ou escrito) para nos comunicarmos, e à medida que os utilizamos estamos recorrendo às inúmeras modalidades que podemos usar, seja por meio do nosso corpo (as expressões

³⁴ “We make meaning with far more than language. We can give directions with a hand gesture, negate through a head shake, and mitigate embarrassment through a smile; we can show focus through gaze, solidarity with touch, and distance by positioning our body; we can express our (momentary) identity through pieces of clothing, or a profile picture; we can shape gendered affiliations through colour, and professionalism with font type; we can communicate abstract ideas through a diagram, and mood through music, or an emoji” (Adami, 2017, p. 4).

faciais, os movimentos com as mãos, os pensamentos que são construídos na nossa psique e que são refletidos nos nossos olhares, entre outras), seja através da nossa escrita como (as marcas ideológicas, o tamanho e cor das letras de um anúncio publicitário, um desenho, a composição de uma música, entre outras).

Nesse ensejo, Kress e van Leeuwen (2006, p. 216, tradução nossa³⁵) ampliam, doravante, a ideia de texto:

Objetos materiais que resultam de uma variedade de práticas representacionais e produtivas que empregam uma gama de recursos significativos organizados como sistemas (que são chamados “modos”), e uma gama de mídias, de materiais – superfícies de produção (papel, pedra, plástico, tecido, madeira etc.), substâncias de produção (tinta, ouro, luz etc.) e as ferramentas de produção (cinzel, lápis, caneta, pincel, estilete etc.).

Entendemos, a partir da definição apresentada pelos autores, que o uso de vastos elementos não linguísticos em um texto torna-se muito maior do que a palavra em si, o que também expande ainda o sentido e a complexidade desse objeto, quando o tomamos para estudo, por exemplo. Adicionar cor, moldura, movimento, som em um texto é significativo, pois deixa-o atraente, instiga o leitor a querer conhecê-lo, lê-lo e as tecnologias contribuíram e contribuem para que isso aconteça. As tecnologias são, para os autores, “parte fundamental dos processos semióticos: por meio diferenciado que elas promovem aos sentidos construídos pela produção e pela recepção” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 217, tradução nossa³⁶).

Em Kress (2003, p. 17, tradução nossa³⁷), encontramos a expressão “poder semiótico” que é “o poder de produzir e disseminar sentidos”, mediante as interações sociais, aos modos e recursos semióticos que constam nos textos impressos³⁸ e digitais e que são essenciais para reforçar a mensagem que o produtor quer transmitir. O autor trata, ainda, da distribuição do poder semiótico que, atualmente, “está mais com o leitor do que com o texto ou com o produtor” (Kress,

³⁵ “Material objects that result from a variety of representational and productive practices that employ a range of significant resources organized as systems (which are called “modes”), and a range of media, materials - production surfaces (paper, stone, plastic, fabric, wood, etc.), production substances (paint, gold, light, etc.) and production tools (chisel, pencil, pen, brush, stylus, etc.)” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 216).

³⁶ “fundamental part of semiotic processes: through the different means they promote to the meanings constructed by production and reception” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 217).

³⁷ “the power to produce and disseminate meanings” (Kress, 2003, p. 17).

³⁸ Sugerimos consultar o trabalho de O’Halloran (2009), que estuda o uso da linguagem e imagem em textos impressos.

2003, p. 176, tradução nossa³⁹). A distribuição desse poder, segundo Ribeiro (2021), é tema afeto à escola e ao letramento, no que diz respeito à prática de leitura e de escrita, por exemplo.

Concordamos com Ribeiro (2021) ao elucidar que formar leitores não é uma tarefa fácil. A leitura e a produção de textos multimodais vêm se ampliando, segundo a ascensão das mídias digitais em nossa sociedade. Logo, conhecer seus modos de produção, reprodução e circulação torna-se relevante, especialmente no que tange à análise desses textos, ou seja, saber lê-los com mais perícia e menos ingenuidade. As charges de temática ambiental, política, econômica, são exemplos desses textos⁴⁰.

Como essa pesquisa discute sobre multimodalidade em charges, torna-se insuficiente tratar um gênero como esse na sala de aula e considerarmos seus elementos não verbais como paralinguísticos e extralinguísticos, sendo que esse texto, assim como os inúmeros textos multimodais que existem e circulam no mundo, são resultados da orquestração de todas as suas camadas de sentidos.

Sobre isso, Kress (2004, p. 11, tradução nossa⁴¹) ressalta:

Não podemos mais esperar compreender os textos escritos olhando apenas os recursos da escrita sozinha. Eles precisam ser vistos num contexto de escolha de modos feita, os modos que aparecem junto com a escrita e também no contexto dos modos que não foram escolhidos.

O autor reitera que o modo escrito é somente uma parte da mensagem, portanto, a escrita é parcial em relação à mensagem inteira. Isso fica explícito na análise de um texto multimodal, pois ainda que ele não apresente elementos visuais, apresentará, conseqüentemente, *layout*, que é sempre resultado de escolhas de edição. Em seguida, mediante as contribuições da LSF, discutimos as metafunções da linguagem de Halliday (1994).

2.5 As metafunções da linguagem segundo Halliday

³⁹ “*it is more with the reader than with the text or its producer*” (Kress, 2003, p. 176).

⁴⁰ A esse respeito, ver também Ribeiro (2018).

⁴¹ “*We cannot hope to understand written texts by looking at the resources of writing alone. They must be looked in the context of the choice of modes made, the modes which appear with writing, and even the context of which modes were not chosen*” (Kress, 2003, p. 11).

Halliday (1978) desenvolveu uma teoria gramatical conhecida como Gramática Sistêmico Funcional – GSF e, conseqüentemente, a abordagem reputada como Linguística Sistêmico Funcional - LSF⁴². Segundo o britânico, o significado das estruturas linguísticas deve estar no escopo da descrição gramatical, ademais, discorreu que o funcionamento dos textos tem uma organização triádica e simultânea.

A LSF entende que a expansão da linguagem contribui para a geração de significados, pois não interagimos de modo a trocar sons, palavras ou sentenças. É nesse viés que Halliday (1978) propõe a multifuncionalidade de todo o uso da língua. Em nossas ações comunicativas diárias, a linguagem desempenha simultaneamente três metafunções (**ideacional**, **interpessoal** e **textual**) e elas não operam de maneira isolada, mas interatuam no desenvolvimento do texto atribuindo-lhes um caráter multifuncional. Essas metafunções também conjeturam na estrutura da oração e se interligam diretamente com a léxico-gramática de uma língua (Santos, 2014).

Os significados ideacionais são representados pela nossa experiência na linguagem, dado que cotidianamente estamos falando sobre um assunto ou com alguém fazendo alguma coisa. Os significados interpessoais correspondem às relações sociais que temos com outras pessoas. Nessas relações, manifestamos os nossos pensamentos acerca do mundo e das pessoas que o habitam, construímos e desconstruímos ideais a partir das experiências vividas, das inúmeras leituras que fazemos para desenvolver pesquisas científicas na área que atuamos, além dos diálogos contínuos com pessoas de respectivas culturas e credos. Como estamos sucessivamente expressando atitudes e desempenhando papéis ao usar a língua, os significados textuais corroboram para organizarmos os nossos conhecimentos que adquirimos no percurso de nossa vida e para compartilharmos essas experiências estruturamos nossos dizeres, baseados em outros dizeres, em formas de textos coerentes (Santos, 2014).

O Quadro 2 ilustra os sistemas e suas realizações conforme as metafunções desenvolvidas por Halliday (1994):

⁴² A LSF foi originada por Halliday e desenvolvida por seus colegas, a saber: Halliday e Hasan (1989), Eggins (1994), Thompson (2003), Martin e Rose (2003) e Martin e White (2005).

Quadro 2 - As metafunções e seus desdobramentos

METAFUNÇÃO	SIGNIFICAÇÃO
Ideacional	Sistema de representação de mundo e suas experiências
Interpessoal	Sistema de relações sociais
Textual	Sistema de organização do texto

Fonte: Elaboração própria (2024) com base em Halliday (1994).

As metafunções são compiladas de acordo com as necessidades de comunicação, bem como do contexto de situação. Cada metafunção tem uma significação própria, isto é, uma função a ser executada no ato do discurso. Conforme o Quadro 2, os modos de significação são elementos funcionais do sistema semântico da língua que são produzidos no decorrer da interação social, funcionando concomitantemente na construção do texto. Cada metafunção se interconectam e isso é resultado de um sistema operacional específico. Segundo Santos (2014, p. 172), “o que permite à língua produzir essa multifuncionalidade semântica é um nível intermediário de codificação chamado de léxico-gramática”.

Halliday e Matthiessen (2004) compreendem a linguagem sob dois escopos: a representação do mundo, ou seja, como cada sujeito atribui sentidos ao que vê, toca, sente, e à interação com as pessoas, ou seja, como agimos perante as ações de cada sujeito, diante do que ele pensa, aceita ou refuta. Esses propósitos são organizados textualmente e suas significações e relações entre esses significados conferem à língua uma unidade coerente e significativa.

Segundo os autores, numa perspectiva funcional da linguagem, a realização do significado ocorre dentro da oração. Por conseguinte, essa perspectiva fornece uma gramática da oração que, imergida na dimensão ideacional do significado, compreende a oração como uma representação, a linguagem em suas distintas modalidades como aparelho comunicativo que descreve as ações humanas, o fazer do homem num mundo de significações e ideologias.

Na **metafunção ideacional**, o sujeito, que recorre aos inúmeros discursos existentes no mundo, constrói a realidade em torno de si, logo, organiza e alia, na língua, sua experiência dos fenômenos do mundo real. Ela está dividida em dois elementos, o *experencial* que são as escolhas léxico-gramaticais feitas pelos participantes ao organizarem seus textos (a transitividade), e o *lógico*, relacionado com as inter-relações das orações centradas no propósito de representar significativamente a participação dos sujeitos no mundo real. Esse sistema

configura-se em questões como: quem fez o quê, para quem e em qual circunstância? (Halliday; Matthiessen, 2004).

Nessa perspectiva, na concepção hallidayana, a linguagem reflete o que nós pensamos acerca do mundo como um construto de acontecimentos (os processos) que envolvem entidades (os participantes) com um pano de fundo de detalhes de tempo, lugar, modo (as circunstâncias). Esses três acontecimentos, emaranhados no ato linguístico, caracterizam a experiência no que compete à transitividade.

Na **metafunção interpessoal**, um usuário da língua interatua com os outros sujeitos, permitindo-lhe fazer escolhas relativas à modalidade, à linguagem e a elementos característicos do evento da fala, apregoando ponderações e estilos. Essa metafunção tem o papel de organizar e expressar o mundo interno e externo dos indivíduos, além disso, concebe ao falante trocar informações com outros sujeitos mantendo assim suas relações sociais. É por meio dela que os falantes também expressam e disseminam suas ideias, avaliações e costumes. Nesse sentido, essa metafunção é interacional e pessoal, pois ela organiza e expressa tanto o mundo interno como o mundo externo de cada participante, um ser significativo e permeado de linguagens funcionais (Santos, 2014).

Ao interagirmos com alguém, colocamo-nos em diferentes papéis de fala. Dentre esses papéis, os mais importantes são: *dar* e *demandar*, nos dois, o falante dá alguma coisa ao ouvinte (informação) ou requer algo. Essas categorias, consoante Halliday e Matthiessen (2004, p. 107, tradução nossa⁴³), “[...] envolvem noções complexas em que ‘dar’ significa *convidar a receber* e *demandar convidar a dar*. O falante não só faz algo para si como também requer algo do ouvinte”. Outra característica entre *dar* e *demandar* volta-se para a natureza do que está sendo trocado: bens, serviços ou informações. “Essas duas variáveis definem as quatro funções discursivas primárias: oferta, comando, declaração e pergunta” (Santos, 2014, p. 175).

Para mais, a **metafunção interpessoal** é organizada em dois blocos: Modo Oracional e Resíduo. Entende-se por Modo Oracional a forma como o argumento é sistematizado na oração e consiste em duas partes: sujeito (o grupo nominal), operador finito (grupo verbal). É nesse modo que “recai o peso maior da oração”

⁴³ “[...] they involve complex notions in which ‘giving’ means inviting to receive and demanding inviting to give. The speaker not only does something for himself but also demands something from the listener” (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 107).

(Santos, 2014, p. 176) porque o sujeito é a entidade em que recai a validade da oração; é ele que fica responsável pelo funcionamento da oração em práticas discursivas; e através do operador finito que é possível atestar a legitimidade da oração, no que condiz à polaridade, à modalidade e tempo. Compreende-se por Resíduo os elementos funcionais que o constituem tais como: predicado, complemento e adjuntos.

Sobre a **metafunção textual**, sua função principal é organizar os elementos linguísticos integrantes de significados ideacionais e interpessoais. Essa metafunção tem como objetivo organizar o texto a partir de escolhas e combinações feitas nos níveis lexical, gramatical e semântico, pois eles fornecem recursos para a constituição dos sentidos internos, através das informações contidas no cerne do texto, e externos, por meio da relação com o contexto linguístico, pragmático e extralinguístico, dos conhecimentos enciclopédicos dos sujeitos e de suas relações com o mundo. Essas combinações e interações resultam na construção do todo significativo, na unidade textual.

As metafunções são rotuladas pela língua(gem) na superfície das orações, conforme pontuou Halliday (1994). Logo, a oração, composta por signos que se ajustam de forma coesa e coerente produzindo sentidos, é organizada em torno da estrutura tema/rema e dado/novo.

O tema é a informação dada no discurso, portanto já conhecida pelo falante, o rema é a informação nova, logo não enunciada no discurso ainda. Para melhor compreendermos vejamos os seguintes exemplos: suponhamos o seguinte diálogo: Falante 1 pergunta: O que Suzana comprou? Falante 2 responde: Suzana comprou uma Bíblia. A pergunta feita pelo falante 1 é a informação velha, a resposta dada pelo falante 2 é a informação nova.

É importante destacar também que, quanto à descrição de imagens estáticas, há duas vertentes de estudo que se originaram da LSF de Halliday (1994), dentre as quais estão a de O'Toole (1994) e a de Kress e van Leeuwen (2006[1996]). De acordo com Silveira (2019, p. 71), esses autores “desenvolveram estruturas descritivas para compreender, descrever e analisar sistematicamente a linguagem visual de diferentes tipos de imagens”, que são propostas pioneiras no que se sugerem.

O'Toole (1994) desenvolveu o Mapa da Linguagem Visual, em que analisa a linguagem das obras de arte, como pinturas, esculturas e arquiteturas. Esse autor

pretende averiguar o impacto da obra de arte com o mundo social de produção e como ela é vista pelas pessoas. Não obstante, Kress e van Leeuwen (2006[1996]) desenvolveram a GDV, que é uma metodologia proveniente da Semiótica Social, sob fundamento da LSF. A GDV analisa a comunicação visual, por meio de leitura de imagens estáticas nas culturas ocidentais.

As metafunções desenvolvidas por esses linguistas, a fim de analisar como as imagens significam, tomaram como base as três metafunções propostas por Halliday, apresentadas anteriormente. O’Toole e Kress e van Leeuwen sugeriram outras nomenclaturas, como podemos ver no Quadro 3 abaixo.

Quadro 3 - Metafunções de O’Toole (1994) e Kress e van Leeuwen (2006[1996])

Metafunção de Halliday (1994)	Metafunções de O’Toole (1994)	Metafunções de Kress e van Leeuwen (2006[1996])
Ideacional	Representacional	Representacional
Interpessoal	Interacional	Modal (Interacional)
Textual	Composicional	Composicional

Fonte: Elaboração própria (2024) com base em Halliday (1994), O’Toole (1994) e Kress e van Leeuwen (2006[1996]).

Como exposto no Quadro 3, as metafunções de Halliday receberam outras designações por O’Toole e Kress e van Leeuwen, que usam as mesmas denominações, para serem aplicadas na descrição e análise de pinturas, esculturas, arquiteturas e outros gêneros de imagens estáticas⁴⁴.

Diante das considerações acerca das metafunções de Halliday (1994), no próximo capítulo, a partir da semiótica funcional das imagens, apresentamos as metafunções **representacional**, **interativa** e **composicional**, que compõem a GDV de Kress e van Leeuwen (2006).

⁴⁴ A esse respeito, ler também Magalhães e Araújo (2012), que argumentam sobre metodologias para elaboração de audiodescrições em museus a partir das contribuições da Semiótica Social e da abordagem multimodal.

3 A SINTAXE VISUAL

Conforme os estudos da linguagem verbal e visual, de Kress e van Leeuwen (1996 [2006, 2021]), compreendemos que a comunicação é multissemiótica. Para esses autores, os recursos visuais e sonoros presentes em um texto reforçam o valor de informação dos discursos. A linguagem não verbal não depende da linguagem verbal para significar, dado que ambas representam linguagens com limitações e potencialidades de uso na comunicação. Na charge, assim como em outros gêneros multimodais, por exemplo, a linguagem verbal e a linguagem não verbal não representam a mesma informação, visto que estas possuem potencialidades, marcas ideológicas e significações distintas.

Silva (2006), ancorada em Kress e van Leeuwen (2006), admite que fazer analogias com a linguagem verbal não implica que as estruturas visuais sejam semelhantes às estruturas linguísticas, posto que a relação entre ambas acontece de forma geral. A esse respeito, os significados que decorrem da linguagem verbal e visual coincidem em parte, visto que, conforme a autora, algumas coisas podem ser expressas verbal e visualmente, mas, em outras partes, podem divergir, porque há coisas que podem ser “ditas” apenas na modalidade visual, outras na modalidade verbal. De qualquer modo, ainda quando algo pode ser comunicado verbal e visualmente, a forma como isto é dito é diferente, pois “o que é expresso pela língua por meio da escolha entre diferentes classes e estruturas semânticas, na linguagem visual é expresso por meio da escolha, por exemplo, entre diferentes cores ou diferentes estruturas composicionais” (Silva, 2006, p. 31-32).

Por meio das colocações da autora, não devemos mais pensar em linguagem monomodal. Agora, portanto, devemos pensar em uma linguagem multimodal, na qual o sentido de uma mensagem se constrói por meio das relações sociais que se associam aos distintos recursos e modos semióticos de representação utilizados para a sua composição.

Na produção de um texto, por exemplo, os recursos visuais que compõem a tessitura textual são representacionais (representam e constituem o todo). Nesse sentido, se torna insuficiente analisar um gênero textual e se atentar somente para a linguagem escrita, uma vez que pode haver no texto recursos como imagens em 3D, figuras de linguagem, onomatopeias, cores etc., que podem expressar o seu

conteúdo. O texto, segundo Kress (2010, p. 148, tradução nossa⁴⁵), “é uma entidade semiótica multimodal”. A presença dos recursos verbais e visuais em um texto contribuem para a construção de sentido, nesse caso, não podemos dizer que uma linguagem é mais relevante do que a outra na construção desse sentido.

Nas observações de Dionisio (2005), amparada nas lições teóricas de Kress e van Leeuwen (2006), há uma influência mútua entre palavra e imagem, a qual se dá de forma ampla. Para a escritora,

[...] imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento de novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos *layouts*, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentido dos textos (Dionisio, 2005, p. 159-160).

Estamos situados num mundo cada vez mais visual. O visual e o verbal se complementam, se contrapõem, se integram (ou não), mas sempre com propósito de significar mais. A palavra significa mais quando acompanhada da imagem. Nesse sentido, imagens são textos construídos que revelam as nossas pretensões, relações e afetividades com a sociedade, com as pessoas que convivemos nos distintos espaços sociais.

Conforme Dionisio (2005), há uma conformidade entre imagem e palavra, a qual permite o estudo da multimodalidade. A multimodalidade, segundo a autora, é um traço constitutivo do discurso oral e escrito. Os argumentos que sustentam a concepção de que a multimodalidade é um traço constitutivo dos gêneros orais e escritos podem ser representados pelos seguintes itens:

- i) as ações sociais são fenômenos multimodais;
- ii) gêneros textuais orais ou escritos são multimodais;
- iii) o grau de informatividade visual dos gêneros textuais da escrita se processam num contínuo; e
- iv) há novas interações entre o leitor e o texto, resultantes da estreita relação entre discurso e as inovações tecnológicas. O surgimento de novas interações entre leitor e texto resulta do relacionamento estreito entre discurso e tecnologia (Dionisio, 2005, p. 161).

⁴⁵ “*it is a multimodal semiotic entity*” (Kress, 2010, p. 148).

Como visto, essa autora defende que as ações sociais e os gêneros textuais estão interconectados. Se as ações sociais são fenômenos multimodais, os gêneros textuais orais e escritos também são, porque, à medida que falamos ou produzimos um texto, recorremos a modos de significação, tais como palavras, gestos, entonações, imagens, arranjos visuais, tipografias, cores etc. Assim, não se trata apenas de juntar palavras e imagens num texto, pois o que consideramos importante são os sentidos que emergem dos gêneros.

Nesse âmbito, Kress e van Leeuwen (2006) discorrem que a linguagem verbal e a linguagem não verbal são responsáveis pela construção de sentidos de um gênero, então, em um texto, não podemos priorizar uma e desprezar a outra, dado que “em comunicações reais, as duas e certamente muitas outras [semioses] aparecem reunidas para produzir textos integrados” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 177, tradução nossa⁴⁶).

Diante disso, esses autores desenvolvem a GDV, que estuda a funcionalidade da linguagem, ancorada nas metafunções da linguagem, de Halliday (1994). Para Kress e van Leeuwen (2006, p. 2, tradução nossa⁴⁷), assim como a gramática da língua descreve como as palavras se organizam em frases, sentenças e textos, “nossa ‘gramática’ visual irá descrever a maneira pela qual os elementos retratados – pessoas, lugares e coisas – se combinam em ‘declarações’ visuais de maior ou menor complexidade e extensão”. Os autores explicam que o uso do termo gramática diz respeito às regularidades sociais e culturais que permeiam no mundo, dando visibilidade às criações de textos cada vez mais semiótico, o que contribui para a construção de sentido humano.

As metafunções sob a ótica da semiótica funcional das imagens, proposta por Kress e van Leeuwen (2006), realizará seus significados por meio das mesmas funções inquiridas por Halliday (1994). Ao afeiçoar-se ao sistema linguístico das metafunções de Halliday, Kress e van Leeuwen propõem desenvolver potencialidades para a realização de significados visuais socialmente construídos e culturalmente moldados (Bühler, 2010). Dessa perspectiva, Kress e van Leeuwen (2006) adequam as metafunções **ideacional**, **interpessoal** e **textual** da LSF na

⁴⁶ “in real communications, the two and certainly many others [semiotics] appear together to produce integrated texts” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 177).

⁴⁷ “our visual ‘grammar’ will describe the way in which the depicted elements – people, places and things – combine into visual ‘statements’ of greater or lesser complexity and extent” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 2).

GDV, logo, essas metafunções passaram a ser concebidas por esses autores como metafunções **representacional, interativa e composicional**⁴⁸.

3.1 Metafunção representacional

Como já dito, Kress e van Leeuwen (2006) nomearam a metafunção ideacional de **metafunção representacional**. A relação direta entre esta metafunção e a ideacional de Halliday (1994) se deve ao fato de ambas representarem o mundo e as experiências, tanto quem produz e observa, no caso da imagem, como de quem fala e ouve, no caso da língua.

Jewitt e Oyama (2001) sinalizam que a análise visual do significado representacional se ampara na sintaxe das imagens como fonte de significado representacional. Para essas autoras,

[...] em modos semióticos baseados no tempo, como linguagem e música, a 'sintaxe' é uma questão de ordem de sequenciamento (por exemplo, ordem das palavras). Nos modos semióticos baseados no espaço, como imagens e arquitetura, é uma questão de relações espaciais, de onde as coisas estão no espaço semiótico e se estão ou não ligadas através de linhas, ou através de rimas visuais de cor, forma e assim por diante (Jewitt; Oyama, 2001, p. 141, tradução nossa⁴⁹).

Conforme Kress e van Leeuwen (2006), a metafunção representacional realiza-se tanto no modo concreto como no modo abstrato pelos participantes representados e participantes interativos, que podem ser representados, na imagem, por seres humanos, animais, objetos, lugares ou coisas descritas, e são divididas em duas estruturas: a narrativa e a conceitual. Jewitt e Oyama (2001, p. 141, tradução nossa⁵⁰) afirmam que “a decisão de representar algo de uma maneira narrativa ou conceitual fornece uma chave para entender os discursos que medeiam sua representação”.

⁴⁸ A esse respeito, sugerimos a consulta da tese da Caldas (2021), que discorre também sobre esta temática.

⁴⁹ “[...] *in time-based semiotic modes such as language and music, ‘syntax’ is a matter of sequencing order (for example, word order). In space-based semiotic modes such as images and architecture it is a matter of spatial relationships, of ‘where things are’ in the semiotic space and of whether or not they are connected through lines, or through visual ‘rhymes’ of colour, shape, and so on*” (Jewitt; Oyama, 2001, p. 141).

⁵⁰ “*the decision to represent something in a narrative or conceptual way provides a key to understanding the discourses that mediate its representation*” (Jewitt; Oyama, 2001, p. 141).

Sendo assim, a **estrutura narrativa** tem a função de representar os eventos e descrever os participantes em uma ação, além disso envolve um processo de transformação de fatos, caracteriza-se pela presença de vetores, atores e reatores e estabelece entre os participantes a interação. O ator é o participante de quem parte o vetor ou, na maioria das vezes, ele próprio é o vetor. Geralmente, o ator é o participante mais importante nas figuras, seja pela sua estatura, contraste com o segundo plano, posicionamento, cor e foco. Mediante o tipo de vetor e o número de participantes enredados no fato, é possível distinguir quatro tipos de processos narrativos, tais como: os **processos de ação**, os **processos de reação**, os **processos de fala e os processos mentais** (Kress; van Leeuwen, 2006).

A fim de exemplificar as unidades de análise propostas pelas metafunções, nesta seção, elencamos algumas charges, meme, tira, *post* e anúncio publicitário que irão auxiliar na compreensão dos leitores.

Os **processos de ação** podem ser bidirecionais, ou seja, os participantes do evento ora desempenham função de ator, ora de meta. A partir dessa alternância, os participantes são nomeados de interatores. Na Figura 2, tanto o pica-pau quanto o gato representam o papel ora de ator, ora de meta, portanto, ambos são interatores.

Figura 2- Processo de ação bidirecional

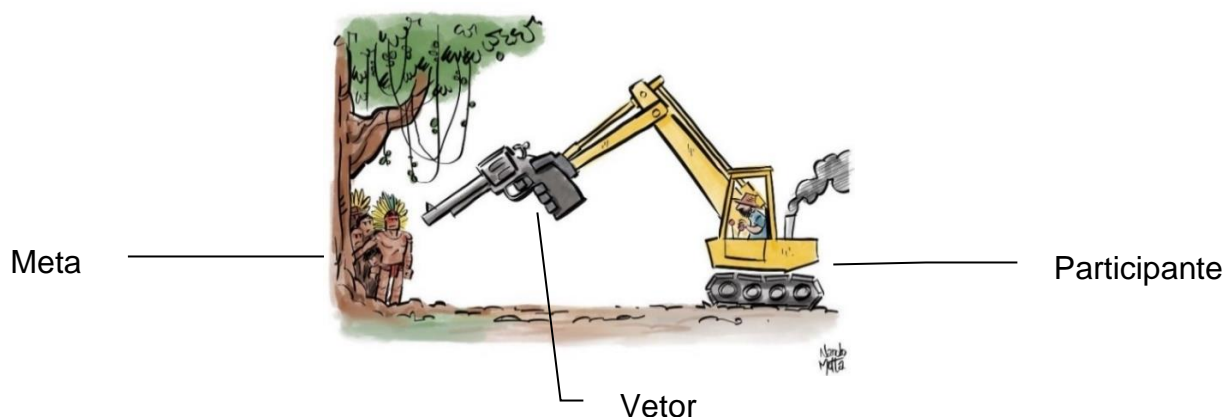


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=11oKqPbb8Gk>

O vetor, por exemplo, constitui-se como traço invisível que interliga o participante (também chamado de ator) ao objeto (meta) na cena em que a ação está sendo efetivada. À medida que essa reação ocorre, temos uma representação narrativa transacional, e quando ela não acontece, temos uma representação narrativa não transacional.

Vejamos a Figura 3 em que consta uma estrutura transacional.

Figura 3 - Estrutura transacional



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=633112998687889&set=pb.100059675824832.-2207520000&type=3>

Na Figura 3, o homem dentro da escavadeira é o ator/participante. O guincho hidráulico, que tem a forma de uma mão e com ela segura uma espécie de arma de fogo, é o vetor, e os indígenas são a meta. Os vetores, responsáveis por indicar ação e reação, conforme Kress e van Leeuwen (2006), podem ser representados de distintas formas, tais como: setas, olhar dos participantes, braços, movimentos corporais, ferramentas que estejam em ação etc.

Nessa mesma sequência, temos a estrutura não transacional, quando há apenas um participante que desempenha a função de ator e vetor. Na Figura 4, a ação desempenhada envolve apenas a Mulher Maravilha e o vetor é representado por sua orientação corporal e por sua espada que, nessa figura, funciona como instrumento mediador na atividade de combate e não como participante afetado pela ação.

Figura 4 - Estrutura não transacional



Fonte: <http://www.rapsodiaboemia.com/2017/05/critica-mulher-maravilha.html>

Quando a direção do olhar dos participantes representados forma um vetor, tem-se um **processo de reação**, e, nesse âmbito, esse participante é chamado de reator e deve ser humano ou humanizado (Kress; van Leeuwen, 2006). Santos (2013, p. 50) inclui que “as reações transacionais se dão quando é possível observar o alvo do olhar, o que configura a existência de um segundo participante, o Fenômeno, que pode ser tanto outro participante quanto outra proposição visual”.

A Figura 5 ilustra a reação transacional. Tanto o homem de blusa azul com pigmentações laranja como o homem descalço, sem camisa, são os reatores, porque conseguimos identificar o alvo do olhar de cada um. O primeiro olha para a mulher, o segundo para o celular que pretende roubar. A mulher de biquíni, que está passeando na praia, é a terceira participante, logo, é o fenômeno.

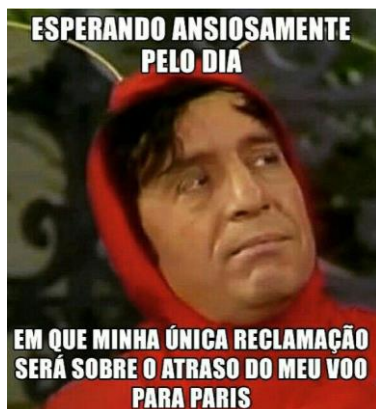
Figura 5 – Reação transacional



Fonte: <http://www.arionaurocartuns.com.br/2017/01/charge-violencia-praia-rio-de-janeiro.html>

Nas reações não transacionais, o olhar do participante não é definido, pois se dirige para fora da cena. A Figura 6 é um exemplo, pois não conseguimos identificar o alvo do olhar de Chaves, que se constitui como o reator.

Figura 6 - Reação não transacional



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/15058979980695531/>

Outro tipo de vetor pode ser encontrado nos balões que, nesse caso, são as falas ou pensamentos dos personagens (humanos ou personificados), portanto, são os processos verbais e mentais. No **processo verbal**, o participante é chamado de dizente e sua fala de enunciado, conforme ilustra a Figura 7. Nessa charge, há dizentes (um adulto e uma criança) e enunciados (as falas contidas nos balões).

Figura 7 - Processo verbal



Fonte: <https://www.ensinandocomcarinho.com.br/2013/06/charges-do-meio-ambiente.html>

Já no **processo mental** não há enunciados, porque se refere ao resultado do pensamento do participante nomeado, também, de fenômeno, e o participante do qual parte o balão de pensamento é chamado de experienciador. A Figura 8 exemplifica, pois a criança (participante que pensa) é o experienciador, e a imagem contida no balão (conteúdo) é o fenômeno.

Figura 8 - Processo mental



Fonte: <http://www.arionaurocartuns.com.br/2020/05/charge-desmatamento.html>

Como explicitado, os conceitos visuais da estrutura narrativa (ação, reação, transacional, não transacional), podem contribuir para interrogar um texto visual e também “estruturar questões como quem está desempenhando os papéis de atores e/ou observador e de quem são os papéis passivos de serem influenciados e/ou observados em textos visuais com certos tipos de participantes (a exemplo das minorias)” (Jewitt; Oyama, 2001, p. 143, tradução nossa⁵¹).

Há, ainda, nas estruturas narrativas, imagens que podem apresentar participantes secundários. Essas imagens são chamadas de circunstâncias e podem ser identificadas no cenário, na significação e no acompanhamento. O cenário (ambientação) compõe o plano de fundo, mas não integra o foco principal. Na imagem, os gestos realizados pelos participantes secundários constituem a significação; e os figurantes que não desempenham nenhuma relação vetorial com os participantes, são os acompanhamentos.

A **estrutura conceitual**, representa a essência dos participantes, pois é estática. Essa estrutura descreve os participantes em termos **classificatórios** (os que pertencem a um mesmo grupo com características semelhantes), **analíticos** (os atributos que possibilitam representar e constituir o todo) ou **simbólicos** (representam a identidade de uma pessoa/objeto e suas culturas) (Kress; van Leeuwen, 2006).

Nos **processos classificacionais**, não há vetores, porque eles se interconectam taxionomicamente. Esse processo taxionômico pode ser coberto ou fechado (os elementos simétricos são distribuídos vertical e horizontalmente, mas

⁵¹ “to frame questions such as who are playing the active roles of doing and/or looking and who the passive roles of being acted upon and/or being looked at in visual texts with certain kinds of participants (for example, minorities)” (Jewitt; Oyama, 2001, p. 143).

não se destacam dos demais) como evidente ou aberta (os objetos são distribuídos de modo a evidenciar uma classificação hierárquica). A classificação taxionômica pode ser representada de maneira explícita ou implícita. Ao passo que as classificações são realizadas, encontramos um participante fazendo papel de subordinado e outro fazendo papel de subordinador. A Figura 9 é um exemplo de taxionomia implícita, posto que não há legenda orientando o modelo de carros e motos que estão em tráfego na rua, nesse caso, é preciso inferirmos.

Figura 9 - Taxionomia implícita



Fonte: <https://infomoto.blogosfera.uol.com.br/2011/10/31/dicas-para-andar-de-moto-no-transito-urbano/>

Já na taxionomia explícita, não é necessário inferências, pois as informações e orientações constam na imagem, ou seja, as divisões à qual os participantes pertencem estão expostas de forma inconfundível no texto, como é o caso da Figura 10 em que cada *fórceps* odontológico possui uma numeração e uma função específica para cada tipo de dente.

Figura 10 - Taxionomia explícita



Fonte: <https://www.pinterest.co.uk/pin/2533343533534440/>

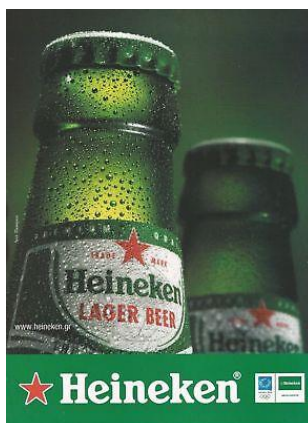
Os **processos analíticos** representam os participantes, os elementos da imagem, numa estrutura parte/todo. Esses processos sempre apresentam dois

participantes, o portador que representa o todo, e o atributivo possessivo que representa as partes. Por exemplo, se um homem está trajado de roupas comuns ele é o portador por representar o todo, mas se esse homem for um bombeiro, policial ou padre e vestir a roupa apropriada a cada ofício, ele teria atributos possessivos e passaria a representar parte do todo (Kress; van Leeuwen, 2006).

De acordo Kress e van Leeuwen (2006, p. 91, tradução nossa⁵²), “a característica definidora do processo analítico está na ausência de vetores e na ausência de simetria composicional e/ou estruturas de árvores, e também na ausência das características que marcam os processos simbólicos”. Os processos analíticos podem ser estruturados ou desestruturados. No estruturado, os atributos possessivos são descritos, no desestruturado, os atributos do portador são delineados, mas não ele em si. As partes são mostradas, porém não como elas se encaixam para constituir o todo.

Mostramos, na modalidade discursiva, um exemplo de parte/todo desse processo. Na Figura 11, podemos observar que o produtor do anúncio focou apenas numa parte da garrafa da cerveja, dando ênfase, principalmente, à marca *Heineken*.

Figura 11 - Processo analítico parte/todo



Fonte: <https://www.ebay.com/itm/HEINEKEN-Lager-Beer-2003-Print-Ad-70-4-/112028899822>

É importante frisar, conforme o exemplo exposto, que a escolha de representar elementos na imagem em parte ou todo reflete os objetivos de quem produz o texto e os efeitos que esse texto vai causar varia em cada leitor. Ao recuperarmos o contexto em que esse anúncio foi produzido, por exemplo, outras

⁵² “the defining characteristic of the analytical process is the absence of vectors and the absence of compositional symmetry and/or tree structures, and also the absence of the characteristics that mark symbolic processes” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 91).

possíveis interpretações surgirão, pois teríamos contato não apenas com uma parte, mas com o todo.

Os **processos simbólicos** dizem respeito ao que o participante significa e o que ele é, ou seja, a sua identidade. O participante que é significado é o portador, já o participante que representa o significado é o atributivo simbólico, que é identificado pela sua saliência na representação como o tamanho da imagem, as suas cores, a posição dos participantes, dos objetos, a iluminação, os gestos e os deslocamentos (Kress; van Leeuwen, 2006).

Nesse processo, Santos (2013, p. 51) complementa que “pode haver apenas um participante, o portador, e o significado simbólico é estabelecido em outro modo chamado de sugestivo simbólico”, ou seja, a imagem sugere algo, não necessariamente o significado literal do participante, por isso é chamado de sugestivo simbólico”.

A estrutura sugestivo simbólica não pode ser interpretada como analítica, dado que, nesse tipo de imagem, as particularidades podem perder destaques aderente ao que poderia ser chamado de humor ou atmosfera. “Isso pode ser percebido de várias maneiras: as cores podem se misturar em diferentes tons da mesma cor; o foco pode ser suave; ou a iluminação pode ser extrema, tornando os participantes como esboços ou silhuetas” (Silveira, 2019, p. 89). A Figura 12 ilustra esse processo.

Figura 12 - Processo simbólico



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CwXGuvZOSrN/>

Nesse exemplo, o portador é o ostensório (objeto utilizado pela Igreja Católica para expor a hóstia), e o atributivo simbólico é a hóstia (conhecida por Jesus, no mundo cultural, material) que está dentro do ostensório (imagem mais saliente) e

que está no centro. Há, ainda, outros participantes, dois anjos, um à esquerda e o outro à direita, com silhuetas de adoração, gestos de oração, piedade, a cor dourada que dá ideia de realeza, soberania, a iluminação que, ao atingir os participantes, torna-se intensa. Aqui, é um efeito de imagem que deixa a representação mais simbólica, ou seja, é análoga ao uso de metáforas na linguagem verbal, por exemplo.

3.2 Metafunção interativa

À metafunção interpessoal, Kress e van Leeuwen (2006) nomearam de **metafunção interativa**. Os significados interativos são expressados entre os participantes interativos e seu leitor observador, os participantes representados, os produtores da imagem e os espectadores dos discursos visuais, pretendendo responder perguntas como: “Quem (se) está interagindo com quem? Que relações estão sendo estabelecidas? Qual o grau de envolvimento entre os participantes interativos e representados?” (Barbosa, 2017, p. 126). Guiada por estes questionamentos, Tiburtino (2022, p. 116) também nos faz refletir por meio das seguintes indagações: “De que forma a imagem se coloca para seu observador? Expressa distância, formalidade, superioridade ou uma conexão mais aproximada e convidativa?”.

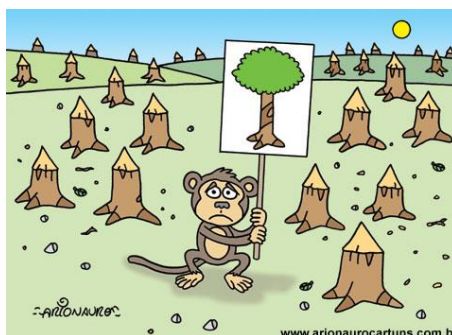
Assim, as imagens são classificadas por meio dos seguintes recursos: o **contato**, a **distância social**, a **perspectiva/atitude** e a **validade/modalidade**⁵³. O **contato** refere-se à interação (maior ou menor) do participante representado (PR) com o espectador a partir do olhar. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), existe uma diferença entre imagens em que os participantes representados olham especificamente para o espectador e imagens nas quais não olham.

⁵³ É importante frisar que, nas edições de 1996 e 2006 da GDV, Kress e van Leeuwen utilizam o termo *modality* (modalidade), no entanto, na última edição, a de 2021, os autores preferem o termo *validity* (validade, validação) e não *modality* (modalidade). Para esses autores, “o termo validade tem a vantagem de abranger o que parecem ser diferentes tipos de verdade que se realizam em diferentes modos semióticos e, ao mesmo tempo, expressa a ideia central da semiótica social de que a modalidade, para usar o termo mais uma vez, se baseia nos valores, crenças e necessidades sociais de grupos sociais” (Kress; van Leeuwen, 2021, p. 154, tradução nossa). Tradução de: “*the term validity has the advantage that it encompasses what seem to be different types of truth that are realized in different semiotic modes, and at the same times express the social semiotic core idea that modality, to use the term one more time, is based on the values, beliefs and social needs of social groups*” (Kress; van Leeuwen, 2021, p. 154). Utilizamos, portanto, o termo atual cunhado pelos autores, a validade.

À medida que o participante demanda algo do espectador, ele estabelece uma relação de contato direto (imagem de demanda), portanto, deduzimos que este quer alguma coisa. No ato de demanda, o participante representado fixa seu olhar no espectador, situando um vínculo imaginário direto com este. Esse vínculo pode ser de afinidade, afeto, sedução, proximidade, alegria, tristeza ou indignação.

A Figura 13 é um exemplo disso, pois mostra um macaco segurando uma placa com uma imagem de uma árvore. Por seu espaço de convivência ter sido desmatado, sua expressão é de tristeza. Esse olhar triste demanda envolvimento do espectador que se sensibilizará com a situação em que se encontra o animal.

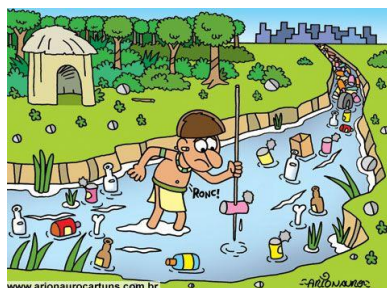
Figura 13 - Contato direto



Fonte: <http://www.arionaurocartuns.com.br/2019/06/charge-desmatamento-floresta.html>

Já nas imagens de contato indireto (imagem de oferta), o participante representado não fixa o seu olhar para o espectador, sendo, pois, apenas um objeto de contemplação. A Figura 14 mostra um indígena com uma lança à procura de peixes no rio, mas como esse rio está poluído, ele fiska apenas lixo. Nessa charge, o indígena é o participante e ele não faz contato com o observador, pois seu olhar, que se constitui como um vetor, está fixado no objeto que ele fiskou, ou seja, uma lata de alumínio. Há também outro vetor, a lança, que liga o participante ao objeto.

Figura 14 - Contato indireto



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/535998793147602682/>

A **distância social** diz respeito à forma como o participante representado (PR) está posicionado na imagem em relação ao observador. Se ele ocupa o primeiro plano, isso o possibilita intimidade e envolvimento, e o plano geral proporciona uma visão distanciada e também contextualizada. Para Jewitt e Oyama (2001), a distância social apresenta um *close-up*, um *close médio* e um *close longo*. Para essas autoras,

[...] um *close-up* (cabeça e ombros ou menos) sugere um relacionamento íntimo/pessoal; um *close médio* (cortando a figura humana em algum lugar entre a cintura e os joelhos) sugere uma relação social; e um "close longo" (mostrando a figura completa, seja apenas encaixando no quadro ou ainda mais distante) sugere uma relação impessoal (Jewitt; Oyama, 2001, p. 146, tradução nossa⁵⁴).

Na Figura 15, consta um exemplo de *close-up* (plano fechado), cujos participantes estão em uma distância de proximidade (intimidade).

Figura 15 - *Close-up*

Fonte: <http://www.espitirinhas.com.br/2021/06/354-manter-esperanca.html>

⁵⁴ “[...] a *close-up* (head and shoulders or less) suggests an intimate/personal relationship; a medium shot (cutting off the human figure somewhere between the waist and the knees) suggests a social relationship; and a ‘long shot’ (showing the full figure, whether just fitting in the frame or even more distant) suggests an impersonal relationship” (Jewitt; Oyama, 2001, p. 146).

Já a Figura 16 é um exemplo de distância média (relação social), pois os participantes (os indígenas), estão representados em *close médio*, um pouco abaixo da cintura, o que indica um convite à apreciação.

Figura 16 - *Close médio*



Fonte: <https://naturezaepaz.blogspot.com/2011/12/charges-do-meio-ambiente.html>

E a Figura 17 é um exemplo de distância longa (impessoalidade), porque o participante (caricatura do Papa Francisco) está representado em *close longo*, ou seja, de corpo inteiro.

Figura 17 - *Close longo*



Fonte: http://www.ivancabral.com/2013_07_01_archive.html

Quanto à **perspectiva/atitude**, os ângulos que as imagens são apresentadas podem estabelecer relações de envolvimento frontal ou distanciamento oblíquo com o observador, assim como relações de poder, mediado pelo ângulo alto (poder do observador), baixo (poder do participante representado) e nivelado (poder simétrico, no nível do olhar do observador). Silveira (2019) complementa que esses ângulos podem ser captados numa perspectiva objetiva ou subjetiva. Na objetiva, todas as informações dos participantes são mostradas na imagem. Já na subjetiva, os

espectadores observam o que consta na imagem a partir de um ponto de vista particular, o ponto de vista de quem produz a imagem.

Na Figura 18, há um exemplo de ângulo frontal, que é de grande envolvimento, porque iguala o participante e o observador, como se eles estivessem compartilhando as mesmas impressões e fizessem parte do mesmo mundo. Nesse anúncio, o participante (Zé Gotinha) informa o dia da vacinação contra o sarampo. O observador se envolve com o participante, que ergue seu dedo e explica à importância da vacinação contra a doença, assim como pelo seu sorriso e seu olhar fixo nele.

Figura 18 - Ângulo frontal



Fonte: <https://ernestina.rs.gov.br/2019/10/16/vacine-seu-filho-contr-o-sarampo/vacine-seu-filho-contr-o-sarampo/>

Já na Figura 19, consta um exemplo de distanciamento oblíquo. Tanto a tropa federal como a grande quantidade de árvores cortadas estão distantes do olhar do observador.

Figura 19 - Distanciamento oblíquo



Fonte: <http://ilustraconto.blogspot.com/2008/02/ufa-em-fim-chegaram-na-amazonia.html>

A Figura 20 é um exemplo de ângulo alto, pois a imagem foi registrada de cima para baixo, atribuindo poder ao observador sobre o que é observado.

Figura 20 - Ângulo alto



Fonte: <https://www.brasilpopular.com/bolsonaro-veta-uso-obrigatorio-de-mascara-em-igrejas-no-comercio-e-pasmem-em-escolas/>

A Figura 21 consta um exemplo de ângulo baixo, pois, nesta charge, a imagem foi capturada de baixo para cima o que confere poder ao participante representado.

Figura 21 - Ângulo baixo



Fonte: <http://alunascgt.blogspot.com/>

Na Figura 22, temos um exemplo de ângulo simétrico, pois a imagem está no nível do olhar do observador, logo, há interação do participante com o observador.

Figura 22 - Ângulo simétrico



Fonte: http://www.arionauartuns.com.br/2016/04/charge-desmatamento_2.html

A **modalidade/validade**, nas composições imagéticas, representa pessoas, objetos, lugares como se fossem reais ou alegóricos (Kress; van Leeuwen, 2006). Nessas composições, os autores aconselham que é necessário se atentar ao que é “considerado real (verdadeiro ou sagrado) no grupo social para o qual a representação foi primeiramente concebida” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 155, tradução nossa⁵⁵).

Jewit e Oyama (2001, p. 151, tradução nossa⁵⁶) sinalizam que há dois tipos de modalidade/validade, a naturalista e a científica. A primeira apresenta maior correspondência “entre o que se vê de um objeto em uma imagem e o que se pode ver na realidade a olho nu, em uma situação específica e um ângulo específico, maior a modalidade dessa imagem”. A segunda “[...] baseia-se não em como as coisas, em uma situação específica e de um ângulo específico, se parecem, mas em como elas são em geral, ou regularmente, ou de acordo com alguma verdade mais ‘oculta’” (Jewit; Oyama, 2001, p. 151, tradução nossa⁵⁷). Logo, enquanto a primeira possui alta modalidade que podemos identificar na imagem, a segunda possui baixa modalidade.

Segundo Kress e van Leeuwen (2021), a validade pode ser categorizada em naturalística (bem próxima da realidade), abstrata (que representa apenas o essencial e é privada de plano de fundo), sensorial (que expressa subjetividade/sentimento, distancia-se da realidade com efeitos de luz, cor profundidade) e tecnológica (que mantém relação de correspondência, praticidade e de caráter explicativo da imagem, a exemplo de balões, diagramas, mapas).

Em comunhão com as ideias de Kress e van Leeuwen (2021), Tiburtino (2022) salienta que diferentes marcadores de validade, tais como: cores (monocromático ou diversas cores), iluminação (jogo de sombra e cor, do mais completo à ausência), brilho (graus de brilho e sombra, incluindo também preto e branco, cinza ou variação de duas cores), saturação (escala completa de saturação de cor até sua ausência), profundidade que constam numa fotografia, em textos publicitários, charges, tiras, cartuns etc. são exemplos dessa validade (modalidade).

⁵⁵ “*considered real (true or sacred) in the social group for which the representation was first conceived*” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 155).

⁵⁶ “*between what can be seen of an object in an image and what can be seen in reality with the naked eye, in a specific situation and a specific angle, the greater the modality of that image*” (Jewit; Oyama, 2001, p. 151).

⁵⁷ “[...] *is based not on how things, in a specific situation and from a specific angle, look, but on how they are in general, or regularly, or according to some more 'hidden truth*” (Jewit; Oyama, 2001, p. 151).

A Figura 23, a seguir, é um exemplo de validade naturalística. Vemos um avião da Gol Linhas Aéreas decolando. No fundo, há prédios e casas. De acordo com Kress e van Leeuwen (2021), as cores e a contextualização da imagem (plano de fundo) influenciam na validade da imagem. O que observamos nesta imagem (especificamente o avião decolando) podemos contemplar na realidade, visto que é uma ação que ocorre diariamente e que o observador pode presenciar estando em qualquer aeroporto.

Figura 23 - Gol



Fonte: <https://pontospravoar.com/boeing-737-max-8-da-gol-entra-em-operacao-em-congonhas/>

3.3 Metafunção composicional

Seguindo o exposto, a metafunção textual é chamada por Kress e van Leeuwen (2006) de **metafunção composicional**. Os significados composicionais organizam e integram os múltiplos modos semióticos presentes no *layout* dos meios de comunicação. Conforme os autores, há dois códigos de integração entre os modos semióticos: o modo da composição espacial, em que texto e imagem se conectam, como charges, propagandas, capa de revista; e o modo da composição temporal, em que tempo e imagem se integram, como música, videoclipe, novelas. A GDV de Kress e van Leeuwen (2006) dispõem de três critérios para analisar a sintaxe visual⁵⁸ dos textos multimodais, a saber: **valor da informação**, **saliência** e **framing** que também é nomeado de enquadramento e moldura.

O **valor da informação** é a forma como os elementos assumem posições entre si, a saber: esquerda/direita, topo/base, centro/margens, o que lhes confere significados. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), as polaridades esquerda/direita contêm, respectivamente, a informação dada e nova. A informação

⁵⁸ Vale a pena consultar o livro “Sintaxe da Linguagem Visual”, de Dondis (1997), que sugere vários métodos de composição de *design* que nos possibilita analisar a diversidade da estrutura do modo visual.

dada está no eixo horizontal, precisamente posicionada no lado esquerdo da imagem, que corresponde ao processo de escrita; a informação nova está no eixo vertical, localizada no lado direito da imagem, que corresponde ao processo de leitura. “A parte superior tende a fazer algum tipo de apelo emotivo para nos mostrar ‘o que poderia ser’; a seção inferior tende a ser mais informativa e prática, mostrando-nos ‘o que é’” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 186, tradução nossa⁵⁹).

Na perspectiva de Vieira e Silvestre (2015), a relação topo/base é aquilo que já foi concebido como ideal (na margem superior), real (na margem inferior), novo (do lado direito), dado (do lado esquerdo) muito comum em campanhas publicitárias veiculadas em revistas, os quais as informações transportadas na zona superior de uma estrutura visual, o topo, expressa uma situação idealizada, um convite ao consumo de um determinado produto, posicionado em um lugar de destaque, instanciado pela base, o nível do real e concreto.

Vejamos nas palavras dos autores:

O valor informativo da parte superior e da parte inferior, então, pode ser resumido através das seguintes linhas. Se, em uma composição visual, alguns dos elementos constituintes estão posicionados na parte superior, enquanto outros elementos diferentes encontram-se na parte inferior da pintura ou da página, então aquilo que está localizado na parte superior é apresentado como o Ideal e aquilo que está localizado na parte inferior é o Real. Para que algo seja Ideal, é preciso que seja mostrado como a essência idealizada ou generalizada da informação e, portanto, como sendo a sua parte ostensivamente mais saliente (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 186-187, tradução nossa⁶⁰).

Para compreendermos melhor, vejamos o exemplo (Figura 24) retirado do *Instagram* do *McDonald's* (@mcdonalds_br).

⁵⁹ “The upper part tends to make some kind of emotional appeal to show us ‘what could be’; the lower section tends to be more informative and practical, showing us ‘what it is’” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 186).

⁶⁰ “The informative value of the upper and lower parts, then, can be summarized through the following lines. If, in a visual composition, some of the constituent elements are positioned at the top, while other different elements are at the bottom of the painting or page, then what is located at the top is presented as the Ideal and what is located at the bottom is the Real. For something to be Ideal, it must be shown as the idealized or generalized essence of information and, therefore, as being its ostensibly most salient part” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 186-187).

Figura 24 - Valor da informação



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CpNslJ5Owvt/>

Neste anúncio publicitário⁶¹, o ideal (margem superior) constitui a marca do McDonald's e a informação: "Os brothers já provaram agora só falta vc". Já o real compõe a imagem do sanduíche. O dado representa o robô do *Big Brother Brasil, reality show* da Tv Globo, e o novo constitui o sanduíche com o frango mais *crispy* do Méqui, bacon, cebola *crispy* e o molho do CBO, composto por especiarias e possui sabor e cremosidade icônicos.

Conforme Kress e van Leeuwen (2006), a posição centro/margem⁶² tem a função de informar aquilo que é essencial no texto. Tomando ainda o anúncio do *McDonald's* como exemplo, o sanduíche está no centro representando, portanto, a informação principal e mais saliente. Já o enquadramento é um critério da sintaxe visual e refere-se ao direcionamento do foco da lente ao captar a imagem. Este, por sua vez, pode ser dado pela saliência e pelo jogo de sombra e luz (van Leeuwen, 2011), e tem como função estabelecer divisões que podem facilitar a configuração do texto no contexto destinado à sua composição.

Essas informações constroem o discurso nas charges que escolhemos para compor o *corpus* desta pesquisa, visto que, em charges, encontramos também recursos multissemióticos que correspondem ao núcleo da informação aos quais todos os outros recursos em algum sentido estão sujeitados.

Na charge (Figura 25), a informação central é o uso de agrotóxicos nos alimentos consumidos pelos brasileiros. Os recursos semióticos que sustentam essa

⁶¹ Sugerimos consultar nosso artigo (Souza; Sousa, 2024). Neste trabalho, analisamos detalhadamente um anúncio publicitário semelhante a este.

⁶² Na edição de 2021, Kress e van Leeuwen argumentam que as composições mais centralizadas estão se tornando cada vez mais comuns. Diante disso, esses autores utilizam mapas mentais e conceituais como exemplos, visto que a composição desses mapas se estrutura pelo elemento central e ideais associadas em seu entorno.

afirmação estão representados pelo prato de comida sobre uma mesa coberta com a bandeira do Brasil e a mangueira do pulverizador que é o vetor que liga o participante ao objeto. O cheiro dos alimentos contidos nesse prato forma uma caveira, simbolizando, portanto, à morte, pois o consumo de agrotóxicos contribui para a geração de enfermidades no corpo humano induzindo as pessoas a óbito, e o homem, a fim de não inalar o odor do veneno, utiliza uma máscara de proteção e uma roupa para proteger o corpo e os olhos.

Figura 25 - Posição central



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CZzMfWIFpim/>

Como podemos observar:

Para que algo seja reconhecido como Centro, é preciso que seja apresentado como o núcleo da informação ao qual todos os outros elementos estão de alguma forma subordinados. As Margens são esses elementos auxiliares e dependentes. [...] Nem todas as Margens são igualmente marginais (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 196, tradução nossa⁶³).

O leitor é capaz de analisar o peso, a saliência, dos múltiplos elementos na composição do texto, ou seja, é como se ele tivesse antecipadamente noções do sentido e significado de cada um deles. Como vimos na Figura 25, o enquadramento é longo porque conseguimos identificar todos os elementos que compõem o texto, os valores de informação e a saliência (os destaques para a bandeira do Brasil, para o prato de comida com agrotóxicos e o símbolo da morte) se conectam a fim de

⁶³ “For something to be presented as Center, means that be presented as the nucleus of information to which all other elements are in some sense subordinate. The Margins are these ancillary, dependent elements. [...] Not all Margins are equally marginal” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 196).

sensibilizar o leitor, ou seja, fazê-lo saber que não está consumindo alimentos saudáveis e que isso afetará sua saúde futuramente.

A **saliência** é o recurso visível ao primeiro olhar do leitor para o texto. Segundo os autores, a saliência é o peso de um elemento no contexto visual, posto que quanto maior o seu peso, maior a saliência. Assim, seu foco é atrair a atenção do leitor em níveis distintos. Os autores afirmam que:

Os elementos (participantes e sintagmas representacionais e interativos) são dispostos para atrair a atenção do espectador em diferentes graus, realizando-se através de certos fatores como o posicionamento em primeiro ou em segundo plano, o tamanho relativo, os contrastes quanto ao tom (ou à cor), diferenças quanto à nitidez, etc. (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 177, tradução nossa⁶⁴).

A saliência pode ser identificada por meio do uso de cores, de ícones, do tamanho das letras ou das imagens e também pela posição do texto verbal e pelo plano de frente. Consoante Kress e van Leeuwen (2006, p. 201, tradução nossa⁶⁵), “[...] o dado pode ser mais saliente do que o novo, por exemplo, ou o novo mais saliente que o dado, ou ambos podem ser igualmente salientes. E o mesmo se aplica ao ideal e real e ao centro e margem”.

Todos os recursos da saliência contribuem para a projeção do texto, assim como atrai a atenção do leitor para diferentes aspectos da composição. Vieira e Silvestre (2015) e Tiburtino (2022) reforçam que essa composição diz respeito ao tamanho relativo da imagem, o contraste das cores, a localização em primeiro e segundo plano, as diferenças de nitidez entre outros recursos.

Uma das formas de identificar a saliência é observar as modificações no tamanho de determinado elemento em comparação aos outros elementos que constam na imagem. A Figura 26 apresenta uma campanha publicitária da *Nestlé*, que incentiva à prática da reciclagem. Neste exemplo, podemos notar que o enunciado “*Nestlé* é craque”, no centro do anúncio ocupando o primeiro plano visível

⁶⁴ “*The elements (participants and representational and interactive phrases) are arranged to attract the viewer's attention to different degrees, as realized by such factors such as placement in the foreground or background, relative size, contrasts in tonal value (or colour), differences in sharpness, etc*” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 177).

⁶⁵ “[...] *the given may be more salient than the new, for example, or the new more salient than the given, or both may be equally salient. And the same applies to the ideal and real and to the center and margin*” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 201).

ao olhar do leitor, está representado em um tamanho maior, o que pode significar maior relevância dada à marca do que a própria ação de reciclar.

Figura 26 - Saliência



Fonte: https://www.instagram.com/p/Cdbbk_BuCPm/

O *framing*, também chamado de moldura e enquadramento, conecta e desconecta elementos da imagem, criando significados de pertencimento ou não pertencimento entre as informações. Uma característica pertinente do *framing* é que, à medida que em sua composição estejam presentes elementos espaciais, eles são apresentados como unidade de informação do texto. O *framing* ainda compõe o texto conjuntamente com o valor de informação e a saliência. Esses recursos se integram, se afeiçoam no texto para lhes adjudicar sentidos e, como resultado, chamar a atenção do leitor (Kress; van Leeuwen, 2006; van Leeuwen, 2011).

O *framing* pode compor o sentido de forma conjunta ou não, visto que

A presença ou ausência de estratégias de framing (realizadas através de elementos que formam linhas divisórias ou mesmo através das próprias linhas do frame, isto é, do enquadramento da figura) desconecta ou conecta elementos da imagem, indicando que, em algum sentido, eles dependem ou não uns dos outros (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 177, tradução nossa⁶⁶).

A Figura 27 é um exemplo de *framing*. Todos os elementos, ícones de redes sociais e de aplicativos de arquivos, se conectam gradualmente e estão ligados ao planeta terra, o que dá ideia de pertencimento.

⁶⁶ “The presence or absence of framing devices (realized by elements which create dividing lines or even through the frame lines themselves, that is, the framing of the figure) disconnects or connects elements of the image, signifying that they belong or do not belong together in some sense” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 177).

Figura 27 - Framing



Fonte: https://www.freepik.com/free-vector/social-media-infographic_887252.htm

É importante ressaltar que, consoante às informações explicitadas, precisamos compreender o texto como um todo integrado, para tanto, as cores, imagens em movimento, tamanho da letra que é a saliência; o topo/base, direcionamento da imagem que é o valor informativo; e o enquadramento, moldura, a harmonização das imagens que é o *framing* são subsídios de análise de imagens propostos por Kress e van Leeuwen (2006). Então, eles também servirão de apoio para a apreciação dos dados desta pesquisa, ainda que não façamos uso de todos esses elementos, mas estes contribuirão no processo de construção de significados implícitos das charges que propusemos analisar, por isso resolvemos trazer essas teorias para esse ensejo.

O Quadro 4, mostra, sucintamente, a estrutura básica da gramática proposta por Kress e van Leeuwen (2006), com base nas metafunções de Halliday (1994).

Quadro 4 - Síntese da Gramática do *Design* Visual

LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (Halliday, 1994) Código semiótico da linguagem verbal	GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL (Kress; van Leeuwen, 2006[1996]) Recurso semiótico da linguagem visual
METAFUNÇÃO IDEACIONAL ➤ Representação de mundo através das experiências humanas.	METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL ➤ Relação entre participantes Estrutura narrativa: representar/descrever os eventos e participantes em ação: transacional, não transacional; processo mental, processo verbal; Estrutura conceitual: representa a essência dos participantes. Ela é estática e descrevem os participantes em termos: classificatórios (possui características semelhantes a um mesmo grupo); analíticos (representa e constitui o todo); simbólicos (representa a identidade e a cultura de uma pessoa).

<p>METAFUNÇÃO INTERPESSOAL ➤ Estratégias de relações sociais com leitores.</p>	<p>METAFUNÇÃO INTERATIVA ➤ Relação entre imagem e observador Contato (pedido – interpelação ou oferta); Distância Social (intimidade e envolvimento); Perspectiva/Atitude (objetividade ou subjetividade, envolvimento frontal e oblíquo do observador); Validade/Modalidade (valor de verdade).</p>
<p>METAFUNÇÃO TEXTUAL ➤ Modos de organização do texto.</p>	<p>METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL ➤ Relação entre elementos da imagem Valor de Informação (ideal, real, dado, novo); Saliência (elementos mais salientes que definem o caminho de leitura); Framing (o modo como os elementos estão conectados na imagem).</p>

Fonte: elaboração própria (2024) com base em Halliday (1994) e Kress e van Leeuwen (2006[1996]).

Com a GDV, o leitor pode analisar os elementos internos e externos das imagens, ou seja, tanto o que está posto e que conseguimos ver, como o que não está posto, mas que conseguimos construir mediante as interações sociais que temos com o mundo. Nesse sentido, essa gramática é uma abordagem que corrobora as produções de gêneros, pois consente averiguar os sentidos que se relacionam aos recursos multissemióticos e que são passíveis de interpretação.

Para entendermos acerca da construção de sentidos em textos multimodais, Kress (2010) destaca três termos: discurso, gênero e modo. Para esse autor, “o discurso trata da produção e organização do sentido sobre o mundo na posição institucional” (Kress, 2010, p. 110, tradução nossa⁶⁷). Com essas palavras, depreendemos que o discurso representa as posições e as funções sociais que as pessoas desempenham na sociedade contemporânea.

No que tange ao gênero, este está adjunto à experiência e à intimidade que o ser humano tem com esses gêneros nas ações e interações sociais. Nas palavras do autor, o gênero “‘nomeia’ e ‘percebe’ o conhecimento do mundo como a ação social e interação - que parte do mundo social. Ele vem através da participação em eventos formado por tais ações vivenciadas pelos participantes como tendo regularidade relativa e estabilidade” (Kress, 2010, p. 113-114, tradução nossa⁶⁸).

Já o modo são os recursos multimodais que acompanham o gênero, como sons, enquadramentos, *layout*, tipografias, movimentos, entre outros, pois há várias

⁶⁷ “discourse deals with the production and organization of meaning about the world from an institutional position” (Kress, 2010, p. 110).

⁶⁸ “‘names’ and ‘perceives’ knowledge of the world as social action and interaction - that part of the social world. It comes through participation in events formed by such actions experienced by participants as having relative regularity and stability” (Kress, 2010, p. 113-114).

semioses, as quais podem estar “estáticas” ou “em movimento”. Um texto como o *gif*, por exemplo, possui movimentos, ou seja, ora ele pode se mover em direção ao leitor, ora não. Isso faz parte de uma escolha ideológica do produtor. Já em textos como charges, as imagens podem permanecer “estáticas”, sem essa movimentação, no entanto, a movimentação que podemos perceber nas charges é quando os participantes se deslocam de um espaço para outro, utilizando máquinas ou as próprias pernas, por exemplo, quando caminham em direção a um objeto, movem partes do corpo, expressam sensações no rosto etc.

Todas essas configurações contribuem para a construção de sentidos do texto. O modo nomeia recursos, porquanto, este é significativo, pois “é moldado por e carrega as orientações ontológicas e histórico/social ‘profundas’ de uma sociedade e sua cultura com todos seus indícios” (Kress, 2010, p. 114, tradução nossa⁶⁹).

Na próxima seção, ancorados na GDV, de Kress e van Leeuwen (2006), assim como nas reflexões de Vieira e Silvestre (2015), discutimos algumas categorias que contribuem para a análise de discursos multimodais, a saber: as escalas de detalhes, de plano de frente e de fundo, de dimensionalidade, de sombra e luz, de matizes, de intencionalidade de cores, de brilho, de cores puras ou híbridas, de quantidade de cores, de luminosidade e de elementos tipográficos.

3.4 Análise de discursos multimodais

Para Kress, Leite-Garcia e van Leeuwen (2000), os seres humanos utilizam vários modos semióticos para se comunicarem, sendo assim, somente o uso da linguagem verbal não é suficiente na composição de mensagens, haja vista que são necessárias outras linguagens como a expressão facial, a gesticulação do corpo, os sons, até mesmo o silêncio, entre outras, porque há várias, na produção e reprodução do discurso. Logo, se os textos que produzimos cotidianamente são multimodais, será impossível ler significados constituídos apenas por um modo linguístico.

Diante disso, a Teoria do Letramento Visual, associada à Multimodalidade, contribui de forma significativa nos estudos da Semiótica Social, das comunicações visuais e dos novos gêneros multimodais que circulam em distintos contextos

⁶⁹ “*is shaped by and carries the ‘deep’ ontological and historical/social orientations of a society and its culture with all its cues*” (Kress, 2010, p. 114).

sociais, inclusive na sala de aula. Nessa perspectiva, poderíamos questionar: a multimodalidade se interessa pelos estudos sociais da linguagem?

A resposta para essa indagação é que as pesquisas sobre multimodalidade integram os estudos da Semiótica Social e da Teoria Crítica, desse modo, o objetivo principal dessa abordagem de estudo é fortalecer as pessoas comuns, dado que todos os sistemas semióticos são sistemas sociais, a língua em uso em seus distintos modos, e estes são orquestrados por intermédio dos gêneros textuais e discursivos, veiculados pelos meios midiáticos circundantes.

Consoante os pressupostos acerca das categorias de análise multimodal de Kress e van Leeuwen (2006), os modos semióticos delineiam como o processo de significação e produção de significados – as semioses – agregam-se, mesclam e hibridizam a outras – formando, assim, os textos – possibilitando, pois, a representação do mundo real. Essa verdade se dá através das manifestações socioculturais e ideológicas, acompanhadas também por outros dizeres e explicitadas e divulgadas no campo material e virtual por meio de discursos verbais e não verbais. Então, poderíamos refletir sobre como esses discursos constroem a realidade, como eles recortam o mundo e como intencionalmente podem omitir detalhes.

Nesse sentido, apenas os seres humanos são capazes de criar mundos simbólicos, alterando-os através de discursos e, intencionalmente, por intermédio de categorias estabelecidas pela gramática visual, segundo Kress e van Leeuwen (2006). Em concordância com as ideias dos autores, somente os seres racionais são capazes de atribuir modalidades a um enunciado, podendo, também, recriá-lo e inseri-lo outros modos semióticos.

De tal modo, em contextos multimodais, as imagens são artefatos que denunciam as realidades físicas e culturais do mundo. As sociedades de massa usam imagens para legitimar argumentos e fatos relatados e descritos. Contudo, não podemos desconhecer que imagens são fundamentais no processo de identificação das formações ideológicas construídas em distintos espaços midiáticos e não podemos ignorar a sua relevância no nicho educacional, visto que, na minha experiência nas monitorias acadêmicas, no PIBID e nos estágios curriculares, já mencionados no percurso deste texto, muitos alunos afirmaram que aprendem o conteúdo mais por meio do uso de imagens do que apenas de textos escritos.

Dessa maneira, para a análise de discursos multimodais, destacamos, inicialmente, o *modo*. A multimodalidade, conforme Kress e van Leeuwen (2001) funda parte dos estudos direcionados à LSF, de Halliday (1944). A categoria *modo* identifica a participação dos atores nos processos discursivos. Em um enunciado como *Camila comprou um celular* arquiteta um sentido diferente daquele existente em *Camila deve ter comprado um celular* que, por sua vez, será diferente de *Camila deve comprar um celular*.

Nesses exemplos, os sujeitos (atores dos discursos) são os mesmos nos três enunciados, pois quem comprou o celular foi Camila. O objeto é o celular, e a agente é Camila, mas sua participação nos três enunciados é modalizada de distintas formas. Essa forma de enunciar foi estudada por Halliday em sua gramática, nos quais as categorias discursivas dos enunciados são modalizadas pelo uso dos adjetivos e dos verbos auxiliares (Vieira; Silvestre, 2015).

Em equivalência, para as autoras, no discurso multimodal, se tiver imagens, a modalização ocorre através da combinação das cores entre si, ou seja, pelo uso de tons claros e escuros, pela escolha de sombra e luz, pelo uso de alto e baixo relevo, pela escolha da tipografia, de iconicidade, modos de combinação ou arranjos.

Diante do exposto, e em consonância com Vieira e Silvestre (2015, p. 46), podemos questionar: “como as imagens são distribuídas e combinadas para marcar a modalidade? Há alguma regra pré-estabelecida?” Para as autoras, podemos responder a essas indagações de acordo com os estudos de Kress e van Leeuwen (2006), a partir da GDV. Essa gramática possui critérios basilares que nos permitem classificar as escalas, dentre elas estão: as de detalhes, de plano de frente e de fundo, de dimensionalidade, de sombra e luz, de matizes, de intencionalidade de cores, de brilho, de cores puras ou híbridas, de quantidade de cores, de luminosidade e, por fim, escala de elementos tipográficos. A seguir, detalharemos com mais concisão essas escalas.

Com relação à escala de detalhes, segundo as autoras, cabe a pergunta: “Há um número específico de semioses para a composição de textos multimodais? O produtor do texto deve se submeter ao uso de um certo número de detalhes ou pode usá-los livremente?” (Vieira; Silvestre, 2015, p. 48). No que diz respeito ao plano de frente e ao plano de fundo, a indagação a ser feita é: “Esses dois planos estão combinados entre si para a produção do sentido ou não há articulação entre eles?”

(Vieira; Silvestre, 2015, p. 48). Para investigar a escala de dimensionalidade, é necessário analisar se as imagens estão representadas em mais de uma dimensão.

Por conseguinte, na análise da escala de sombra e luz, é preciso observar como são representados os contornos dos objetos quanto aos seus usos. A pergunta possível que poderíamos levantar é: a luz foca, destaca o quê? O ponto mais iluminado é efetivamente o mais relevante na informação a ser dada? Com referência à escala de matizes, precisamos nos atentar ao exame das gradações de cores, e investigar se as cores usadas são opacas ou intensas, frias ou quentes, em seguida, é fundamental pesquisar o porquê dessas cores serem frias e quentes nas imagens, posteriormente, se concentrar na análise dessas cores no que toca à construção dos significados, às crenças representadas e às ideologias que essas cores podem agregar sentidos aos textos (Vieira; Silvestre, 2015).

No que tange à análise da quantidade de cores, o que precisamos nos ater é se estas são monocromáticas (apresenta uma só cor) ou policromáticas (possui mais de uma cor). Nesse sentido, podemos questionar por que motivo foram escolhidas estas cores e não outras. Para o estudo da escala de luminosidade, devemos ficar atentos acerca de como os ambientes são concebidos nos textos multimodais, ou seja, decaem para o claro ou para o escuro? Por fim, na escala de tipografias, podemos analisar detalhadamente as fontes e os tamanhos dos elementos tipográficos utilizados na composição do texto. Por que algumas informações estão em caixa alta e outras não? Qual o motivo para que algumas delas sejam veiculadas em fontes extremamente grandes e outras em fontes pequenas? (Vieira; Silvestre, 2015).

Os aspectos tipográficos abrangem de forma significativa os textos multimodais, e estes podem ser analisados a partir das funções da linguagem de Halliday (1994). Num texto multimodal, podemos analisar o desenho, o tamanho e a cor das letras com base nas funções ideacional, interpessoal e textual, tendo em vista que esses elementos tipográficos desempenham um papel muito importante na construção do sentido do texto.

Quanto ao estudo do papel dos elementos tipográficos no plano multimodal, as distintas formas de escrevermos um texto com diferentes fontes, por exemplo, *Times New Roman*, *Arial*, *Calibri* etc., tamanho 11, 12, 15, e as inúmeras tonalidades como preto, azul, vermelho etc., é identificado inicialmente pela perspectiva

ideacional, pois traz sinais multimodais para que o leitor possa fazer uma leitura do significado a respeito da mídia referida.

Em relação ao estudo das dimensões da letra, sob o viés da função interpessoal, podemos extrair muitos significados tais como audácia para convencer o leitor sobre a verdade, justiça e injustiças. Nesse ensejo, os elementos tipográficos que selecionamos para construirmos um texto exercem um papel indispensável na leitura do sentido final a ser construído por leitores que estão em diálogo com outros sujeitos inseridos no discurso, os interlocutores. Além do dito, para Kress e van Leeuwen (2006), os elementos tipográficos podem ser classificados quanto à conectividade, à orientação, à regularidade, à curvatura, ao peso e aos afloramentos.

Outro ponto que abarca a tipografia e merece ser mencionado é análise da expansão, aspecto que trata da repartição das letras no espaço multimodal. A inclinação tipográfica está relacionada ao desenho das letras que pode ser impressa ou manuscrita. O uso de letras manuscritas na organização do texto multimodal contribui para o letramento de leitores iniciantes com essa modalidade de escrita. Já os sujeitos-leitores da era moderna terão mais dificuldade para a leitura desses padrões tipográficos (Vieira; Silvestre, 2015).

Ainda conforme as autoras, a análise da curvatura também é importante, posto que quem produz um texto e adiciona esse elemento tipográfico tem uma intenção específica, assim, cabe ao leitor observá-lo, pois ele contribuirá para a construção do sentido do texto. Em relação à conectividade, é preciso se atentar à conexão e distribuição das letras no espaço. Aqui podemos citar certos poemas em que as letras, na impressão tipográfica, assumem conexão particular, característica do gênero poesia.

Sobre a orientação, sua função é estudar a altura e a largura da letra. Quanto maior a largura da letra, maior será sua perceptibilidade multimodal no ato da leitura. Por último, o afloramento da letra, que são estilos de escrita rebuscados, letras desenhadas e de cunho estilístico, o que possibilita marcar a temporalidade do texto. Afora essas questões tipográficas, outro ponto que merece destaque é o alinhamento do texto, visto que as palavras podem ser alinhadas à direita, à esquerda, centralizadas e justificadas e isso é pertinente também na análise de textos multimodais.

3.5 Os efeitos de sentido na perspectiva ducrotiana

O estudo dos sentidos não ditos (os implícitos), como os pressupostos e os subentendidos, que são elementos semânticos da linguagem, foram também estudados por Ducrot (1977; 1987a; 1987b; 1987c; 1992), Carel e Ducrot (2005, 2008) e Carel (2011)⁷⁰. De acordo com Lebler (2016), a pressuposição e o subentendido tornaram-se objeto de discussão por parte do autor em inúmeras fases do desenvolvimento de suas pesquisas sobre a linguagem. O primeiro trabalho de Ducrot acerca da pressuposição foi divulgado em 1966, na revista *Études de Linguistique Appliquée*, intitulado *Le roi de France est sage: implication logique et présupposition linguistique*. Em seguida, outros trabalhos foram desenvolvidos como o livro *Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer* (1977), além de artigos e capítulos de livros que foram publicados. Reiteramos que esses estudos não se esgotaram, visto que Carel deu continuidade às pesquisas de Ducrot.

Segundo Ducrot (1977), os implícitos, presentes no componente linguístico, são decorrentes da organização interna do discurso, dado que a proposição implícita transcorre de lacunas já deixadas no conjunto das proposições explícitas. Utilizamos esse procedimento quando não queremos expressar algo diretamente. Por exemplo: *Encontrei Maria em Paris, ela estava feliz*. Há, neste exemplo, duas pressuposições: 1) a felicidade de Maria por estar em Paris; 2) Maria foi à Paris. Já em *Maria gosta de perfumes importados* entende-se que ela tem pouco estima por perfumes brasileiros. Outro exemplo, desta vez utilizado por Ducrot, é em *Pedro parou de fumar*. Aqui, o posto é expresso claramente na frase, ou seja, Pedro é um ex-fumante. Então, o pressuposto é que *Pedro não fuma atualmente*, e o subentendido é que *Pedro fumava*.

Sendo assim, para Ducrot (1987a), o **conteúdo posto** são as informações expostas no sentido literal da frase, ou seja, o verdadeiro objeto do dizer; o **conteúdo pressuposto**, vinculado ao componente linguístico, são as informações que deduzimos da enunciação, ou seja, não constitui o verdadeiro objeto da mensagem; e o **subentendido**, que exige intervenção do componente retórico, mesmo sendo observável em certos enunciados, não está marcado na frase (Ducrot, 1987a; Fiorin,

⁷⁰ Isso porque outros autores como Frege (1978), Strawson (1950), Sellars (1954), Fillmore e Langendoen (1971) também estudaram os princípios semânticos da linguagem, mas, nesta subseção, focaremos apenas nos pressupostos de Ducrot e traremos outros autores para reforçar nossas discussões.

2015). A pressuposição, portanto, é parte complementar do sentido dos enunciados. O subentendido, por sua vez, corresponde à forma pela qual esse sentido deve ser compreendido pelo destinatário⁷¹.

Ainda sobre essa distinção, o autor assegura que

O posto é o que afirmo, enquanto locutor, [...] O subentendido é o que deixo meu ouvinte concluir, o pressuposto é o que apresento como pertencendo ao domínio comum das duas personagens do diálogo, como o objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato de comunicação. Em relação ao sistema de pronomes poder-se-ia dizer que o pressuposto é apresentado como pertencendo ao 'nós', enquanto o posto é reivindicado pelo 'eu', e o subentendido é repassado ao 'tu' (Ducrot, 1987a, p. 20).

Além de frases, as noções de conteúdo posto, pressuposto e subentendido (Ducrot, 1987a) perpassam charges, anúncios publicitários, propagandas, tiras, memes etc., no entanto, nesta subseção, focaremos na charge, por ser o nosso objeto de estudo.

Em charges, por exemplo, o implícito subsidia o explícito, isto é, o não dito remete ao dito. A charge baseia-se em eventos temporais, versando sempre de temáticas alusivas a uma realidade a ser representada. Nas charges que propomos analisar, verificamos como os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido, presentes na linguagem verbal e não verbal, contribuem para a construção do discurso de alerta e de prevenção sobre o meio ambiente. Com isso, pretendemos que o leitor observe não apenas o conteúdo explícito na charge, mas as informações que, mesmo não estando lá, significam.

Portanto, em concordância com Ducrot (1987a, p. 42),

Dizer que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de X. O subentendido, ao contrário, diz respeito à maneira pela qual esse sentido é manifestado, o processo, ao término do qual deve-se descobrir a imagem que pretendo lhe dar de minha fala.

Ao relacionar o posto, o pressuposto e o subentendido ao quadro geral dos pronomes, Ducrot (1987a) assegura que o primeiro pertence ao "nós", o segundo ao

⁷¹ Sobre os implícitos no ensino de leitura, ler França (2013).

“eu” e o terceiro ao “tu”. Ainda, sugere o autor, a relação entre esses efeitos de sentido e as imagens temporais. A esse respeito, Barros (2007, p. 136), complementa que o posto se apresenta concomitantemente ao ato da comunicação, ou seja, “no momento da realização desse ato”; o subentendido, “em momento posterior ao ato de comunicação”, além disso, é acrescentado por meio da participação do ouvinte. O pressuposto, por sua vez, “procura situar-se em um passado do conhecimento, eventualmente fictício, ao qual o locutor parece referir-se” (Barros, 2007, p. 136).

Ducrot (1987a) aponta algumas consequências acerca da distinção do pressuposto, como ocorrência de língua, e do subentendido, como ocorrência de fala. Esse autor orienta que os efeitos de sentido sejam observados à luz da dicotomia língua *versus* fala, visto que, conforme Barros (2007, p. 136), “[...] um enunciado, enquanto tal, não estaria investido de nenhuma função polêmica, intersubjetiva específica, apenas a enunciação do enunciatário lhe conferiria tal valor”.

Nessa perspectiva, Ducrot (1987a, p. 30) conclui que

[...] se o pressuposto, diferentemente do subentendido, não é um fato da retórica ligado à enunciação, mas se inscreve na própria língua, é preciso concluir que a língua, independentemente das utilizações que dela podem ser feitas, apresenta-se, fundamentalmente, como lugar de debate e da confrontação das subjetividades.

Por meio dessa conclusão, Ducrot (1987c, p. 33) propõe um reexame da seguinte tese: “pressuposto e subentendido se opõem pelo fato de não terem sua origem no mesmo momento de interpretação”. Segundo Barros (2007, p. 136), “a concepção desse autor se pauta no fato de o pressuposto ser transmitido sempre da significação (frase) para o sentido (enunciado)”. Já o subentendido “pertence ao sentido (enunciado) sem estar antecipado ou prefigurado na significação (frase)” (Barros, 2007, p. 136).

Nesse reexame, Barros (2007, p. 136) sinaliza, através das considerações de Ducrot (1987c), que é importante distinguir os seguintes conceitos:

1. a frase é uma entidade gramatical abstrata;
2. o enunciado é uma realização particular da frase;
3. a enunciação deve ser entendida como ação que consiste em produzir um enunciado (uma realização concreta);
4. o sentido consiste em um valor semântico do enunciado;
5. a significação corresponde ao valor semântico da frase.

Diante do exposto, analisar os efeitos de sentido em charges é convidar os leitores a ler nas entrelinhas do texto, é fazer inferências, atentando-se, claro, para os seus aspectos semânticos e pragmáticos.

No capítulo 5, focamos nos recursos multissemióticos, modos da linguagem (Kress; van Leeuwen, 2006) e nos efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido (Ducrot, 1989a) das charges.

Passemos, agora, para o trajeto metodológico em que apresentamos como esta pesquisa foi desenvolvida, a partir do objeto pesquisado em sua base teórica.

4 TRAJETO METODOLÓGICO

Estruturamos este capítulo em cinco subseções. Na primeira, discorreremos sobre o gênero charge e destacamos alguns pesquisadores que deram continuidade aos estudos bakhtinianos acerca do trabalho com os gêneros; na segunda, é feita uma caracterização da pesquisa e do método de investigação; na terceira, delimitamos o universo da pesquisa, explicamos a escolha de trabalhar com charges de temática ambiental e a rede social de onde coletamos esses textos; na quarta, descrevemos os procedimentos de coleta de dados e elencamos a codificação do *corpus*; e, na quinta, explicamos como procederam as etapas de análise das charges.

4.1 Gênero charge no contexto metodológico

Os gêneros textuais tornaram-se um objeto de pesquisa no âmbito escolar e acadêmico, especialmente na área da Linguística Aplicada. Então, o estudo dos gêneros, a discussão e a construção de sequências de atividades para o ensino de leitura e produção textual, frequentemente, segundo Bezerra (2017, 2022), possui concepções teóricas e nomenclaturas idênticas, outrora, distintas.

Nesse panorama, essa pesquisa visa trabalhar o gênero charge, à luz das ideias de Bakhtin (2003[1979]), no que se refere à concepção de gênero. Antes deste estudioso, os estudos se agrupavam na área da retórica, gramática e literatura sem, no entanto, a carecida preocupação com a natureza discursiva do enunciado (Aristóteles, 1988; Todorov, 1976). Nessa perspectiva, destacamos alguns pesquisadores que deram continuidade às pesquisas acerca dos gêneros como Adam (1999), Bronckart (1999), Hasan (1994), Swales (1990), Marcuschi (2002, 2005, 2008), Bazerman (2020, 2021), Bezerra (2017, 2022), Brait (2013, 2013), Storto e Brait (2020), Dionisio *et al.* (2007), Rojo (2005), Rojo e Barbosa (2015), entre outros, cujas pesquisas foram importantes para a compreensão e análise de gêneros, em particular, no contexto do ensino.

Embora possua alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa, nem superestruturas canônicas e deterministas, mas sim atividades relativamente

estáveis (Bakhtin, 2003), haja vista que se configuram como eventos maleáveis, dinâmicos e plásticos. Também, surgem de acordo com as necessidades comunicativas das pessoas, e se caracterizam por suas funções cognitivas e institucionais, além das suas peculiaridades linguísticas e estruturais, por conseguinte, os gêneros materializam a língua e ela está vinculada à vida. Diante disso, entende-se que os gêneros estão nos entremeios entre a língua e a vida.

Nesse sentido, destacamos a charge, objeto de estudo desta pesquisa. Conforme Ribeiro (2017, p. 29), “[...] a charge é um gênero, uma ilustração humorística que estrutura sua linguagem como reflexo e crítica social”. A intencionalidade principal da charge é fazer uma crítica através do humor reproduzido discursivamente por sujeitos reais, virtuais, personagens situados em distintos contextos e em situações diversas. Desse modo, textos chárgicos utilizam os modos verbais e não verbais para anunciar o agrupamento e posicionamento editorial do veículo.

Segundo Souza (2020, p. 32), “[...] a charge é um texto de caráter opinativo, pois expressa o ponto de vista do chargista sobre o tema abordado”. Em vista disso, privilegia a opinião do chargista, contudo, não se desconsideram os conhecimentos procedurais, enciclopédicos e de mundo de quem a interpreta. Por ser um texto que aborda em seu cerne temas de cunho polêmico, caracteriza-se como um gênero dinâmico, atrativo e, assim como outros textos que circulam na sociedade moderna, esse gênero é permeado de múltiplas semioses.

Assim, essas informações sobre o gênero, constitui um passo metodológico porque elas contribuíram tanto para a compreensão como para a composição do *corpus* desta pesquisa. Como a charge é utilizada como ferramenta de denúncia, revelando crises vividas pela sociedade, propomos, neste estudo, por meio da análise da linguagem verbal e não verbal contida nesse gênero, sensibilizar o leitor acerca dos irreversíveis problemas ambientais que circundam no Brasil e impulsioná-lo a zelar pela causa comum, o planeta terra. Além disso, considerando que todo discurso é ideológico, as charges demonstram de uma forma condensada tanto a postura político-ideológica do enunciador, como a situação representada. A partir dessa abrangência, definimos também as teorias que iremos utilizar na análise, para atingir os nossos objetivos.

4.2 Caracterização da pesquisa e método de investigação

A pesquisa descritiva “[...] tem como alvo descrever o fenômeno estudado” (Paiva, 2016, p. 14) e abrange um estudo analítico que visa à identificação, registro e análise de dados.

Moreira e Caleffe (2008) apontam que a pesquisa descritiva é utilizada na educação e nas ciências comportamentais. Para esses autores, esse tipo de pesquisa é importante por acreditar que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas através da observação prática e minuciosa, da análise e da descrição.

Ao discutir acerca da pesquisa descritiva, Trivinões (2011, p. 110) assinala que

[...] a maioria dos estudos que se realizam no campo da educação é de natureza descritiva. O foco essencial desses estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores, os problemas do analfabetismo, a desnutrição, as reformas curriculares, os métodos de ensino, o mercado ocupacional, os problemas do adolescente etc.

Segundo esse autor, os estudos descritivos exigem do pesquisador algumas informações sobre o seu objeto de pesquisa, ou seja, para a pesquisa ter um grau de validade científica é preciso a delimitação de técnicas, métodos, modelos e teorias que guiarão a coleta e interpretação dos dados. Além disso, Trivinões acrescenta que os estudos descritivos também podem ser chamados de estudos qualitativos por fornecer profundidade aos dados, riqueza interpretativa, bem como entendimento integral dos fenômenos, contextualização do ambiente e as experiências únicas.

Uma pesquisa descritiva descreve os fatos e fenômenos de determinada realidade, bem como, “[...] observa, registra, analisa e ordena dados, porém, sem a intervenção do pesquisador; além disso, procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos” (Prodanov; Freitas; 2013, p. 52). Nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, o que nos leva à compreensão de que, embora os autores defendam o distanciamento do pesquisador (“sem a intervenção”), entendemos a necessidade de sua intervenção na análise dos dados, que não se explicam por si mesmos, mas devem ser explicados, analisados, sob a ótica do pesquisador com respaldo nos fundamentos teórico-metodológicos de

base adequados à pesquisa.

Do ponto de vista dos objetivos, esta pesquisa caracteriza-se como descritivo-analítica, pois visa analisar, verificar e averiguar os recursos multissemióticos e modos da linguagem em charges, bem como os efeitos de sentidos posto, pressuposto e subentendido e a construção argumentativa que insurgem dos recursos multissemióticos presentes nelas e suas contribuições no processo de construção dos significados dos discursos de alerta e combate à devastação ambiental e da diversidade de interpretações que eles podem fornecer. Nesse sentido, este trabalho se inscreve na perspectiva descritivo-analítica porque analisamos, verificamos e averiguamos, ancorados nos fundamentos teórico-metodológicos, como os recursos multissemióticos, associados às matrizes da linguagem, constroem os discursos de alerta e prevenção do meio ambiente.

A abordagem desta pesquisa é de natureza qualitativa, porque as categorias de análise e procedimentos metodológicos emergem dos dados, pois, conforme Kress (2010), a pesquisa qualitativa inserida no contexto da Semiótica Social e da Multimodalidade, por exemplo, se interessa pelo significado construído, não o significado esperado. Ainda, nesta pesquisa, priorizamos a análise reflexiva e descritiva dos dados, o que nos isente de uso de métodos e técnicas estatísticas.

Ademais, esta pesquisa é considerada um estudo básico, pois visa contribuir para a prática de leitura crítica, análise e compreensão de gêneros multimodais, principalmente as charges, que é o objeto desta pesquisa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa básica tem o objetivo de gerar conhecimentos novos e úteis para a melhoria da ciência sem aplicação prática prevista, além disso, ela envolve verdades e interesses universais. A charge, por exemplo, é um gênero de caráter humorístico que aborda várias temáticas, como os aspectos sociais, econômicos e políticos, o que pode contribuir para a geração de novos conhecimentos e também para o avanço do ensino-aprendizagem na Educação Básica.

Na ótica de Lakatos e Marconi (2007, p. 83), “[...] todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências”. Partindo desses pressupostos, o uso de métodos científicos não é exclusivamente da ciência, contudo, não há ciência sem a aplicação de métodos científicos, posto que este é um trabalho sistemático; é um percurso que se deve seguir para a formulação de uma teoria científica.

De acordo com os autores,

[...] o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista (Lakatos; Marconi, 2007, p. 83).

Para Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa científica é um processo sistemático, metódico e crítico. O produto da pesquisa deve corroborar para a ampliação dos saberes humanos. No trajeto acadêmico, a pesquisa desperta nos cientistas o espírito de investigação mediante aos exercícios e problemas sugeridos e propostos pelos docentes e orientadores.

Conforme os autores, a metodologia de uma pesquisa é um contíguo de procedimentos, abordagens e técnicas que o pesquisador utiliza para a construção de ciências. Nesse processo, ele delinea e traça percursos a serem percorridos no processo de investigação científica, a fim de responder aos questionamentos iniciais, permitindo testes para a comprovação de hipóteses.

Nesta pesquisa, utilizamos o método indutivo para investigar as matrizes verbal e visual, representadas no *design* (conteúdo) dos textos, para a construção dos discursos nas charges sobre o meio ambiente, com base também nos pressupostos analíticos da GDV, de Kress e van Leeuwen (2006), com o propósito de chegarmos às generalizações multimodais e discursivas pautadas no nosso objeto de estudo. Essa generalização não acontece mediante escolhas por pressuposição das resoluções, posto que essas devem ser repetidas, geralmente com base na experimentação. A experimentação baseou-se na descrição dos significados multimodais nas charges em que os modos semióticos como palavras, gestos, expressões faciais, cores, movimentos, tipografias etc., se articulam, se integram, se unem concedendo sentidos ao texto.

Sobre o método indutivo, Lakatos e Marconi (2007, p. 86) pondera:

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

O objetivo desse método é alcançar conclusões de teor mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam. Prodanov e Freitas (2013, p. 28) ratifica que “[...] indução parte de um fenômeno para chegar a uma lei geral por meio da observação e da experimentação, visando a investigar a relação existente entre dois fenômenos para se generalizar”. Nessa mesma linha de pensamento, Gil (2008, p. 10) aponta que o método indutivo “[...] procede inversamente ao dedutivo: parte do particular e coloca generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares”. Enquanto o método dedutivo “parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica” (Gil, 2008, p. 9).

Essa pesquisa segue o método indutivo porque, diante de um *corpus* embora não muito extenso, que envolve a descrição e a reflexão dos dados, ela tende a fazer generalizações para as charges de modo geral, inclusive, para outros gêneros que estejam no mesmo domínio discursivo. Sendo assim, o que analisamos nas charges não se resume apenas nelas, pois estas podem ser projetadas para quaisquer charges que tenham a mesma temática e as características que analisamos.

4.3 Delimitação do universo e da amostra

O universo da pesquisa é composto por vinte charges que estão localizadas no *Instagram* do Lute Cartunista⁷². Nessas charges, constatamos discursos de conscientização e incentivo à preservação ambiental, bem como discursos que denunciavam sobre o desmatamento e a poluição.

A escolha de trabalhar charges de temática ambiental deve-se, principalmente, ao fato de esse gênero ter várias funções, dentre as quais, denunciar as irregularidades constantes numa sociedade, levando o sujeito leitor a refletir e criticá-las. Então, nessa perspectiva, nas charges que escolhemos, verificamos os discursos que denunciam tais irregularidades, a saber: o alto índice de desmatamento, o uso irregular de agrotóxicos nos alimentos que consumimos e a constante poluição dos rios, do ar, das matas, manifestadas, ideologicamente, por quem produziu esses textos, ou seja, Lute Cartunista.

⁷² As charges do Lute Cartunista estão localizadas tanto no seu *Instagram* (<https://www.instagram.com/lutecartunista>) como no *Twitter* (<https://twitter.com/lutecartunista>) e *Facebook* (<https://www.facebook.com/lute.cartunista>).

Sobre esses crimes ambientais, conforme Artaxo (2021), no ano de 2021, em pleno governo de Jair Messias Bolsonaro, 13 mil km² da Floresta Amazônica foram derrubadas, e 60% do Pantanal foram queimados. O agronegócio continua avançando sobre o Cerrado, visto que não há implementação de políticas públicas de preservação dos nossos ecossistemas; o garimpo ilegal continua a poluir com mercúrio os rios, afetando a saúde das comunidades ribeirinhas, da população indígena e de todo bioma amazônico. Outro problema que perdurou em 2021 e que persistiu em 2022 foi o uso excessivo de agrotóxicos pelo agronegócio brasileiro, com um número recorde de autorização de produtos, cuja utilização é proibida em outros países, mas que é autorizada pelo governo no Brasil.

Outro ponto que destacamos é a escolha da rede social, o *Instagram*, posto que é um veículo de disseminação de informações com facilidade e rapidez. O *Instagram* do Lute Cartunista, de onde coletamos as charges para a apreciação, é visitado pelos internautas, que curtem e compartilham o conteúdo com outras pessoas e grupos sociais, logo, consideramos essa rede social relevante e significativa no que toca à disseminação desses discursos de alerta e prevenção ao nicho ecológico, em particular, por meio de charges, gênero textual sobre o qual nos debruçamos nesta pesquisa.

No que diz respeito à averiguação do levantamento bibliográfico para a construção deste trabalho, visitamos e coletamos informações em bases como o *Google Acadêmico*; Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; Biblioteca Brasileira Digital de Teses e Dissertações – BDTD e *Scientific Library Online* – ScieLO para buscar aportes teóricos sobre a multimodalidade em charges. Encontramos pesquisas que discutem esse assunto, não obstante, no que toca à investigação de matrizes verbal e visual, representadas no *design* (conteúdo) dos textos, para a construção dos discursos nas charges sobre o meio ambiente, não constatamos, conforme explicamos detalhadamente na introdução desta pesquisa, o que comprova que ela aborda uma discussão teórico-metodológica relevante para os estudos da linguagem, da linguística. E como algo a mais, esta discussão pode servir também de base teórica para professores de Língua Portuguesa utilizarem em suas aulas, no que concerne ao estudo sobre o discurso multimodal em charges e seus efeitos de sentido.

4.4 Procedimentos para coleta de dados

A coleta de dados se deu necessariamente em consulta às páginas da rede social supracitada anteriormente. Para o aparelhamento do material, fizemos *prints* das páginas no intuito de resguardar informações importantes como: data de acesso, data de publicação, contexto de produção, autoria, origem e originalidade das informações contidas nas charges. Todos esses elementos foram guardados em um documento criado para tal desígnio.

Após esse procedimento, a coleta de dados se constituiu em identificar e separar as charges seguindo os seguintes critérios: a) meio de circulação (*Instagram*); b) charges que se reportaram sobre o meio ambiente, a poluição e a preservação; c) postagens dentro do intervalo de 2021, 2022 e 2023.

Escolhemos esse intervalo porque em 2022, conforme já mencionamos anteriormente, o Brasil, que estava sob a presidência de Jair Messias Bolsonaro, apresentou um aumento significativo de desmatamento e uso inapropriado de agrotóxicos pelo agronegócio. Além disso, de acordo com o BBC News Brasil, o Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE) registrou que 73% da floresta amazônica foi destruída nesse período. Em 2023, no entanto, Luiz Inácio Lula da Silva, atual presidente, prometeu a retomada do Fundo Amazônia, o decreto pró-garimpo e a reestruturação do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA). Esses acontecimentos contribuíram para que o produtor das charges, Lute Cartunista, tanto através da linguagem verbal como da não verbal, criasse charges que denunciasses os crimes ambientais cometidos pelo antigo governo, e renovassem a esperança das comunidades indígenas e do povo brasileiro, no atual governo, de uma Amazônia preservada.

Do universo de charges que circularam do *Instagram*, nesse período, coletamos vinte charges no intervalo de três anos, levando em consideração os critérios elencados, bem como os aspectos multimodais e discursivos constantes das categorias de análise. Após checagem prévia, constatamos que esse contingente é adequado à composição de um *corpus* viável para atender nosso objeto de estudo.

Vale ressaltar que escolhemos trabalhar com as charges do Lute Cartunista porque sua área de estudos é voltada para a produção desses textos. Nessas produções, ele aborda também a temática ambiental e faz críticas ao desmatamento, às queimadas, à invasão às terras indígenas, ao uso de agrotóxicos, ações cometidas pelo ser humano e que precisam ser reparadas. Nas charges, o autor busca sensibi-

lizar o leitor, levá-lo a refletir sobre essa temática e despertar seu senso crítico a fim de zelar o meio ambiente. Outro ponto importante é que suas charges são repostadas pelo Jornal *online* Hoje em Dia⁷³, de Belo Horizonte, o que demonstra relevância e credibilidade. Além disso, nesse jornal, há um ambiente reservado para as charges desse autor, intitulado *Blog do Lute*⁷⁴.

No Quadro 5, consta o contingente das charges que selecionamos. Desse contingente, analisamos nove charges (C2-21, C6-21, C9-22, C10-22, C5-21, C12-22, C19-23, C17-23, C20-23), de acordo com as categorias de análise elencadas em nossos objetivos.

Quadro 5 - Codificação de dados do *Corpus*

CHARGES	TÍTULO
C1-21	Desmatamento na Amazônia
C2-21	Aves pantaneiras
C3-21	Aquecimento global
C4-21	Cinzas Gerais
C5-21	Rios da Amazônia
C6-21	Alto índice de calor
C7-21	Clima
C8-22	Desmatamento em terras indígenas
C9-22	Incêndios na Amazônia
C10-22	Garimpo na Amazônia
C11-22	Dia da árvore
C12-22	Queimadas na Amazônia
C13-22	Primavera sem flores
C14-22	Efeito estufa
C15-22	Semana da criança
C16-22	Queimadas e garimpo ilegal
C17-23	SOS Yanomami
C18-23	Desmatamento
C19-23	Demarcações em terras indígenas
C20-23	Queda no desmatamento
TOTAL 20	Em que: C – Charge 1,2,3... - Numeração das charges 21, 22 e 23 – Ano de publicação ENDEREÇO https://www.instagram.com/lutecartunista

Fonte: Elaboração própria (2024).

4.5 Procedimentos de análise de dados

⁷³ Site do Jornal *online* Hoje em Dia: <https://t.co/XjNQ1VjuEb>.

⁷⁴ Disponível em: <http://blogdolute.blogspot.com.br> Acesso em: 17 abr. 2023.

Entendemos que a análise de cunho qualitativo⁷⁵ apresenta-se como procedimento adequado para a averiguação de nosso objeto de estudo, pois esta se preocupa com a qualidade dos dados da pesquisa, trabalha com o universo de significados e o seu foco é entender os motivos e comportamentos dos fenômenos, ou seja, as pesquisas que usam essa abordagem buscam explicitar o motivo das coisas. Sendo assim, buscamos observar a construção do discurso voltado para dois grandes polos de análise: o semiótico-discursivo e a multimodalidade. Para a análise, invocamos os autores de base, Kress e van Leeuwen (2001, 2006), e os demais pesquisadores aludimos (estado da arte) que já se debruçaram sobre essas teorias e/ou objetos de estudo semelhantes que nos ajudaram a comprovar nossas verificações.

Para isso, seguimos as seguintes etapas/passos, com base nos objetivos traçados para a pesquisa:

- a) Investigamos de que forma a matriz verbal e visual contribuem para a constituição do discurso multimodal nas charges, pois partimos do pressuposto de que onde há matriz verbal, há discurso;
- b) Analisamos como os recursos multissemióticos e modos da linguagem, tais como imagem, cores, gestos, tipografias, movimentos, tamanho da letra, expressões faciais articulam-se nas charges para a construção do discurso;
- c) Verificamos de que maneira ocorre a construção de sentido na charge a partir do lugar das condições de produção;
- d) Averiguamos de que forma os efeitos de sentidos posto, pressuposto e subentendido e a construção argumentativa das combinações multissemióticas corroboram para a composição do discurso de alerta e prevenção do meio ambiente.

No próximo capítulo, constam a análise dos dados e a discussão dos resultados desta pesquisa, conforme Kress e van Leeuwen (2001, 2006), Santaella (2005), Ducrot (1987a), dentre outros autores que utilizamos para reforçar nossas discussões.

⁷⁵ Para saber mais sobre essa abordagem de pesquisa, sugerimos a consulta das seguintes obras: Flick (2009a, 2009b).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS CHARGES

Apresentamos a análise dos dados e a discussão dos resultados da pesquisa, de acordo com os apontamentos de Kress e van Leeuwen (2001, 2006), que tratam dos recursos multissemióticos e modos da linguagem; Santaella (2005), que discute sobre a matriz verbal e visual; e Ducrot (1987a), que versa sobre efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido presente nos textos, além de outros autores nos quais nos apoiamos para reforçar a análise das charges. Salientamos que, neste capítulo, abordamos aspectos não contemplados no capítulo três, que trouxe, além de discussões teóricas, ilustrações para exemplificar as categorias de análise das metafunções representacional, interativa e composicional da GDV, que contribuem para a construção dos significados dos textos e da comunicação.

5.1 Os recursos multissemióticos

As figuras 28, 29 e 30 apresentam as charges “Aves pantaneiras” (C2-21), “Alto índice de calor” (C6-21) e “Incêndios na Amazônia” (C9-22), objeto da presente análise. Nestas charges, analisamos os recursos multissemióticos, tais como: cores, imagens, tipografia, na construção do discurso sobre o meio ambiente.

Figura 28 - Aves pantaneiras



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CF4c70-FJSI/>

Esta charge ilustra duas cenas. A primeira, marcada temporariamente de ontem, conforme se vê na imagem, mostra uma parte do Pantanal, um dos biomas continentais do Brasil, e duas aves da mesma espécie (Tuiuiú, também chamadas de Jabiru), símbolo deste ambiente. A primeira imagem mostra que há vida nesse local, devido à exuberância de cores, como o verde das matas, o colorido das flores

(amarelas, rosas, vermelhas), nuvens, céu, rio, o que traz leveza e serenidade aos olhos do leitor e prazer de apreciá-la.

A segunda imagem, marcada temporariamente de hoje, mostra que, em virtude da quantidade de queimadas, a exploração dos recursos naturais e a falta de preservação do ambiente pelas pessoas, o Pantanal, nesta ilustração, se tornou um lugar sem vida, pois não há mais plantas, flores, rio; a fumaça das queimadas deixou o céu opaco, ou seja, sombrio, denso, sem brilho, sem luminosidade (van Leeuwen, 2011); os animais fugiram, alguns morreram queimados e serviram de alimento para os Urubus, como ilustra a figura. Logo, essa imagem dá ideia de luto e de tristeza.

Esta charge é composta, quase que, exclusivamente, por linguagem não verbal, tendo em vista que esta não depende da linguagem verbal para significar (Kress; van Leeuwen, 2006), porque os recursos multissemióticos que constam nesse texto contribuem para a construção do discurso sobre a situação do meio ambiente nos dias atuais. Nesta charge, reiteramos, a cena 1 e a cena 2 se contrapõem, posto que, enquanto a primeira dispõe de cores como verde, azul, branco, que remete à vida, a segunda apresenta cores cinza, mistura de luz nula (preto) e luz máxima (branco) que remete, nessa situação, à morte, configurada pelo desgaste natural, a desordem e a poluição (Kress; van Leeuwen, 2006; Vieira; Silvestre, 2015).

Por interferência humana, o Pantanal, em 2020, registrou 1.356.925 hectares perdidos para o fogo; em 2021, 261,8 mil hectares e em 2023, um milhão, conforme o Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais, da UFRJ. Esses dados servem de alerta para a população brasileira, em virtude de o Pantanal contribuir também para regular o clima do planeta Terra. É preocupante, ainda, para os animais que vivem nessa área, visto que esse bioma abriga uma rica biodiversidade como a onça-pintada, por exemplo. Como se vê nessa charge, há um animal que aparenta ser uma onça-pintada, que morreu por causa do fogo e está em estado de putrefação servindo de alimento para os Urubus.

As aves pantaneiras que residem nesse local, tais como o Tuiuiú, conforme ilustra a charge, e outras que não constam dessa ilustração, mas convivem nesse ambiente, como a Arara-azul-grande, o Tucano, a Ema etc., e mamíferos como o Tamanduá, o Lobo-guará, a Jaguatirica etc., hoje, deram espaço para as aves de rapina, os Urubus. Sendo assim, o chargista ilustra a realidade do Pantanal mato-grossense, o antes e o depois. Ele faz essa comparação para reforçar sua crítica aos órgãos públicos que precisam tomar medidas preventivas eficazes quanto à de-

vastação ambiental, logo, se ampara nos recursos multissemióticos para mostrar a realidade de um dos biomas brasileiros e, ainda, recorrer às mídias digitais, sobretudo ao *Instagram*, para despertar o senso crítico dos internautas e denunciar a ação do ser humano contra o meio ambiente.

Em seguida, analisamos a segunda charge C6-21, que trata do aumento da temperatura devido ao excesso de queimadas.

Figura 29 - Alto índice de calor



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CPszej7tgZ1/>

Nesta charge, a tarja superior, em cor cinza, dá destaque ao título, que anuncia o aumento do índice de calor na Amazônia. Um dos principais motivos que contribuem para o acréscimo da temperatura são as queimadas e é isso que a charge ilustra. Vemos que o fogo consome as matas, ambiente dos animais, e destrói o rio, local onde eles bebem água.

Esta charge é composta por linguagem verbal e não verbal. Como sinaliza Santaella (2005), o eixo do discurso está para a matriz verbal. A linguagem verbal está representada pelo discurso do pássaro, que toma atitude de apagar o fogo com pequenas gotas de água coletadas pelo seu bico. Como essa charge foi produzida em maio de 2021, o discurso personificado do pássaro, escrito em letras caixa alta e com inferências de reticências, que demonstra subjetividade discursiva de quem produziu a charge, Lute Cartunista, é uma crítica subjacente ao ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, nomeado pelo Presidente Jair Bolsonaro, na época de sua regência governamental, em 2021.

Esta charge apresenta também uma intertextualidade com “A Fábula do Beija-Flor”, de autoria de Wangari Maathai. Na fábula, a autora retrata a saga de um beija-flor ao tentar apagar o incêndio na floresta com pequenas gotas de água que carre-

ga no bico. A história ilustra como devemos agir diante de situações complexas do dia a dia, ou seja, nos ensina a sempre fazer a nossa parte, seja sozinho, como o beija-flor, ou com a ajuda de alguém, para melhorar o ambiente onde vivemos, porque se todos contribuírem, chegaremos a uma solução. Eis também o que ilustra essa charge: um pássaro que não fugiu do incêndio, que não desistiu de seus objetivos, mas tentou fazer o melhor que podia, a exemplo do beija-flor.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), o pássaro está representado em uma posição central, já a fumaça, o fogo e a grama queimada constituem-se como imagens mais salientes, para que o leitor, ao ver essa ilustração, reflita sobre as consequências que as queimadas trazem para os animais, para o planeta Terra e também para ele; enquanto os outros elementos situam-se nas margens superior e inferior. Há, na composição da charge, um processo narrativo de ação transacional em que o pássaro é o ator/participante representado que realiza a ação, apagar o fogo (sua meta) e salvar a floresta com a água coletada pelo seu bico, vetor que liga a ave e o fogo.

A linguagem não verbal está representada por meio da fumaça, do fogo, das árvores queimadas e da área verde que está sendo consumida pelas chamas. Segundo van Leeuwen (2011), quando duas ou mais cores estão juntas em uma imagem, por exemplo, ocorre uma interação entre elas, formando um todo comunicativo. Há, nesta charge, um processo conceitual simbólico sugestivo construído pela cor da fumaça, cinza em diferentes tonalidades, culturalmente associado à poluição, à sujeira, e à área em cor preta atingida pelo fogo, que representa devastação, morte, irregularidade.

A seguir, apresentamos a charge C9-22, que é uma continuação do tema da segunda.

Figura 30 - Incêndios na Amazônia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CeWJnSCu08C/>

Assim como a anterior, esta charge ilustra os irreversíveis incêndios provocados pelo ser humano na Amazônia, que aumentou desde maio de 2004. Por meio dos recursos verbais e não verbais contidos nesse texto, o chargista chama-nos atenção acerca da falta de zelo que muitas pessoas têm pela natureza. Ao invés de preservá-la, tanto por ser o ambiente dos animais, como para manter a umidade do clima e não sermos acometidos com grandes ondas de calor e doenças; e também termos acesso às plantas medicinais que contribuem para a fabricação de remédios importantes para o tratamento de doenças, acontece o contrário: a devastação, a poluição e o desmatamento.

Nesta charge, há duas aves em diferentes tonalidades, uma laranja e a outra amarela que estão voando para outra direção, posto que o local onde elas estavam está em chamas. O diálogo entre as aves está permeado de ironia, tendo em vista que, para elas, o ser humano só vai parar de denegrir o meio ambiente quando não tiver mais o que devastar. A ironia, segundo o dicionário Houaiss (2001, p. 1651), é uma “figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender”. É uma estratégia comunicativa e argumentativa que traz em si mensagens ora claras, ora obscuras, ora inteligentes, ora agressivas⁷⁶.

Os recursos multissemióticos que compõem a charge, tais como nuvens de fumaça, umas mais escuras e outras mais claras, fogo, árvores queimadas, céu escuro (van Leeuwen, 2011) reforçam a mensagem do produtor da charge: apontar a falta de preservação ambiental, de valorização dos biomas brasileiros, de humanidade e sensibilidade para com o espaço dos animais.

Para a construção dessa mensagem, o chargista recorreu à combinação de cores entre si, tons claros (verde das matas e azul da água do rio) e escuros (cinza e marrom para representar as nuvens de fumaça, vermelho e laranja para representar a cor do fogo, pela escolha de sombra e luz (há uma dimensão escura, o céu poluído pela fumaça, e uma clara, o resto de plantas que ainda não foi consumida pelo incêndio) (Kress; van Leeuwen, 2006; van Leeuwen, 2011).

As charges analisadas provocam no leitor a reflexão sobre aspectos ambientais, que envolve também aspectos sociais, econômicos, políticos e ideológicos, uma vez que, diante da devastação ambiental exposta na imagem, como queimadas e poluição do ar, as temperaturas tendem a aumentar pela falta de umidade que é li-

⁷⁶ Consultar Machado (2014).

berada pelas árvores. Na charge, o chargista aborda um fato da realidade social que, ao ser construído na linguagem verbo-visual, como forma de construção de sentidos contidas nas sintaxes visuais, sobretudo nas imagens (Santaella, 2005), conduz o leitor a interpretar e a refletir sobre o contexto social.

5.2 Os modos da linguagem

As figuras 31, 32 e 33 apresentam as charges “Garimpo na Amazônia” (C10-22), “Rios da Amazônia” (C5-21) e “Queimadas na Amazônia” (C12-22), objeto da presente análise. Nestas charges, verificamos os modos de linguagem, tais como: gestos, expressão facial, movimentos e arquitetura, na construção do discurso de alerta e de prevenção sobre o meio ambiente.

Figura 31 - Garimpo na Amazônia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Chmd4TCuKq3/>

A charge ilustra a questão do garimpo na Amazônia, através da imagem de um indígena que pescou um peixe contaminado por mercúrio. A prática do garimpo ilegal não é de agora, isso ocorre há anos no Brasil, mas se intensificou no governo de Bolsonaro, especificamente em 2022, ano em que esta charge foi produzida. Para tirar as impurezas do minério, os garimpeiros utilizam uma substância tóxica, o mercúrio, que é lançada na água, causando danos à cadeia alimentar.

As linguagens verbal e não verbal que compõem esta charge se combinam e se integram formulando sentidos (Santaella, 2005). Isso é perceptível por meio da imagem do peixe marcada por um símbolo de uma caveira, nomeada pelo indígena de “pintas tão estranhas”, que, no mundo material, significa perigo. O peixe, um dos alimentos consumidos pelo povo indígena, foi contaminado devido ao uso de subs-

tâncias inapropriadas na extração de ouro nos rios da Amazônia. Esse peixe encontra-se também com uma tonalidade pálida, e o rio de onde ele foi pescado está completamente sujo, com coloração marrom, cor associada à terra e à natureza, mas, nesta charge, dá ideia de impureza, poluição e sobriedade (van Leeuwen, 2011). O rio fica nesse estado porque os garimpeiros utilizam balsas para revirarem o seu leito em busca de ouro.

A arquitetura desta charge é composta por árvores em diferentes tonalidades de verde, umas mais claras e outras mais escuras, assim como a grama, o peixe, o céu, as nuvens e o indígena, elementos essenciais que representam e comunicam a realidade do meio ambiente. A imagem do indígena com o peixe fígado por sua lança é uma imagem de oferta, logo, o observador não é objeto, mas sujeito do olhar.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), o participante representado no texto não olha para o observador. O olhar do indígena, que se constitui como vetor, está direcionado ao seu objeto, o peixe, que, mesmo estando transpassado pela lança, movimenta-se, dando, portanto, sinal de vida. Diante da situação em que se encontra o peixe, a expressão facial do indígena é de tristeza, acompanhada da interjeição “puxa”, que demonstra decepção.

A charge cria um mundo textual envolvendo a gravidade do excesso de garimpo na Amazônia. Por meio das linguagens verbal e não verbal representadas nessa charge, a mensagem construída tem direcionalidade, pois o chargista que o produziu partiu de um propósito, uma necessidade de apontar os problemas ambientais, de comunicar e sensibilizar às pessoas acerca dos efeitos do garimpo ilegal. A esse respeito, entendemos, consoante Hodge e Kress (1988), que a charge apresentada tem uma origem (foi pensada), uma meta (informar) e um contexto (o ambiental).

Sendo assim, o produtor utiliza essas linguagens para mostrar a natureza dinâmica da comunicação na sociedade, logo, faz uso de várias modalidades como expressões faciais, símbolos, gestos, cores, arquitetura, para significar, pois, conforme aponta Greimas (1975), o homem vive em um mundo das significações, sendo assim, os discursos presentes na charge se imbricam e constroem os significados do texto.

Vejamos a outra charge (C5-21) que interage com a anterior.

Figura 32 - Rios da Amazônia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CWvPNXNrdRz/>

Esta charge, assim como a anterior, denuncia os problemas causados pela utilização do mercúrio no garimpo, ocasionando a poluição das águas e a morte de peixes e de seres humanos. Ao discorrer sobre a matriz visual, aponta Santaella (2005), que os signos representam o nosso meio ambiente visual, nesse caso, esses signos estão representados, neste texto, por meio dos recursos multissemióticos que ilustram esse problema, em primeiro plano, pela coloração da água do rio. Essa água está tingida por duas tonalidades: “azul claro” e vermelha.

A cor azul claro separa os elementos mercúrio e água, funcionando, assim, como *framing* (Kress; van Leeuwen, 2006). O mercúrio, representado pela coloração vermelha, é ofensivo à saúde dos seres aquáticos e dos seres terrestres. É ofensivo porque provoca doenças. Os restos mortais, por exemplo, são indicações de que o mercúrio provocou doenças e mortes.

Nesta charge, após a água ser contaminada por mercúrio, os peixes, em tons rosa, roxo, verde e laranja, e tamanhos pequeno, médio e grande iniciam um percurso de fuga. Nesse processo, eles nadam para outra direção (lado direito do rio) e essa ação faz com que as águas se agitem por causa do movimento dos peixes, que fogem desesperadamente para escapar da substância tóxica.

Ao discorrer sobre os modos semióticos de um texto, Kress e van Leeuwen (2001) assinalam que os recursos fisiológicos como as expressões faciais, olhar, gestos, são modos semióticos que utilizamos na comunicação, logo, atuam na construção textual do sentido. Isso vale também para os textos construídos por artefatos tecnológicos, em que o produtor utiliza efeitos especiais, como cores, movimentos, sons etc. (van Leeuwen, 2005, 2011), como é caso desta charge, em que o olhar desses peixes denota medo e desespero.

Ainda, nessa perspectiva, a água em pigmentação vermelha, e o enunciado “mercúrio retrógrado” escrito em letra caixa alta em negrito, tornam-se informações salientes, perceptíveis ao olhar do observador (Kress; van Leeuwen, 2006). Por estarem contaminados pelo mercúrio, os peixes verde e laranja apresentam palidez, enquanto os peixes rosa e roxo apresentam olhos com aparência doentia. Além disso, a relação do termo “mercúrio retrógrado” com a Astrologia, conforme se apresenta na charge, diz respeito a retrogração do planeta Mercúrio em relação à Terra. No contexto astrológico, isso afeta à vida em diferentes situações, no caso, nessa charge, o que foi afetado foi o ambiente e a saúde dos peixes, tendo em vista que o Brasil ainda se encontra atrasado no que tange à elaboração de políticas públicas que proíbam o uso de mercúrio na extração de minérios. Eis também o que essa charge ilustra, ou seja, o retrocesso e a desestabilização ambiental.

Todos os elementos verbais e não verbais desta charge se conectam, criando um pertencimento entre as informações. Neste texto, os significados são elaborados através da integração de todos os recursos multissemióticos na construção em um todo significativo. Por meio dessa charge, o chargista retrata a realidade do meio ambiente, precisamente os rios da Amazonas. Além de toda composição multimodal que integra o texto, para entendê-lo é importante conhecer o contexto histórico-cultural em que ele foi produzido, um contexto que envolve leis, poder público, política e estatutos de preservação ambiental.

Seguimos para a próxima charge (C16-22) que retrata a situação da Floresta Amazônica.

Figura 33 - Queimadas na Amazônia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CVndJXOrdnk/>

Esta charge está organizada em três cenas, dentre as quais constam linguagens verbal e não verbal que se orquestram, comunicam e constroem os sentidos do

texto. Essas linguagens estão inextricavelmente unidas e uma complementa a outra, por isso são híbridas. Nessa linguagem, os recursos multissemióticos, sejam eles quais forem, fornecem elementos que contribuem para a compreensão de seus significados sógnicos (Santaella, 2005).

Esta charge inicia com dois participantes representados: Mico-leão-dourado e Tatu, animais típicos da Mata Atlântica. Ambos estão interagindo a respeito da queda da emissão de gases do efeito estufa no mundo, que é a notícia boa, contudo, no Brasil, aumentou, devido ao excesso de queimadas que implica na destruição do *habitat* dos animais, que é a notícia ruim.

Nessa charge, os participantes representados na primeira e na segunda cena iniciam uma espécie de fuga; eles estão saindo desesperadamente do seu ambiente natural, a Floresta Amazônica. Ambas as cenas não mostram o porquê da fuga desses animais, apenas exhibe o diálogo deles. Eis a imagem dada, visto que a imagem nova só se encontra na terceira cena e é por meio dela que conseguimos compreender o motivo da fuga repentina desses animais: a Floresta Amazônica sendo incendiada, então, para não morrerem queimados, eles abandonam esse espaço. Eis a imagem nova que se associa à imagem dada e entram numa configuração veiculadora de sentidos (Kress; van Leeuwen, 2006).

Os animais estão saindo da floresta, não por vontade própria, mas por imposição do ser humano, que são os principais responsáveis pela geração de queimadas na Amazônia. A charge também mostra a pressa dos animais, através do movimento de suas patas que ora encostam no chão, ora não, e o ondulado de suas caudas.

Em termos de gradação de cor, a primeira e a segunda cena estão em conformidade porque ambas são semelhantes, contudo, na terceira cena, cuja imagem está extensa, vemos que essas cores se alteram, ou seja, enquanto nas primeiras cenas vemos árvores, nuvens, céu, na terceira cena, vemos que o céu ficou opaco por causa da fumaça, ocultando, portanto, as nuvens, e o verde das árvores foi consumido pelo fogo (Kress; van Leeuwen, 2006; van Leeuwen, 2011).

Ainda, nessa perspectiva, observamos que o Mico-leão-dourado, ao dizer que a emissão de gases do efeito estufa havia despencado e ao afirmar que, no Brasil, aconteceu ao contrário, este interage com o leitor porque seu olhar é direcionado para ele. Esse olhar demanda reflexão e é também uma crítica aos brasileiros porque, mesmo sabendo das consequências das queimadas, continuam praticando es-

sa ação. Já o olhar do Tatu, na segunda cena, denota espanto, ao questionar qual seria a notícia ruim.

Diante disso, percebemos que os recursos multissemióticos empregados nessa charge funcionam como fonte de informação para o que se quer dizer, no caso, o dizer dos animais, que se posicionam a respeito do aumento da emissão de gases do efeito estufa no Brasil por causa das queimadas, o que compromete a saúde de plantas e animais. Esses recursos nos permitem refletir sobre a linguagem verbal que não é mais a única manifestação linguística considerada, visto que outras estruturas semióticas assumem igual importância na construção do significado do texto.

5.3 Os efeitos de sentido

As figuras 34, 35 e 36 apresentam as charges “Demarcações em terras indígenas” (C19-23), “SOS Yanomami” (C17-23) e “Quedas no desmatamento” (C20-23), objeto da presente análise. Nestas charges, averiguamos os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido e a construção argumentativa das combinações semióticas na construção do discurso de alerta e de prevenção sobre o meio ambiente.

Figura 34- Demarcações em terras indígenas



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cqdq-ylupYH/>

Esta charge discorre sobre as demarcações das terras indígenas. De acordo com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), a demarcação de uma terra indígena diz respeito aos direitos territoriais que os povos indígenas têm, assegurando a preservação de sua identidade, a proteção dos limites demarcados, o que impede a ocupação por terceiros. Esse direito consta na Constituição Federal de

1988, na Lei nº 6.001 de 19 de dezembro de 1973, que estabelece aos indígenas o direito originário.

Quanto aos efeitos de sentido desta charge, segundo Ducrot (1987a), o conteúdo posto refere-se ao que é afirmado pelo locutor, ou seja, são as informações no sentido literal. Logo, nesta charge, o posto é o que está explícito nas palavras do indígena acerca das demarcações que aconteceram nas terras de seu povo.

O pressuposto são as informações que deduzimos da enunciação do sujeito. Nesse sentido, ao dizer “nos últimos anos” e “aconteceram”, entendemos que o indígena supostamente esteja se referindo ao quadriênio 2019, 2020, 2021 e 2022, cujas invasões em terras indígenas, no Brasil, particularmente no governo de Bolsonaro, triplicaram.

Por sua vez, o subentendido é o que deixo meu ouvinte completar, porque mesmo sendo observável em certos enunciados, não está marcado na frase (Ducrot, 1987a). Como dissemos, as demarcações em terras indígenas garantem ao povo o direito originário, contudo, o que consta nesta charge foge do escopo previsto na Lei, visto que, devido aos ataques e posses que ultimamente aconteceram em suas terras, as “únicas demarcações” que ocorreram foram a morte de indígenas que tentaram defender seu ambiente, ou melhor, seu patrimônio.

Essas informações não constam na charge, mas são construídas pelo conhecimento do leitor. O não dito remete àquilo que foi exposto no texto, ou seja, aquilo que foi dito, explícito. A charge ilustra as verdadeiras demarcações ocorridas nas terras indígenas, representadas por meio de ícones. O ícone é um signo que se assemelha com o que está sendo exposto: são signos visuais (Araújo, 2004; Peirce, 2005). Nesse caso, nesta charge, os ícones de seres humanos registrados na terra, que são as ilustrações dos indígenas que morreram na defesa de suas terras.

Sobre as modalidades verbal e não verbal presentes nesta charge, concordamos com Kress e van Leeuwen (2006) ao apontarem que, nas composições visuais, a representação de pessoas, objetos, lugares, coisas (reais ou alegóricos) contribuem para construção dos significados do texto e da comunicação. Nota-se que esta charge possui um enquadramento longo, pois conseguimos observar os elementos visuais que a integram, como indígena, área desmatada em tonalidade marrom (seca, sem vida), ícones de pessoas, e um ângulo simétrico, porque a imagem do participante representado (indígena) está no nível do olhar do observador, mantendo interação entre si.

Este texto chrgico, em seu caminho semântico-argumentativo, soma os modos verbais, imagéticos e os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido associado às marcas das demarcações, às cores, expressão facial, contando com o conhecimento de mundo do leitor para revelar a verdade subjacente contida nas palavras do indígena.

Vejamos, a seguir, a C17-23, intitulada “SOS Yanomami”.

Figura 35 - SOS Yanomami



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cny-RbaOWI/>

Esta charge trata da situação da terra e do povo indígena Yanomami, que enfrentam o avanço do garimpo ilegal, do desmatamento, dos diversos casos de malária e desnutrição. A partir dessas informações e da linguagem verbo-visual presente neste texto, identificamos o conteúdo posto, que diz respeito  devastação ambiental e sanitária ocorrida nas terras Yanomami. Isso está representado por meio das árvores cortadas, das queimadas, do esgoto a céu aberto e de uma criança/indígena com aparência pálida, doente, desnutrida.

Quanto ao conteúdo pressuposto, Ducrot (1977) enfatiza que os implícitos, marcados linguisticamente no texto, são decorrentes da organização interna do discurso, ou seja, está presente na língua, portanto, é de caráter semântico.  medida que o indígena diz que “a devastação c dentro do meu peito...consegue ser ainda maior!!!” entendemos que essa devastação diz respeito ao sentimento de tristeza que permeia o seu interior por ver a situação crítica de seu ambiente e de seu povo, assim, se constitui como o conteúdo pressuposto da enunciação.

Essa devastação “consegue ser ainda maior” pelo fato da falta de sensibilidade humana para com a comunidade indígena, que são seres humanos e têm direito

à saúde, à economia, à proteção ambiental, enfim, a políticas públicas que contribuam para o bem-estar de sua comunidade. Aqui temos o subentendido desta charge, que, para Ducrot (1987a), é a forma como esse sentido deve ser construído.

Nesse sentido, nesta charge, podemos observar uma profundidade semiótica, no que condiz à representação dos envolvidos na orquestração textual, ou seja, em primeiro plano está o indígena (à direita) e o córrego poluído (à esquerda). O indígena está próximo do leitor, mantendo uma relação de intimidade e envolvimento (Jewitt; Oyama, 2001; Kress; van Leeuwen, 2006). Ele olha para o leitor e esse olhar o introduz no seu mundo, na sua realidade, provocando sensações e emoções; no plano de fundo, consta um incêndio, nuvens de fumaça, fogo e árvores cortadas, que estão distantes do olhar do observador, mas mesmo estando distantes contribuem para a construção argumentativa do texto.

Figura 36 - Queda no desmatamento



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CohdCcrusEG/>

Nas charges anteriores, o chargista apresentou situações recorrentes, no Brasil, como poluição nos rios da Amazônia por causa do garimpo ilegal, queimadas excessivas na Mata Atlântica contribuindo para o aumento de gases do efeito estufa e da temperatura no planeta Terra, devastação nas terras indígenas, desmatamento. Nas ilustrações, notamos que o chargista faz com que os leitores se sensibilizem a respeito desses crimes ambientais e, com isso, conservem o meio ambiente para que não percamos um dos patrimônios mais exuberantes do Brasil, a Floresta Amazônica.

Como destacamos nas reflexões das charges anteriores, o aumento significativo de queimadas, desmatamentos, poluições aconteceram no período do governo

de Bolsonaro, no quadriênio 2019, 2020, 2021 e 2022, o que impulsionou o chargista a criar ilustrações para denunciar essas irregularidades. Nesta charge, o chargista relata que houve uma queda de 61% no desmatamento da Amazônia, no mês de janeiro de 2023. Aqui, conforme, Ducrot (1987a), é o conteúdo posto porque essa informação está explícita para os leitores.

Diante dessa informação, um dos participantes representados afirma que, com a queda do desmatamento na Amazônia, no ano de 2023, “brota um bocado de esperança aqui no meu peito também” e, ao dizer isso, ele aponta para um broto de árvore que surge diante das inúmeras árvores que foram cortadas. O subentendido, nessa informação, é que nos anos anteriores a devastação ambiental, sobretudo o desmatamento em terras indígenas e a poluição dos rios da Amazônia, aconteciam com frequência na gestão de Bolsonaro. Isso faz com que o leitor reflita acerca da administração desse governo, que, conforme as charges anteriores mostraram, datadas de 2020 a 2022, o índice de crimes ambientais aumentava constante e consideravelmente.

Já o subentendido nesse texto é que a esperança desse pássaro, assim como de muitos brasileiros, surgiu no ano de 2023, época em que o Brasil elegeu Lula como novo presidente da república, uma vez que, nesse ano, sob sua gestão, houve uma queda de 22,3% da taxa de desmatamento da Amazonia⁷⁷. Com o declínio no índice de desmatamento, a esperança é que esse clima sombrio, opaco, de luto que mostra a charge, ou seja, árvores cortadas, ausência de outros animais, do encanto da vegetação brasileira, de cores, seja renovado por meio do broto de árvore que surge como uma nova esperança para todos.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/governo-federal-anuncia-queda-de-22-3-da-taxa-de-desmatamento-na-amazonia-em-2023>. Acesso em 17 jun. 2024.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, desde o início, foi motivada pelo interesse e pela curiosidade no gênero charge, em como os discursos são construídos e constituídos por meio das linguagens verbal e não verbal. Como defendemos desde o início desta pesquisa, a comunicação humana é multissemiótica; todos os textos são multimodais, mas isso não é um fenômeno novo, visto que, desde as antigas tentativas de interação social, como pinturas nas pedras, no corpo, nas tábuas de madeira, no papiro, recorremos a mais de um modo semiótico, tais como cores, texturas, tipografias, curvaturas, diagramação, expressões faciais etc.

As pesquisas no campo da multimodalidade têm sido objeto de estudo ao longo dos anos e o interesse por esse estudo evoluiu por intermédio das novas tecnologias. Por meio da multimodalidade, percebemos diversos eventos comunicativos verbais e não verbais que se agregam a um texto conferindo-lhe sentidos. Cada texto é organizado de forma bem trabalhada, a fim de o leitor compreender o seu propósito comunicativo. Essa relação não consta apenas no campo linguístico, mas perpassa pelo campo social também, pois os gêneros são formas verbais de ação social, eles fazem parte da nossa vida diária, logo, interagimos com os outros e com o mundo através deles.

Nesse sentido, esta pesquisa foi proposta a partir do anseio de investigar as matrizes verbal e visual, representadas no *design* (conteúdo) dos textos, para a construção dos discursos, sobretudo dos discursos em charges de temática ambiental, objeto de estudo que deliberamos para compor o *corpus* desta pesquisa. No decorrer das discussões, buscamos entender como essas matrizes, que englobam os recursos multissemióticos e os modos de linguagem, assim como os efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido e a construção argumentativa constroem os discursos de alerta e prevenção nessas charges.

Para respondermos tais indagações deste trabalho, analisamos as charges C2-21, C6-21, C9-22, C10-22, C5-21, C12-22, C19-23, C17-23, C20-23 que denunciam às irregularidades do meio ambiente, à ação incoerente do ser humano de ferir à terra com queimadas, desmatamento, poluição, que contribuem para a geração de doenças e o aumento das temperaturas. Essas charges suscitam reflexões no leitor e o faz aderir ao posicionamento desejado pelo chargista: sensibilidade, envolvimento do leitor com a temática ambiental e criticidade. Isso

ficou nítido por meio dos recursos multissemióticos, dos modos de linguagem e dos efeitos de sentido decorrentes dos discursos dos personagens das charges, o que permite ao leitor fazer inferências e explorar suas potencialidades comunicativas.

Por ser um texto que aborda em seu cerne temas de cunho polêmico, a charge caracteriza-se como um gênero dinâmico, atrativo e permeado de múltiplas semioses. Salientamos que as charges que escolhemos atenderam aos nossos objetivos, visto que, além da linguagem verbal, os recursos multissemióticos e os modos da linguagem, tais como cores, tipografia, olhar, expressão facial, gestos, movimentos, dentre outros, contribuíram para que pudéssemos compreender e perceber como os discursos se orquestram, comunicam e constroem os significados dos textos.

No que diz respeito ao aporte teórico-metodológico que utilizamos para desenvolver esta pesquisa, asseguramos que foi satisfatório, pois o caminho traçado nos permitiu alcançar os objetivos geral e específicos. As contribuições da Semiótica Social e das abordagens: Multimodalidade e GDV, assim como os efeitos de sentido decorrentes das linguagens que compõem as charges que analisamos, dialogam com a realidade da sociedade, mostrando a conduta humana em seus aspectos éticos e morais, mediante temas sociais que devem ser discutidos por todos, a preservação ambiental. Isso nos permite refletir sobre a importância de desenvolver políticas públicas que assegurem a preservação ambiental no Brasil como forma de garantir vida no planeta Terra.

Diante disso, os resultados deste estudo apontam para as potencialidades crítico-reflexivas dessas charges, que representam a realidade do meio ambiente, cujas publicações na mídia social são realizações materiais desses discursos que criticam, ironizam e denunciam os problemas ambientais no Brasil. Esses resultados nos autorizam a concluir que os discursos nas charges constroem-se de modo crítico, interativo e ideológico pelo uso das linguagens verbal e não verbal, porém, a construção do discurso se faz, predominantemente, nessas charges, pelo discurso multissemiótico visual.

Desse modo, não podemos analisar charges e desconsiderar seus recursos e modos multissemióticos da linguagem, pois eles têm função discursiva associada à linguagem verbal. Nas charges que trabalhamos nesta pesquisa, observamos que a imagem é um elemento muito utilizado pelos chargistas, não apenas como recurso

ilustrativo para apontar uma realidade social, mas também como recurso argumentativo na busca da textualidade.

No decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, percebemos que a combinação dos recursos multissemióticos e modos da linguagem nas charges têm a capacidade de fazer com que os leitores percebam que os elementos ilustrativos e traços de *design* em textos são importantes, comunicativos e discursivos quanto à leitura de textos que contêm apenas linguagem verbal. Sendo assim, as discussões aqui apresentadas promovem reflexões, pois os diferentes recursos e modos semióticos da linguagem oferecem aos leitores inúmeras possibilidades de comunicação, de interação social entre as pessoas.

Ainda, nesse ensejo, reiteramos que, embora não seja um trabalho direcionado ao contexto da sala de aula, como pleiteamos no início desse estudo, asseguramos que ele trará muitas contribuições para os professores da Educação Básica, no que tange ao processo de análise de textos multimodais com os discentes, posto que esses exercícios contribuem para que sejamos leitores proficientes, capazes de construir significados por meio de discursos verbais, imagéticos, sincréticos, e não se atentar apenas aos explícitos de um texto, mas também aos implícitos, isto é, observar os sinais, entonações, expressões faciais, cores, arranjos visuais, ângulos, olhares, que são recursos multissemióticos que agregam sentidos aos textos.

Assim, defendemos que ainda se fazem necessárias pesquisas que discorram sobre Semiótica Social e Multimodalidade, sobretudo a análise das matrizes verbal e visual que compõem os mais diversos textos que circulam no mundo, principalmente os que são disseminados no universo midiático. No percurso desta dissertação, não encontramos referências de textos que tenham como objeto de estudo a análise dos efeitos de sentido posto, pressuposto e subentendido em textos verbo-visuais, contemplando também os seus recursos multissemióticos e modos da linguagem, por isso, é importante investir em pesquisas que analisem não apenas as linguagens verbal e não verbal dos textos, mas os implícitos que constam neles, visto que são essenciais para a construção dos significados, da comunicação e da argumentação.

Ainda, ressaltamos que, mesmo que o nosso objeto de estudo não traga a perspectiva dos multiletramentos, pretendemos, futuramente, desenvolver pesquisas que tratem da multimodalidade, seja na perspectiva da Semiótica Social, da GDV ou da LSF, cujo enfoque seja a leitura crítica, a análise e a produção de textos em sala

de aula, especialmente os textos midiáticos, posto que, como defendemos ao longo deste trabalho, os textos que estão sendo desenvolvidos e compartilhados neste mundo digital estão predominantemente multimodais e isso colabora tanto no ensino-aprendizagem dos discentes de nível fundamental, médio e superior, como deixa a sociedade mais acessível, comunicativa e multiletrada.

Reiteramos também que, por nosso objeto de estudo ser composto por imagens estáticas, no caso, charges, não analisamos o recurso sonoro, todavia, pretendemos, posteriormente, trazer contribuições acerca desse recurso que é utilizado em campanhas publicitárias, letras de músicas, vídeos, ou melhor, os famosos *Reels* que circulam no *Instagram*, *Facebook*, *YouTube*, *TikTok* e *Kwai*, redes sociais que promovem engajamento, publicidade e interação. Para isso, temos como aporte teórico os postulados de Kress (2003), além das contribuições de Santaella (2005).

Diante disso, esperamos que esta pesquisa inspire outros pesquisadores a pesquisar sobre Semiótica Social e seus desdobramentos: abordagem multimodal e GDV, com foco na análise de textos multimodais, bem como investir em pesquisas em que as lentes sejam voltadas para os efeitos de sentido desses textos que não é construído apenas por meio da linguagem verbal, mas dos recursos multissemióticos e modos da linguagem.

Além disso, almejamos que esta dissertação contribua com os estudos linguísticos, discursivos e identitários, tendo em vista que os textos multimodais são muito utilizados nas práticas discursivas e colabore de forma significativa para as diversas práticas sociais que ancoram a linguagem.

REFERÊNCIAS

ABREU, Joel Gomes.; MONTEIRO Silvana Drumond. Matrizes da linguagem e a organização virtual do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília: DF, v. 39, n. 2, p.9-26, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652010000200001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/RLbqyPhSp35VYsxsXBmbmmm/>. Acesso em: 09 mar. 2023.

ADAM, Jean-Michel. **Linguistique textuelle**: des genres de discours aux texts. Paris: Nathan, 1999.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1988.

ADAMI, Elisabetta. **Multimodality and superdiversity**: evidence for a research agenda. Tilburg University: Netherlands, 2017.

AGOSTINHO. **A doutrina cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.

ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. **Novas perspectivas em análise visual** – do texto ao contexto. Campinas: Mercado das Letras, 2017.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.

ARTAXO, Paulo. O que esperar de 2022 na área ambiental no Brasil. **Jornal da USP**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.ecoamazonia.org.br/2021/12/esperar-2022-area-ambiental-brasil/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

BARROS, Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto. **As marcas de polifonia na produção escrita de estudantes universitários**. 2007. 226 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Salvador, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. *In*: DIONISIO, Angela Paiva.; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. 2.ed. Campina Grande - PB: EDUFCEG, 2020. (Série Charles Bazerman, v.1).

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. *In*: DIONISIO, Angela Paiva.; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. (org). 2.ed. Campina Grande - PB: EDUFCEG, 2021. (Série Charles Bazerman, v.2).

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BARBOSA, Vania Soares. **Multimodalidade e letramento visual**: uma proposta de intervenção pedagógica para integrar as habilidades de ler e ver no processo de ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira. 2017. 414 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

BALBINO, Gustavo Ewerson da Rocha. **Um estudo da gramática do design visual em charges de futebol**. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

BEZEMER, Jeff.; KRESS, Gunther Rolf. Writing multimodal texts: a social semiotic account of designs for learning. **Written Communication**, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 166-195, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0741088307313177>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0741088307313177>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BEZEMER Jeff.; MURTAGH, Ged.; COPE, Alexandra; KRESS, Gunther; KNEEBONE, Roger. "Scissors, Please": the practical accomplishment of surgical work in the operating theater. **Symbolic Interaction**, [S.l.], v. 34, n. 3, p. 398-414, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1525/si.2011.34.3.398>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1525/si.2011.34.3.398>. Acesso em 12 jan. 2024.

BEZEMER, Jeff.; KRESS, Gunther Rolf. Touch: a resource for making meaning. **Australian Journal of Language and Literacy**, [S.l.], v. 37, n. 2, p. 77-85, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF03651935>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03651935>. Acesso em 12 jan. 2024.

BEZEMER, Jeff.; KRESS, Gunther Rolf. **Multimodality, Learning and Communication**: a social semiotic frame. New York: Routledge, 2015.

BEZEMER, Jeff.; KRESS, Gunther Rolf. Continuity and change: semiotic relations across multimodal texts in surgical education. **Text & Talk**, [S.l.], v. 37, n. 4, p. 509-530, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1515/text-2017-0014>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/text-2017-0014/html>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola, 2017.

BEZERRA, Benedito Gomes. **O gênero como ele é (e como não é)**. São Paulo: Parábola, 2022.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732013000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/RjflWT8xz63JrBKXhyw3ZRq/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

BRAIT, Beth. Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem. In: MENDES, Emília.; MACHADO, Ida Lucia.; LIMA, Helcira.; LYSARDO-DIAS, Dylia. **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013, p. 38-55.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 1999.

BÜHLER, Rosilma Diniz Araújo. **Gramática visual**: uma leitura de imagens em material didático de línguas alemã e inglesa. 2010. 130f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

CASAGRANDE, Daniela Costa da Silva. **Persuasão em charges multimodais**: humor e ironia com o apoio da relação metáfora/metonímia um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional. 2021. 95 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo, 2021.

CALDAS, Maria Cilânia de Sousa. **Multiletramentos e multimodalidade em livro didático de português de ensino médio**. 2021. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2021.

CAREL, Marion.; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion.; DUCROT, Oswald. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.43, n. 1, p. 7-18, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/2865>. Acesso em: 17 jun. 2024.

CAREL, Marion. **La polyphonie linguistique**. Transposition; musique et sciences sociales. Paris: EHESS, 2011.

CUNHA, Andreia Honório da. **Tiras e gramática do design visual**: a produção de sentidos no gênero multimodal. 2017. 183 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, 2017.

COPE, Bill.; KALANTZIS, Mary. Changes the Role of Schools. *In*: COPE, Bill.; KALANTZIS, Mary. (org.). **Multiliteracies**: literacy learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2006, p. 121-234.

CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho. **Estudos sobre o desenvolvimento da comunicação verbal na criança**. 2009. 292f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – São Paulo, 2009.

CORRÊA, Adriana Moreira de Souza.; SOUZA, Diones Bezerra de.; SILVA, Luana Ferreira de Araújo. Reflexões sobre o trabalho com os gêneros multimodais: perspectiva dos multiletramentos. *In*: MARCELINO, João Gabriel Carvalho *et al.* (org.). **Estudos linguísticos**: língua, linguagem, ensino; estudos da tradução e interdisciplinaridade da linguagem. v.2, Paulo Afonso: Bahia, Centro Universitário do Rio São Francisco, 2023.

CHANDLER, Daniel. **Semiotics: the basics**. 2. ed. London, New York: Routledge, 2007.

DIONISIO, Angela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramentos. *In*: KARWOSKY, Acir Mário.; GAYDECZK, Beatriz.; BRITO, Karim Siebeneicher (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005, p. 159-177.

DIONISIO, Angela Paiva.; MACHADO, Anna Rachel.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DESMATAMENTO ZERO: o que Lula promete mudar na preservação da Amazônia. **BBC News Brasil**. Londres, v. 1. nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63462152>. Acesso em: 26 mar. 2023.

DONDIS, Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1977.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. *In*: DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987a.

DUCROT, Oswald. Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica linguística. *In*: DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987b.

DUCROT, Oswald. Pressupostos e subentendidos (reexame). *In*: DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987c.

DUCROT, Oswald. Nota sobre a pressuposição e o sentido literal (posfácio). *In*: HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

EGGINS, Suzanne. **An introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2.ed. London, New York: Continuum, 1994.

FRANÇA, José Marcos. Os implícitos no ensino da leitura: pressupostos e subentendidos. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 16, p. 61-75, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1007>. Acesso em: 6 out. 2023.

FILLMORE, Charles.; LANGENDOEN, Terence. **Studies in linguistic semantics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971, p. 44-52.

FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARHAT, Theodoro Casalotti.; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Análise multimodal: noções e procedimentos fundamentais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, São Paulo, v. 61, n. 2, p. 1-20, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318138666675v61n22022>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/WzWj4zQrqbXkLnx3fFRXMnz/>. Acesso em: 04 jul. 2023.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. *In.*: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 165-186.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 7ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Tradução de Roberto Cadalto Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**. Trad. Haquira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUALBERTO, Clarice Lage. **Multimodalidade em livros didáticos de língua portuguesa**: uma análise a partir da semiótica social e da gramática do design visual. 2016. 181 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Faculdade de Letras, 2016.

GUALBERTO, Clarice Lage. **Muito além das palavras**: leituras multimodais a partir da semiótica social (org.). São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.

GUALBERTO, Clarice Lage.; KRESS, Gunther Rolf. Social Semiotics. Social Semiotics. *In*: HOBBS, Renee.; MIHAILIDIS, Paul. (eds.). **International Encyclopedia of Media Literacy**. New York: Wiley-Blackwell, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118978238.ieml0226>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781118978238.ieml0226>. Acesso em: 15 fev. 2024.

GUALBERTO, Clarice Lage.; PIMENTA, Sônia. **Semiótica social, multimodalidade, análises, discursos**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

GUALBERTO, Clarice Lage.; BRITO, Regina.; PIMENTA, Sônia. Semiótica Social, Multimodalidade e Youtube: um estudo de caso sobre projeções de identidade. **Revista Texto Integral**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 7-41, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2021.e82410>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/82410>. Acesso em: 12 fev. 2024.

GUALBERTO, Clarice.; PIMENTA, Sônia. Signos da pandemia: multimodalidade, semiótica social e comunicação a partir do pensamento de Gunther Kress. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 384-400, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v22i1.37273>. Disponível em:

<https://www.periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/37273>. Acesso em: 27 fev. 2024.

HALLIDAY, Michel Alexander Kirkwood. **Language as a social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, Michel Alexander Kirkwood.; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text**: aspects of language in a Social-Semiotic perspective. 2.rd ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. 2.rd ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood.; MATTHIESSEN, Christian Mathias Inge-
mar. **Introducion to functional grammar**. 3.rd ed. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood.; MATTHIESSEN, Christian. **Halliday's in-
troductioin to functional grammar**. 4. Rd ed., Oxford/New York: Routlegde, 2014.

HASAN, Ruqaiya. Situation and the definition of genres. *In*: GRIMSHSW Allen Day. (org.). **What's going on here?** Complementary studies of professional talk. Nor-
wood: Ablex, 1994, p. 127-72.

HODGE, Roger.; KRESS, Gunther Rolf. **Social Semiotics**. Cambridge: Polity, 1988.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ob-
jetiva, 2001.

JEWITT, Carey.; OYAMA, Rumiko. Visual meaning: a social semiotic approach. *In*:
VAN LEEUWEN, Theodore.; JEWITT, Carey. (ed.). **Handbook of visual analysis**.
London: Sage, 2001, p. 134-156.

JEWITT, Carey. **The handbook of multimodal analysis**. New York: Routledge
Press, 2009.

KRESS, Gunther Rolf. **Writing the future**: english and the making of a culture of in-
novation. London: National Association for the Teaching of English, 1995.

KRESS, Gunther Rolf. Towards an Analysis of the Language of European intellectu-
als. **Journal of European Studies**, [S.l.], v. 8, p. 274-91, 1978. DOI:
<https://doi.org/10.1177/00472441780080320>. Disponível em:
<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/004724417800803204>. Acesso em: 06 abr.
2023.

KRESS, Gunther Rolf. Against arbitrariness: the social production of the sign as a
foundational issue in critical discourse analysis. **Discourse & Society**, [S.l.], v. 4, n.
2, p. 169-191, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1177/0957926593004002003>. Disponível

em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0957926593004002003>. Acesso em: 19 jun. 2023.

KRESS, Gunther Rolf.; VAN LEEUWEN, Theodore. Front Pages: (The Critical) Analysis of Newspaper Layout. *In*: BELL, Allan.; GARRET, Peter. **Approaches to media discourse**. Oxford: Blackwell Publishing, 1998, p. 186-219.

KRESS, Gunther Rolf. Multimodality. *In*: COPE, Bill.; KALANTZIS, Mary. (eds.). **Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000, p. 182-202.

KRESS, Gunther Rolf.; LEITE-GARCIA, Regina.; VAN LEEUWEN, Theodore. Semiótica Discursiva. *In*: VAN DIJK, Teun Adrianus. **El discurso como estructura y proceso**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.

KRESS, Gunther Rolf.; VAN LEEUWEN, Theodore. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Edward Arnold, 2001.

KRESS, Gunther Rolf.; VAN LEEUWEN, Theodore. Colour as a semiotic mode: notes for a grammar of colour. **Visual Communication**. [S.], v.1, 3. ed. p. 343-368, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1177/147035720200100306>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/147035720200100306>. Acesso em 11 jan. 2024.

KRESS, Gunther Rolf. **Literacy in the New Media Age**. London: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther Rolf.; VAN LEEUWEN, Theodore. **Reading images: the grammar of visual design**. 1rd ed. London and New York: Routledge, 1996.

KRESS, Gunther Rolf.; VAN LEEUWEN, Theodore. **Reading images: the Grammar of Visual Design**. 2rd ed. New York: Routledge, 2006.

KRESS, Gunther Rolf.; VAN LEEUWEN, Theodore. **Reading images: the Grammar of Visual Design**. 3rd ed. New York: Routledge, 2021.

KRESS, Gunther Rolf. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary Communication**. New York: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther Rolf. Semiotic work Applied Linguistics and a social semiotic account of Multimodality. **AILA Review**, [S.], v.28, p. 49-71, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1075/aila.28.03kre>. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/aila.28.03kre>. Acesso em: 06 abr. 2023.

KRESS, Gunther Rolf. Designing Meaning: social semiotic multimodality seen in relation to ethnographic research. *In*: BOLLIG, Sabine *et al.* **MultiPluriTrans in Educational Ethnography: approaching the multimodality, plurality and translocality of educational realities**. Bielefeld: Transcript Verlag, p. 213-233, 2015.

KRESS, Gunther Rolf. What is mode. *In*: JEWITT, Carey. **The Routledge handbook of multimodal analysis**. 2. ed. New York: Routledge, 2014, p. 60-75.

LANDOWSKI, Eric. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galaxia**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 10-20, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-25542014119609>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/bPV5nZ7ZFRyJP74QNry9yB/>. Acesso em 10 jan. 2024.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEBLER, Cristiane Dall Cortivo. Pressupostos e subentendidos segundo a Teoria da Argumentação na Língua. **Gragoatá**, Niterói, v. 21, n. 40, p. 295-316, 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v21i40.33385>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33385>. Acesso em: 01 fev. 2024.

MACHADO, Ida Lucia. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 108-128, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732014000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/mYBh6frXWPCZXwKzbtChLYj/>. Acesso em: 06 fev. 2024.

MAGALHÃES, Celia.; ARAÚJO, Vera Lucia Santiago. Metodologia para elaboração de audiodescrições para museus baseada na semiótica social e multimodalidade: introdução teórica e prática. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, [S.], v. 12, n. 1, p. 31-56, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33472>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: KARWOSKI, Acir Mário.; GAYDECZKA, Beatriz.; BRITO, Karim Siebeneicher (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. União da Vitória/PR: Kaygangue, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola, 2008.

MARTIN, Jeannett.; ROSE, David. **Working with Discourse: meaning beyond the clause**. London; New York: Continuum, 2003.

MARTIN, Jeannett.; WHITE, Peter. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave, 2005.

MOREIRA, Herivelton.; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NEW LONDON GROUP. A Pedagogy of Multiliteracies: designing social futures. **Harvard Educational Review**, Cambridge, MA, v.66, n.1, p. 60-92, 1996. DOI: <https://doi.org/10.17763/haer.66.1.17370n67v22j160u>. Disponível em:

<https://meridian.allenpress.com/her/article-abstract/66/1/60/31673/A-Pedagogy-of-Multiliteracies-Designing-Social?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 29 jan. 2024.

O'TOOLE, Michael. **The language of displayed art**. Rutherford, Madison, Teaneck: Fairleigh Dickinson University Press, 1994.

O'HALLORAN, Kay. L. Systemic functional-multimodal discourse analysis (SF-MDA): constructing ideational meaning using language and visual imagery. **Sage Publications**, [S.], v. 7, n. 4, p. 443-475, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/1470357208096210>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1470357208096210>. Acesso em 9 jul. 2024.

PAES, Vera Lúcia Viana de. **Uma análise sociosemiótica do texto publicitário: representações multimodais de banco digitais na plataforma Facebook**. 2020. 224 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano.; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni. Orlandi *et al.* Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1988.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PONTE, Raquel.; NIEMEYER, Lucy. Matrizes de linguagem e pensamento como análise da identidade televisiva. **Revista Triades**, [S.], v. 1, n. 1, p. 1-16, 2016. Disponível em: <https://doczz.com.br/doc/632535/matrizes-de-linguagem-e-pensamento-como>. Acesso em: 07 ago. 2023.

PINHEIRO, Petilson. Da linguística saussuriana à semiótica social: o conceito de multimodalidade sob escrutínio. **DELTA**. Campinas, n. 63.2, p. 396-411, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/01031813v63220248675669>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/RRbYKdH3WVGQKK8fW8gXn6K/?lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2024.

RODRIGUES, Augustín Perez. **Mídia exterior: a produção de efeito de sentido**, 2005. 196f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2005.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação**. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola, 2021.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, José Luiz.; BONINI, Adair.; MOTTA-ROTH, Désirré (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005, p. 184-207.

ROJO, Roxane.; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane.; MOURA, Eduardo. **Letramentos, Mídias, Linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SELLARS, Wilfrid. Presupposing. **The Philosophical Review**. [S.], v. 63, n. 2, p. 197-215, 1954. DOI: <https://doi.org/10.2307/2963531>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-symbolic-logic>. Acesso em: 05 maio 2023.

STRAWSON, Peter Frederick. Sobre referir. *In*.: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, v.52, 1950, p. 261- 280.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos**: semiose e autogeração. São Paulo: Ática, 1995.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo, Brasiliense, 1996[1983].

SANTAELLA, Lucia. **Produção de linguagem e ideologia**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. Pioneira Thomson Learning, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SANTOS, Záira Bomfante dos. **A representação e a interação verbal e visual**: uma análise de capas e reportagens de revistas na perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional e da Gramática do Design Visual. 2013. 257 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2013.

SANTOS, Záira Bomfante dos.; PIMENTA, Sônia Maria Oliveira. Da semiótica social à multimodalidade: a orquestração de sentidos. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v.12, n. 2, p. 295-324, 2014. DOI: <https://doi.org/10.21709/casa.v12i2.7243>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/7243>. Acesso em: 18 abr. 2023.

SANTOS, Záira Bomfante dos. A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. **SOLETRAS**. [S.], n. 28, p. 164-181, 2014. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2014.12994>. Disponível em: <https://www.e->

publicacoes.treinamento.uerj.br/soletras/article/view/12994. Acesso em: 20 out. 2022.

SANTOS, Zaira Bomfante dos.; GUALBERTO, Clarice Lage. Semiótica Social e o legado de Gunther Kress: breve retrato histórico. *In*: SANTOS, Zaira Bomfante dos.; GUALBERTO, Clarice Lage (org.). **Semiótica Social e Multimodalidade**: Um tributo a Gunther Kress. Vitória, ES: Edufes, 2023. p. 17-38.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Cheliline, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Luciana Ferreira Pinto da. **Estudo crítico da representação visual do léxico em dicionários infantis ilustrativos**. 2006. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Brasília, Brasília, 2006.

SILVEIRA, Deise Mônica Medina. **Audiodescrição de Charges e Cartuns no Livro Didático Digital**: uma proposta de parâmetros à luz da Gramática do Design Visual. 2019. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SILVA, Maria Gorette Andrade.; RODRIGUES, Linduarte Pereira. Cores, texturas e tipografia: desenvolvendo a competência leitora por meio de recursos multimodais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 61.1, p. 265-275, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/01031813913511520210121>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/gmQxbBJCcMmMwCn5CBvfKjS/>. Acesso em: 09 jan. 2024.

SOUSA, Maria Margarete Fernandes de. **A linguagem do anúncio publicitário**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 2017.

SOUZA, Lídia Lerbach de. **Multimodalidade e contexto na leitura de textos charge**. 2020. 106 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SOUZA, Diones Bezerra de.; FRANÇA, Marcos de.; GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. Algumas considerações sobre as teorias linguísticas: vozes distintas, ecos convergentes e divergentes. **Análises críticas em linguística e literatura**. *In*: PEREIRA, Maria Lidiane *et.al.* Araraquara, SP, Letraria, 2023, p. 192-205.

SOUZA, Diones Bezerra de.; SOUSA, Maria Margarete Fernandes de. Multimodalidade e argumentação em um anúncio publicitário veiculado no Instagram. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-20, e02413, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22297/2316-17952024v13e02413>. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/5954>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SOUZA, Maria Medianeira.; SANTOS, Roberto.; MENDES, Wellington Vieira. Gunther Kress, ciência e multimodalidade: do mar ao sertão e do sertão ao

mar. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 342–364, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v22i1.37265>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/37265>. Acesso em: 9 jul. 2024.

STORTO, Letícia Jovelina.; BRAIT, Beth. Ensino de gêneros discursivos orais em livros didáticos de língua portuguesa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, São Paulo, v. 62, n. 00, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v62i0.8656922>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8656922>. Acesso em: 04 mar. 2023.

SWALES, John Malcolm. **Genre Analysis**: english in academic and research settings. Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, Geoff. **Introducing Functional Grammar**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2003.

TIBURTINO, Vanessa. **A multimodalidade no livro didático de língua inglesa: diálogo entre a paisagem semiótica dos textos e as orientações direcionadas ao professor e ao aluno**. 2022. 365 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Faculdade de Letras, 2022.

TODOROV, Tzvetan. **The origin of genres**. *New Literary History*, Baltimore, v. 8, n. 1, p. 159-170, 1976. DOI: <https://doi.org/10.2307/468619>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/468619?origin=crossref>. Acesso em: 02 fev. 2023.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**, 1. ed., São Paulo, Atlas, 2011

VAN LEEUWEN, Theodore. **Introducing social semiotics**. London e New York: Routledge, 2005.

VAN LEEUWEN, Theodore. **The language of colour: an introduction**. First published by Routledge. USA and Canada, 2011.

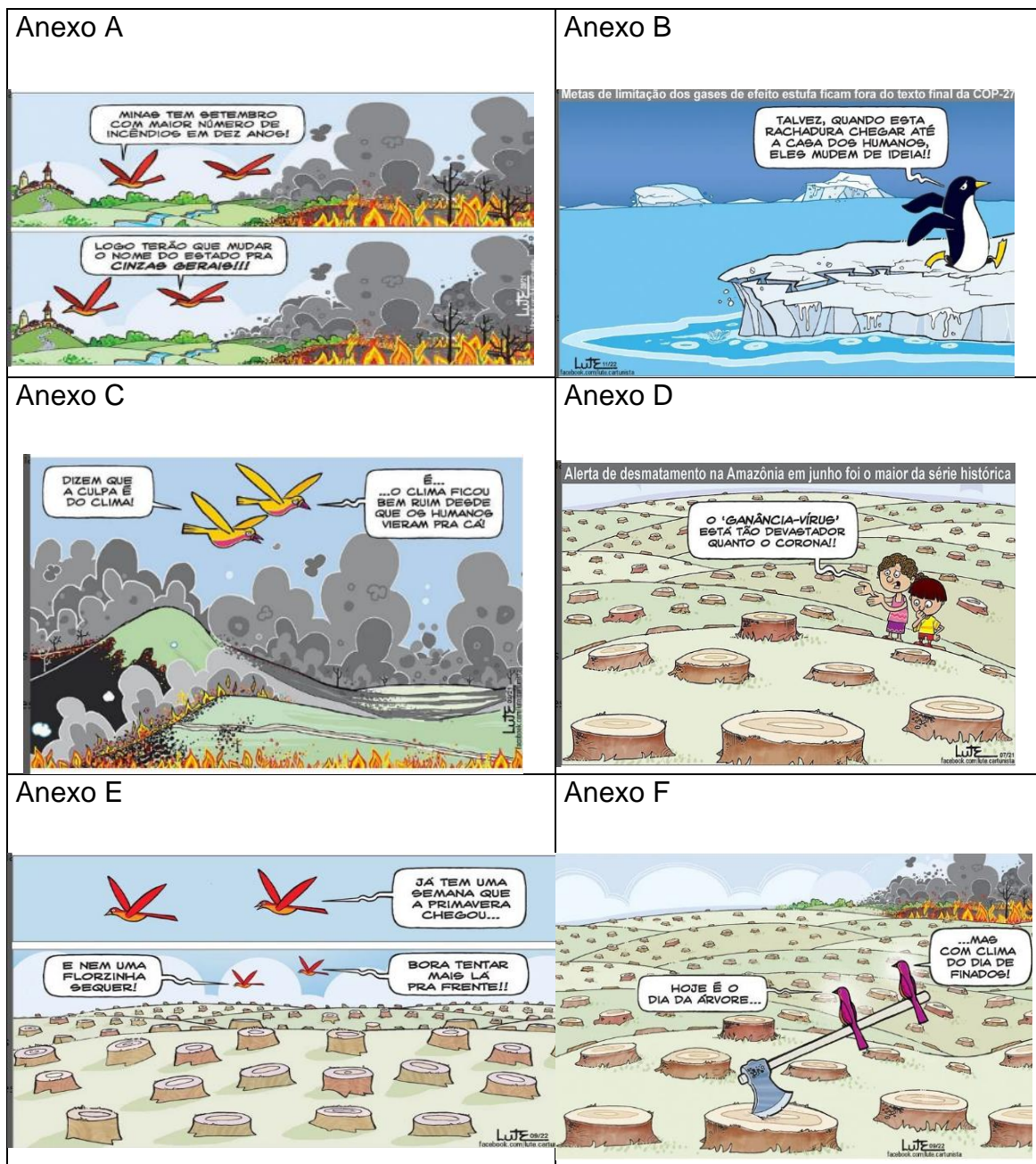
VAN LEEUWEN, Theodore. Colour: code, mode, modality – the case of film and video. In: JEWITT, Carey. **The Routledge handbook of multimodal analysis**. 2.nd edition. New York: Routledge, 2014, p. 397-410.

VIEIRA, Josenia.; SILVESTRE, Carminda. **Introdução à multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social**. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

YARED, Maria Lílian.; VAN LEEUWEN, Theodore. The language of colour: an introduction. **Discursos Contemporâneos em Estudo**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 227–232, 2011. DOI: <https://doi.org/10.26512/discursos.v1i1.0/8280>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/discursos/article/view/8280>. Acesso em: 2 out. 2023.

ANEXOS

Constam, aqui, as demais charges que fizeram parte da seleção do *corpus* desta pesquisa (conforme explicitado no Quadro 5), mas utilizamos somente as charges que consideramos mais relevantes para atender aos nossos objetivos.



Anexo G



Anexo H



Anexo I



Anexo J



Anexo K

